



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS
CURSO DE PSICOLOGIA

A INTERFERÊNCIA DA TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Marinez Silva Mussi

BRASÍLIA
NOVEMBRO, 2006

MARINEZ SILVA MUSSI

A INTERFERÊNCIA DA TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso de
Psicologia do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília.

Prof(a). Orientadora Doutora Carlene
Maria Tenório Dias.

Brasília/DF, Novembro de 2006.

AGRADECIMENTOS

Dedico a conclusão desta monografia:

A Deus, pela força e orientação para vencer todos os obstáculos encontrados no caminho desse sonho;

Aos meus pais, que me trouxeram ao mundo e que proporcionaram o início da minha caminhada;

Aos entrevistados, pelas informações fundamentais à construção deste trabalho;

A professora e amiga Carlene Maria Tenório Dias, pela competência acadêmica com que me orientou no processo de construção do conhecimento;

As minhas amigas da faculdade e do estágio, pela amizade e incentivo intelectual;

Ao Camilo, homem especial, meu crítico e incentivador, com quem tenho o privilégio de construir essa monografia e a minha vida;

A Priscilla e Thiago, meus filhos queridos e adoráveis que tiveram que partilhar desta árdua tarefa, suportando constantes ausências do convívio familiar e

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram nas diversas fases deste trabalho.

SUMÁRIO

Introdução	1
1. Tecnologia da comunicação no pós-modernismo	3
2. Relação de casal: na perspectiva Sistêmica e na Gestáltica	12
2.1 A construção da vida conjugal	12
2.2 Ciclo de vida	14
2.3 Questão de gênero	15
2.4 Individuação e Diferenciação	16
2.5 Satisfação e Insatisfação conjugal	18
2.6 Problemas e suas estratégias na conjugalidade	19
2.7 Comunicação entre os parceiros	21
3. Tecnologia e Intimidade Conjugal	25
3.1 Aspectos Subjetivos influenciados pela tecnologia de comunicação	25
3.2 Fragilidade das relações	28
3.3 Trabalho: tempo e o ritmo na relação do casal	28
3.4 Tecnologia: limite entre o trabalho e o lar	29
3.5 Infidelidade virtual – a quebra de confiança no parceiro	30
4. Metodologia de Pesquisa	33
4.1 Aspectos básicos e objetivos da Pesquisa Qualitativa	33
4.2 Procedimento Metodológico	35
4.2.1 Escolha e descrição dos sujeitos	35
4.2.2 Coleta dos dados	36
4.2.3 Análise do conteúdo das entrevistas semi-estruturadas	37
5. Resultados da Pesquisa (Análise de Conteúdo)	39
5.1 Sujeito 1	39
5.2 Sujeito 2	46
5.3 Sujeito 3	54
5.4 Sujeito 4	61
6. Discussão dos Resultados	69
Conclusão	81
Apêndice I - Carta Convite	83
Apêndice II - Termo de Consentimento	84
Apêndice III - Roteiro da Entrevista Semi-Estruturada - Questões para o casal	85
Apêndice IV - Entrevista Semi-Estruturada - Sujeito 1	87
Apêndice V - Entrevista Semi-Estruturada - Sujeito 2	95
Apêndice VI - Entrevista Semi-Estruturada - Sujeito 3	103
Apêndice VII - Entrevista Semi-Estruturada - Sujeito 4	110
Referências Bibliográficas	116

RESUMO

Este trabalho busca entender como a Internet e o celular interferem no espaço relacional do casal e nas suas relações interpessoais, que são baseadas em códigos sociais, crenças e valores estabelecidos em suas famílias de origem, dentro de um contexto sócio-histórico, que se modificam com o transcorrer do tempo. Discorre-se sobre a inserção dos meios de comunicação nas relações interpessoais contemporâneas, a origem da Internet e do celular no acelerado processo de modernização e as conseqüências para as dimensões psicológicas, afetadas de forma implícita no cotidiano do sujeito. Dentro de uma abordagem sistêmica e com a teoria da Gestalt, se propõe a explicar o impacto das mudanças que dão forma à vida e aos sistemas íntimos de relacionamento, mostrando aspectos relacionados ao processo de constituição e manutenção da relação conjugal, bem como o posicionamento dos sujeitos diante deste contexto. Abordam-se os aspectos subjetivos causados pela tecnologia da comunicação, como aproximação ou distanciamento das relações, rituais significativos, invasão de privacidade, fragilidade das relações e a distribuição do tempo dedicado ao trabalho dentro da relação conjugal. A metodologia utilizada foi a Pesquisa Qualitativa que se apoiou no instrumento de análise do conteúdo das entrevistas semi-estruturadas, feitas com dois casais, cujos resultados, demonstram os efeitos positivos e negativos da Internet e do celular na relação conjugal.

INTRODUÇÃO

Novos comportamentos apresentados pelo homem, diante do espetáculo tecnológico da comunicação, em especial a Internet e o celular, geram novas formas de contato interpessoal, que vêm deixando as pessoas perplexas e com inúmeras indagações sobre como o homem do século XXI acompanha e compreende esse fenômeno que, constantemente, produz sentidos subjetivos diferentes para cada sujeito e em cada situação.

Remeter-se ao universo complexo que é o ser humano é tarefa difícil e desafiante, devido aos diversos fatores que interferem e possibilitam a construção da subjetividade de cada indivíduo.

Em meio a este processo de construção da subjetividade, o ser humano procura estabelecer contatos interpessoais que são permeados por crenças, códigos e transformações culturais e sociais que evoluem pelo tempo.

Dentro da relação de casal, homens e mulheres passam a se adequar a novos códigos sociais para continuarem seguindo em frente, em busca de autonomia, liberdade e crescimento pessoal, sem desvincularem-se da adequação social e da possibilidade de viverem uma relação simétrica e funcional. As formas de constituição dos relacionamentos, de casamento, de sexualidade evoluem e modelos já constituídos são postos em discussão, constantemente, nesse mundo acelerado das transformações tecnológicas da comunicação. Novos paradigmas estão sendo instituídos e, cada vez mais, o espaço para novos contatos relacionais se expande na busca de maior bem estar.

De acordo com a nova visão de homem, compreendida a partir das teorias pós-modernas, acredita-se que diversos são os fatores que contribuem para “A influência da tecnologia da comunicação na relação conjugal”. A visão míope sobre o homem, as noções estanques e parciais estão sendo substituídas por uma idéia de complexidade, de todo, onde a subjetividade do sujeito é ampliada e estudada, para melhor compreender as questões relacionadas ao tema.

Nesse sentido, a pesquisa terá um caráter qualitativo, uma vez que este dá maior importância aos aspectos subjetivos dos indivíduos pesquisados – para a pesquisa qualitativa não existe uma verdade única ou absoluta que tem que ser focada. A realidade é subjetiva e socialmente construída, também nesse sentido a pesquisa terá um caráter participativo.

O sujeito pesquisado é parte ativa do processo de construção de informações sobre si mesmo e sobre o espaço social em que se encontra inserido. O pesquisador vai integrando as informações de forma que surja uma construção de sentido subjetivo fiel.

Como problema central, estuda-se como a tecnologia da comunicação interfere na relação conjugal, mais especificamente, a Internet e o telefone celular.

Este trabalho tem por finalidade identificar as percepções e significados produzidos pelos casais, diante das novas transformações tecnológicas da comunicação, do mundo globalizado; compreender como as novas tecnologias da comunicação interferem nos relacionamentos conjugais; identificar o espaço que a tecnologia da comunicação ocupa nas vidas dos casais entrevistados e averiguar como se dá o enfrentamento de possíveis conflitos de comunicação, o posicionamento e a organização do casal, decorrente das transformações da tecnologia da comunicação.

No primeiro capítulo, discorre-se sobre a inserção dos meios de comunicação nas relações interpessoais contemporâneas, a origem da Internet e do celular no acelerado processo de modernização e as conseqüências para as dimensões psicológicas, afetadas de forma implícita no cotidiano do sujeito.

O segundo capítulo, dentro de uma abordagem sistêmica e com a teoria da Gestalt, se propõe a explicar o impacto das mudanças que dão forma à vida e aos sistemas íntimos de relacionamento, mostrando aspectos relacionados ao processo de constituição e manutenção da relação conjugal, bem como o posicionamento dos sujeitos diante deste contexto.

O terceiro capítulo aborda os aspectos subjetivos causados pela tecnologia da comunicação, como aproximação ou distanciamento das relações, rituais significativos, invasão de privacidade, fragilidade das relações e a distribuição do tempo dedicado ao trabalho dentro da relação conjugal.

A metodologia utilizada é descrita no capítulo quarto, onde se apresentam os aspectos básicos da Pesquisa Qualitativa, o procedimento metodológico aplicado na escolha dos sujeitos, na coleta de dados e na análise do conteúdo das entrevistas semi-estruturadas.

No capítulo cinco apresentam-se os dados obtidos com a aplicação da pesquisa. Esta produção de informações está apresentada a partir de seis categorias, que são: Influência dos meios de comunicação (Internet e celular); Velocidade das transformações da tecnologia da comunicação; Constituição e diferenças de relacionamentos; Aspectos relacionados ao casal frente à tecnologia da comunicação; Fragilidade das relações na era da informação e Transformações tecnológicas da comunicação e a distribuição do tempo.

No último capítulo, o sexto, discute-se os resultados que, a partir dos dados coletados e da teoria estudada, foram inferidos pelo autor.

CAPÍTULO 1 - TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO NO PÓS-MODERNISMO.

As recentes e radicais alterações do cenário mundial têm gerado impactos profundos nas dimensões social e individual, principalmente, nas relações interpessoais contemporâneas. Alguns aspectos que mais têm se modificado dizem respeito ao desenvolvimento da tecnologia eletrônica e dos meios de comunicação. Isso permite afirmar que essas transformações vêm interferindo no mundo relacional, ao longo dos séculos, levando a diferentes formas de subjetivação e interação humana responsáveis pela construção de agrupamentos humanos (família, casal) e da sociedade como um todo. Em consequência disto, antigas certezas se transformaram em dúvidas e destruindo os sólidos edifícios teóricos de campos disciplinares, que outrora explicavam tais processos.

A razão que levava a segurança do mundo moderno é perdida. O homem vivia um tempo histórico, com passado, presente e futuro. Existia um movimento de progresso contínuo, de unificação de mundo sociais, priorização da realização do indivíduo e a diluição das dificuldades.

Agora na pós-modernidade as referências deste homem estão desaparecendo, restando a fragmentação do indivíduo, a insegurança, o desaparecimento dos sonhos coletivos que dão lugar aos valores transitórios, característica da globalização, estes são produzidos e originados por contextos sócio-naturais de alta incerteza (Campos 2004, apud Farah 2004).

A teoria e a cultura pós-moderna celebram o fim da razão, da previsibilidade, da história dos fenômenos, renunciando a capacidade de entender e encontrar sentido até no que não tem sentido. Agora, o mundo é percebido como complexo, fragmentado e imprevisível. Isso se reflete na forma como o sujeito se percebe no mundo e como vai estabelecer sua relação com o mesmo. Ou seja, a forma pela qual o homem pós-moderno organiza seu mundo, gera sentimentos de perda de algo que antes era considerado duradouro (no caso a forma de ser e estar no mundo).

Desde a difusão da Internet e dos celulares, muito se questiona sobre as mudanças e possibilidades dos vários tipos de contato interpessoal. Que mundo é esse que encanta, fascina e faz com que usuários que não se conhecem fisicamente se envolvam e façam parte de um mesmo grupo; que causa conflitos familiares e que traz alegrias familiares; que é marcado pela superficialidade e o hedonismo. São opostos que se atraem e que favorecem a evolução do ser humano. É da essência do homem comunicar-se, não importam a distância e os meios, dos mais rudimentares aos mais sofisticados, independentemente do grau evolutivo em que se encontra, o homem sempre necessitou se expressar. O homem se constitui nessa saudável

obsessão, alimentada pela necessidade de ouvir e ser ouvido, que faz com que no transcorrer de sua caminhada evolutiva, passe pelas incursões do mundo imaginário, da ficção à realidade (Rosa, 2005).

O ser humano sempre sonhou com um mundo sem fronteiras, um mundo universal, onde as pessoas possam estar mais próximas, sem perder sua autonomia, onde o conhecimento (produto dessa autonomia) possa ser utilizado o mais democraticamente possível. Assim, para compreender melhor essa máquina tecnológica tão útil para o homem, torna-se imperioso, retroceder no tempo, a fim de compreender-se, melhor, a origem disto que hoje se conhece como um produto do avanço da tecnologia.

Pode-se dizer, primeiramente, que a palavra "computador" vem do latim *computatore*, significando "aquele que faz computos, que calcula". De acordo com Rosa (2005) considera-se, hoje, Charles Babbage, matemático inglês, como o "pai" do computador atual. Por volta de 1822, ele criou um modelo de máquina para calcular tabelas, chamada "máquina das diferenças" e, a partir daí, foi sendo modernizado. Porém, foi no final da década de 1930, por causa da II Guerra Mundial, que se intensificou a necessidade de cálculos científicos, desenvolvendo-se vários projetos simultaneamente (Rosa, 2005).

A Internet, que consiste num conjunto de tecnologias para acesso, distribuição e disseminação de informação em redes de computadores, hoje, febre mundial, foi idealizada para resistir a ataques nucleares - algo bastante tangível durante a guerra fria, época em que foi concebida. A fagulha que acabaria por acender a revolução da conectividade ocorreu em 1957, quando a União Soviética colocou em órbita o primeiro satélite espacial, o *Sputnik*. O Departamento de Defesa dos EUA foi incumbido da missão de pesquisar e desenvolver alta tecnologia para as Forças Armadas e, para tanto, apoiou uma pesquisa sobre comunicações e redes que poderiam sobreviver a uma destruição parcial, em caso de guerra nuclear. A intenção era difundi-la de tal forma que, se os EUA viessem a sofrer bombardeios, esta rede permaneceria ativa, pois não existiria um sistema central e as informações poderiam trafegar por caminhos alternativos até chegarem ao seu destinatário (Ibdem).

Nos anos 70, a Internet passou a ser utilizado para fins acadêmicos e científicos, com a finalidade da propagação da liberdade de expressão nos seus mais elevados grau. No fim de 1972, inventou-se o correio eletrônico, que é até hoje a aplicação mais utilizada na rede. Em 1973, a Inglaterra e a Noruega foram ligadas à rede, tornando-se, com isso, um fenômeno mundial (Ibdem).

Com a liberação do acesso ao grande público, a Internet passou a crescer a taxas vertiginosas. Ainda, em 1990, entrou no ar o *World* (<http://www.world.std.com>), o primeiro

provedor de acesso comercial do mundo, permitindo que usuários comuns, desde que dispusessem de um micro e de um modem, alcançassem a grande rede. Por outro lado, a Internet foi se tornando cada vez mais internacional, surgindo os primeiros provedores de acesso, oferecendo o serviço a todos os interessados, mediante um pagamento mensal. Iniciou-se, então, o processo de popularização da Internet, até aquele momento era restrito aos meios militares e científicos. Em 1990, conectaram-se Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Chile, Grécia, Índia, Irlanda, Coréia do Sul, Espanha e Suíça (Ibdem).

A partir dos anos 90, a rede de comunicação da Internet sai dos pequenos lugares onde foi criada e estava sendo utilizada: faculdades, grandes empresas e área militar. A idade cibernética está instalada e não é mais possível voltar atrás, com isso criam-se novas estéticas que geram novos estados mentais que, portanto, geram novas relações (Ibdem).

A penetração social dos celulares, por sua vez, se deu de maneira mais tranqüila, pois é encarada como uma extensão do telefone fixo, inventado em 1876 como acesso ao mundo dos negócios. Só meio século depois é que passou a penetrar no meio doméstico, propiciando maior mobilidade aos seus usuários. De acordo com Gournay (conforme citado por Nicolacida-Costa, 2006), na telefonia celular o contato é de “um para um”, ou seja, não são intransitivas, fragmentárias e não formam uma rede. Já a Internet foi percebida como uma ruptura com as formas tradicionais de trabalhar, viver e relacionarem-se uns com os outros. Gerou a inédita possibilidade de qualquer indivíduo ter acesso a qualquer tipo de informação e interagir com todos. Isso gerou curiosidade e milhões de pessoas, ao redor do mundo passaram a ficar horas à frente de um computador, experienciando algo novo.

Fica nítido perceber, portanto, que a utilização maciça de novas tecnologias está provocando uma verdadeira revolução em nossa sociedade. Um novo sistema de comunicação que fala, cada vez mais, uma língua universal digital promovendo a integração global da cultura.

A condição Pós-Moderna traz a redução espacial, a aceleração temporal e a produção de novas realidades. Os homens do mundo cibernético trazem, para perto de si, objetos e pessoas vizinhas ou de outros países, sem que elas estejam fisicamente presentes, sofre-se uma aceleração dos tempos nunca vista antes, o modo de produzir, a agilidade do meio de se comunicar, a velocidade em que se constrói e desconstrói os vínculos afetivos. A Internet e o telefone virtualizaram a voz e permitiram a comunicação em tempo real a qualquer distância (Lopes (2004) apud Farah, 2004).

A utilização dos artefatos, gerados pela informatização, já está mais ou menos implícita na vida cotidiana dos indivíduos, virou rotina. Pouco importa a profissão,

escolaridade ou condição sócio-econômico para haver benefício de seus serviços - utensílios eletrodomésticos, brinquedos, transação comercial, pagamentos de serviços, são todos controlados por sistemas digitalizados. Não é fácil dizer que não interessa esse mundo tecnológico, dizer não ao computador, à televisão, ao telefone celular, cada um desses aparelhos é um atrativo que comanda nosso jeito de estar no mundo urbano. Vive-se em uma idade cibernética, onde as tecnologias da comunicação controlam e retroalimentam as relações, produzem uma linguagem, que o sujeito não pode ignorar, um mundo que o sujeito não consegue ficar de fora. É impossível não se comunicar, portanto não se pode fugir dessa maneira de estar no mundo, que é cibernético (ibdem).

O homem é influenciado e dominado pela quantidade diária de novidades no mercado, que levam ao aumento da sua satisfação, que é quase como se não tivesse mais controle sobre a máquina, que “para ser é preciso ter”, consumir. Diante de tais necessidades, os homens correm o risco de sofrer uma angústia pessoal, provocada pela possibilidade da exclusão, ou seja, ficar por fora das transformações existentes, o que o afeta, propiciando o sentimento de medo e insegurança.

O que se observa é uma profunda mudança de valores que norteiam a construção da subjetividade pelo ser humano. Atravessa-se uma zona de turbulência ao nível de valores de identidade e de sentido. Frente a tantas incertezas, percebe-se que os indivíduos sentem dificuldades de construir-se como sujeitos ativos, com capacidades gerativas dentro de suas ações. O ser humano não nasce com o seu destino determinado em seu genoma. Embora muitas das características possam estar previstas geneticamente, a diferença do homem sobre outras espécies é a sua capacidade de ser moldado pelos diferentes sistemas de relações com o outro, com a sua própria história de vida e pela cultura. Desde o nascimento, ou até antes dele, o sujeito irá se constituir a partir daquilo que experimenta enquanto vivências reais, imaginárias e simbólicas (González Rey, 2003).

A velocidade com que as mudanças se transformam muitas vezes não permite um tempo mínimo para processamento e assimilação das inovações, mas a preocupação com a necessidade do constante aperfeiçoamento, característica pós-moderna, exige do sujeito constantes atualizações e habilitação para a utilização das novas tecnologias e das novas formas de comunicação.

Nicolaci-da-Costa (2006) aponta alguns aspectos da organização subjetiva do indivíduo, comum entre a Revolução da Tecnologia da Informação e a Revolução Industrial. Entre esses destaca: uma transformação tecnológica em aceleração e sem precedentes, em comparação com os padrões históricos (a energia, no caso das Revoluções Industriais, e a

informação, no caso da Revolução da Tecnologia da Informação), a difusão por todo o sistema econômico e a penetração em todo o tecido social.

As duas geraram descontinuidades profundas nos mais variados setores da vida em sociedade: a primeira, com as recém-implantadas formas de produção industrial que rapidamente geraram novas formas de organização social que ocuparam um novo espaço: os grandes centros urbano-industriais. Em resultado análogo, na segunda, o novo espaço gerado foi o ciberespaço, lugar (embora desprovido de materialidade física) no qual se experimentam novas formas de vida, a partir das telas dos computadores que lhes servem de plataforma e via de acesso.

Nesses novos espaços foram introduzidos vários novos elementos na vida do homem urbano, o excesso de estímulos, a divisão entre locais de trabalho e de moradia, a separação entre os domínios do público e do privado, os diferentes círculos de conhecimento, a racionalidade, a frieza, o anonimato, a reserva, o isolamento, o cálculo, a mobilidade, a pontualidade, etc.

A essas novidades, correspondem novos comportamentos e novos traços psíquicos. Novos espaços colocam em operação novas necessidades, novas demandas, novas regras de produção, sociabilidade, sobrevivência, etc. Como resultado de tudo isso, emerge novas formas de agir e de viver que dão visibilidade aos processos de transformação das formas de ser e agir dos seres humanos.

Hoje, constata-se, pela farta literatura encontrada sobre os efeitos do uso da Internet, produzidos a partir de sua criação, que, além de novos comportamentos, os analistas da nova ordem digital abordam, também, novos problemas e conflitos psicológicos: o vício na Internet, o estresse tecnológico, o excesso de informação, o sexo virtual, o isolamento e a depressão, os conflitos entre o prazer gerado pela vida *on-line* e a produtividade que dela se espera, bem como a emergência de novas formas de defesa da intimidade. Assim como a primeira Revolução Industrial deu origem a um longo processo de mudanças que resultou na emergência do homem do século XX, a Revolução da Internet desencadeou um processo de transformações, ainda em curso, que está gerando o homem do século XXI (Nicolaci-da-Costa, 2006)

De acordo com Campos, (2004) apud Farah (2004), o homem atual, em conseqüência da informatização, está se relacionando de outra maneira com o mundo em que vive. A pergunta que Campos faz é se esse homem tem noção dos efeitos que está sofrendo e até que ponto percebe esse mundo cada vez mais virtual, mais rápido e mais globalizado, onde o computador media cada vez mais a sua vida.

Em termos pessoais, esses efeitos se refletem nas amplas e variadas mudanças de comportamento, pois o usuário comum pode movimentar sua conta de banco, informar-se sobre vários assuntos, desde um trabalho altamente específico em Medicina, até o último capítulo de uma novela, comunicar-se com amigos e conhecidos presencialmente ou não, ter casos de infidelidade virtual, namorar à longa distância via *Chat*, sofrer brigas reais por má interpretação de mensagens no mundo virtual, entre tantos outros (Ibdem).

Pela facilitação e possibilidades proporcionadas pelas máquinas, pessoas vivem tão intensamente sua vida virtual que chegam a negligenciar sua vida presencial. A máquina, que é produção da curiosidade e da necessidade do homem de controlar o mundo, concomitantemente, é muitas vezes produção da sua alienação, fraqueza e incapacidade.

O anonimato propiciado pela Internet é uma poderosa ferramenta de indução para quebra de barreiras. A realidade virtual expressa a liberdade de certas resistências apresentadas pelo homem, que permite fluir novas personalidades e experimentar situações inéditas. Nesse novo espaço, o que sou de verdade não importa, máscaras são usadas para aproveitar a liberdade concedida, permitem às pessoas descobrirem facetas novas de sua personalidade e criar novas relações. De outro lado, tais atividades podem levar à ruptura da personalidade, o mundo virtual se tornando mais seguro e mais interessante que o mundo real (Medina, 2006).

Existem dois mundos, o real e o virtual, com lógicas diferentes e o homem ainda não aprendeu a gerir esses dois registros ao mesmo tempo. É a tentativa de colocar, em cena, uma imagem de si idealizada, de acordo com o critério do desejo individual, semelhante àquilo que se sonha ser. O imaginário é a projeção sobre o real: fantasias, sonhos e imagens. Ao não considerar o virtual como tal, dando-lhe cunho de real, passa a existir uma relação dual, imaginária e narcísica, os desejos passam a ter poder de lei sobre a realidade, havendo uma possível desconexão da realidade. Em tudo isto, fica difícil saber o que se passa por essa novidade tecnológica (Medina, 2006).

Comportamentos reconhecidos, até então, apenas no imaginário, agora se tornam concretos pela tecnologia que coloca o virtual e o imaginário lado a lado, em sua própria casa, no tempo e momento que desejar. A força dessa possibilidade está além do potencial individual e vem respaldada pela sociedade como algo que lhe é oferecido gratuitamente, para atender aos desejos imaginários individuais. Entrando nesse processo, descobre-se o alargamento das vivências pessoais até então adormecidas, por até então não se dispor de recursos tecnológicos para vivê-las. E os riscos possíveis causados pelas relações intensas, construídas pelo uso das novas tecnologias da informação ainda não são bem reconhecidos

(Medina, 2006).

A sociedade atual criou uma realidade paralela, tão ou mais forte do que a “realidade física”, a “realidade virtual”. Hoje, se relacionar com alguém virtualmente atesta afetos e desejos. Todas as máquinas de comunicar trocam informação, mas essa maneira de trocar informação tem algumas características, uma delas é que cria comunidades virtuais, cria-se uma relação de muita intimidade, mas de pouca proximidade ou, às vezes, muita proximidade, mas pouca intimidade.

Lopes (2004) apud Farah (2004), explica que atualmente, onde se passa a maior parte do tempo e muito do que se faz está intermediado pela máquina. Pensar a relação homem-máquina é atribuir novos significados a esses indivíduos, que se encontram cada vez mais inseridos e diluídos numa cultura globalizada, atravessados por múltiplas forças, onde o homem nem sempre acompanha e se dá conta do desdobramento da velocidade tecnológica, na qual a máquina vira parte indispensável de alguns modos de relacionamento. Contudo, essa tecnologia, vendida como promessa de conforto e facilidade, causa sofrimento ao homem, nem sempre é confortável participar desse processo acelerado, para se adaptar tem que haver uma mudança constante de seus repertórios às novas configurações oscilantes.

Bauman (2003), em seu livro Amor Líquido, menciona a fragilidade dos laços humanos como aspectos da vida social, transformados pelas redes de telecomunicação digital e como conseqüências sociais da Internet e da telefonia celular sobre os relacionamentos. Apresenta os relacionamentos “reais” modernos como sólidos, profundos e autênticos, distinguindo-se dos relacionamentos “virtuais”, que considera descartáveis, frágeis e superficiais, onde sempre se pode apertar a tecla de *deletar*. Além disso, o mesmo autor aponta características negativas do relacionamento virtual, afirmando que é frívolo, frenético e incapaz de gerar introspecção como é feito no relacionamento real. O autor receia que o modelo “virtual” sirva como exemplo para o relacionamento “real”, tornando-o menos sólido e mais superficial, onde as pessoas são mais solitárias e descartáveis.

Ao contrário de alguns autores, que julgam negativo as mudanças extremamente rápidas que ocorreram nos novos espaços de vida criados pela tecnologia da comunicação, outros pensam de forma diferente e não consideram essa mesma tecnologia como determinante do comportamento do homem, pois sendo dele esta criação, ele tem o controle sobre ela. Acreditam também que o novo assusta e cria resistência de aceitação. Para estes autores, os avanços conquistados pelo aperfeiçoamento das tecnologias proporcionam uma melhor qualidade de vida e ascensão social.

Guatarri (1996) apud Farah (2004), aponta que a subjetividade está cada vez mais

ligada e dependente das máquinas e dos sistemas que elas encerram. Afirma que afetos e opiniões não estão livres da influência do computador. A existência humana amplia-se para habitar novos ritmos de ação, de transformação, de interação, de contato com o novo, mas não vê o avanço tecnológico, por mais rápido que seja, como algo maligno que ameace destruir o homem. As máquinas surgem a partir de características fundamentais do próprio homem no seu modo de se relacionar com o mundo, coloca o homem frente a máquinas que põem em questão espaço, tempo e realidade.

Karp (1997) apud Farah (2004), acredita que a Internet se configura em maneiras diferentes de “ser-no-mundo”, com inúmeras possibilidades de abertura e de existência, mas que a tecnologia não constitui algo que se opõe ao real. Para ela, hoje, a Internet permite estar em muitos lugares ao mesmo tempo, espaços invisíveis, não localizáveis, mas tempo e espaço permanecem inseparáveis, mas agora sob novas configurações. Vive-se de modo diferente, em lugares diferentes.

Para Vattimo (1998) apud Leitão (2006), a dificuldade de compreender a ruptura e de apreender as características próprias do viver atual criam, com frequência, uma visão de que todos os fenômenos recentes são destruidores de tudo que se tinha de positivo no mundo, são interpretados como negativos. Essa negatividade dificulta a percepção da nova ordem que se estabelece, mas não consegue impedir seus efeitos, a ruptura dos moldes tradicionais de interpretação do mundo. Essa visão nostálgica refere que os homens seriam afastados de um relacionamento genuíno e suas ações seriam automatizadas diante do uso das novas tecnologias da informação, a vilã da pós-modernidade.

Segundo Giddens (1999) apud Leitão (2006), o mundo sempre enfrentou situações dramáticas, mas conseguia encontrar solução no passado. Atualmente a modernização fez surgir problemas pelos quais a humanidade nunca passou, fazendo com que esta busque recurso nas tradições acumuladas e em conhecimentos recentemente aprendidos.

Nicolaci-da-Costa (2006) refere que o discurso negativo de que a Internet pode gerar comportamentos patológicos é alimentado constantemente pela mídia, onde se divulga que a exposição a desconhecidos deixa os indivíduos completamente vulneráveis a diversos tipos de perigo. Essa coerência desaparece quando os indivíduos entrevistados expressam suas próprias opiniões. Se, ao invés da exposição à Internet, realizar-se leitura diária durante longo período, o indivíduo será visto como pessoa culta ou erudita, se ficar sentado, o mesmo tempo, à frente da televisão ou falando ao telefone com familiares, a aceitação será diferente, mas será considerado como natural, pois não se está trocando a “realidade” pelo “virtual”.

Evidentemente, não é a Internet nem o celular que estragam os relacionamentos, mas potencializam os danos e os conflitos produzidos nessas relações. Não se pode negar que estes meios de comunicação promovem a transformação de comportamento, pensamento, e subjetividade do indivíduo que se utiliza desses meios.

Voltar à Idade Média não é a questão, o que se vai fazer e como essa tecnologia vai ser utilizada é a questão principal. O mundo é um sistema vivo, de grande complexidade no qual nada funciona de forma linear. E esse mundo atualmente é também virtual, onde se pede à comida, o remédio, consulta-se o médico, conversa-se com amigos em outros países, tudo isso pelo computador. Existe até cachorro virtual e isso pode levar a tendências ao isolamento, exacerbado. Isto é que precisa ser evitado. Não se deve “demonizar” a tecnologia, mas deve-se ser crítico e não ficar imerso na sociedade do espetáculo do consumismo.

CAPÍTULO 2 - RELAÇÃO DE CASAL: NA PERSPECTIVA SISTÊMICA E NA GESTÁLTICA.

Vive-se um momento histórico, crítico e de muitas transformações, onde vários fatores estão associados com a velocidade das modificações sociais e culturais, porém os mais importantes, provavelmente, são os relacionados com o complexo fenômeno da intensa produção tecnológica. Dentro desta, estão inseridas as relações conjugais da atualidade, suas vicissitudes e a grande oferta de momentos "prazerosos" de fácil aquisição, além de facilitação de encontros e estabelecimento de vínculos, rompimentos, e a construção de relacionamentos fragilizados.

É importante entender o impacto dessas mudanças que dão forma à vida e aos sistemas íntimos de relacionamentos. Portanto, inicialmente, para se entender como essas mudanças afetam os relacionamentos se faz necessário conhecer alguns aspectos relacionados ao processo de constituição, manutenção da relação conjugal, assim como explicitar alguns posicionamentos diante dessas questões.

2.1 – A construção da vida conjugal.

O desejo de estar vinculado, de ter companhia, de aconchego, de se sentir pertencente a alguém é tão inerente ao ser humano que, desde os primórdios da civilização, o homem vive em grupos. Segundo Anton (2000), companhia pode significar: sobrevivência, tarefas compartilhadas, lazer, aconchego, compreensão e afeto.

Faz parte da natureza humana, num determinado momento da sua vida, buscar um parceiro para dividir momentos de tristeza, alegrias, compreensão, afeto, cumplicidade. Nesse relacionamento irão interferir as histórias pessoais de cada um, seus valores, crenças, frustrações, desejos, sonhos de vida, percepções de si e do outro, que terão de ser reorganizados após a união, no sentido de facilitar a relação a dois.

O casamento é a criação de um espaço que possibilita vivências, aprendizagens, experiências que só são possíveis numa relação de intimidade, de sexualidade, de par e parceria, conforme descreve Rosset (2004).

Um casal ou uma família é um sistema de indivíduos comprometidos a permanecer junto por um extenso período de tempo, mantendo uma continuidade, comprometidos com tarefas conjuntas. Criam filhos e um lar juntos, interagindo com sistemas maiores. Formam um subsistema dentro de sistemas mais amplos como a vizinhança, a cidade, o país e o mundo. O casal - ou a família - é uma unidade social, cultural e econômica da comunidade,

segundo Zinker (2001).

Conforme Satir (1988), um relacionamento funcional de casal possibilita que ambos aprendam a expressar seus pensamentos, desejos, sentimentos e conhecimentos, sem destruir, invadir ou alterar o outro, procurando ao mesmo tempo alcançar um resultado satisfatório, de interesse comum.

Para que isto ocorra, certos padrões de relacionamento devem seguir um curso flexível, negociando espaços individuais e coletivos, compartilhando mudanças juntos, avalizadas pelo casal. Estas negociações requerem um amadurecimento emocional porque se alterna a diferenciação do outro com o estado de fusão. O equilíbrio destes dois estados será, para o casal, o nível de intimidade alcançado.

De acordo com Carter & Mc Goldrick (1995), a construção da vida conjugal é uma das tarefas mais difíceis e complexas do ciclo de vida familiar. Hoje, o significado do casamento é profundamente diferente de tempos atrás, antes estava inserido na estrutura econômica e social, sendo apenas uma progressão “natural” pela vida. Só recentemente a nossa sociedade modificou suas normas por não mais concordar com os padrões tradicionais.

A mudança no papel da mulher, a conquista de novos espaços no mercado de trabalho e os efeitos dos contraceptivos forçaram a redefinir o casamento. Homens e mulheres estão namorando vários parceiros, fazendo sexo mais cedo e casando mais tarde, uma grande parcela deles está vivendo junto antes mesmo do casamento, ou vivem com vários parceiros antes de se casar. O casamento costumava ser o marco de transição para a vida adulta, a realização da paternidade e, hoje, é apenas uma continuidade da fase adulta jovem ou até mesmo da adolescência.

Nos tempos modernos, os tipos de união conjugal assumem novas facetas. Existem adultos vivendo juntos, algumas vezes agregando à nova família filhos de um ou mais casamentos anteriores. Existem famílias construídas por adultos divorciados ou por casais homossexuais, instituindo diversos tipos de vida comunitária, segundo Zinker (2001).

Papp (2002) explica, também, que o relacionamento do casal no passado era construído com base nas idéias de estabilidade, dependência e proximidade. Hoje, tornar-se um casal é uma tarefa difícil e complexa, que envolve aspectos emocionais e implica a realização de inúmeras escolhas e renúncias de cada um dos parceiros, conforme Colombo (2006).

O casal, por meio de um contrato real ou simbólico, constrói regras e define papéis que orientam seu padrão de funcionamento e desenvolvimento. Há uma imediata troca de sinais indicadores das definições desta relação, que vão se modificando dinamicamente na interação

afetivo-emocional.

Nesse momento há uma definição do eu, do outro e da relação, ocorrendo a construção de um mundo em comum, a conjugalidade, com dimensões próprias de individualidade. Esse padrão de funcionamento do casal é influenciado por dimensões sociais e culturais.

O movimento de um membro do casal está relacionado com o movimento do outro. O casal é um todo, cujas partes funcionam de maneira conjunta, estão intimamente ligadas uma ao outra. Compreender o casal fora do seu contexto e sem suas relações interpessoais pode parecer incompreensível.

Colombo (2006), menciona que, nos primeiros anos do matrimônio, o casal busca encontrar uma identidade conjugal dentro do seu período de adaptação e acomodação em sua nova vida. Essa etapa exige muito empenho e tolerância de ambos, pois se trata do estabelecimento de metas que vão equilibrar o universo do casal e as relações com as diversas redes sociais, principalmente com as famílias de origem, o grupo de amigos e o trabalho.

De acordo com Zinker (2001), a qualidade e a quantidade de energia disponível em um sistema, para realizar o trabalho de manter a união entre seus elementos são diretamente dependentes das condições das fronteiras estabelecidas dentro deles, entre eles e entre os diversos subsistemas, que se superpõem e que podem ser importantes no sistema familiar em diversos momentos. Esse é o momento em que se estabelecem às fronteiras ao redor do casal, que distinguem e o separam da sua família de origem, de outras famílias e de grupos vizinhos. Dentro da família existem subsistemas que têm, por sua vez, suas próprias fronteiras. Sob circunstâncias favoráveis, os indivíduos, que são subsistemas dentro do sistema familiar, tratam uns aos outros com respeito, permitindo que cada um tenha privacidade e, ao mesmo tempo, mostrando preocupação e interesse uns pelos outros. As fronteiras estão em constante mudança: algumas vezes, um sistema é aberto à socialização e sua fronteira é semipermeável; em outras ocasiões, ele prefere a separação e, nesses momentos, tem uma fronteira firme, impermeável.

2.2 – Ciclo de vida.

As intensas transformações socioculturais acabam por afetar a durabilidade dos casamentos, gerando sentimentos desagradáveis de ansiedade e medo. A tentativa do controle destes sentimentos se dá pela criação de pactos de confiança entre os parceiros, nas diferentes etapas do ciclo de vida conjugal. Etapas que se referem aos estágios que a família passa num contínuo que varia, desde sua formação nuclear inicial até às diferentes fases de seu desenvolvimento natural. Estes diferentes estágios trazem diferenças significativas no modo

como os casais lidam com os eventos que surgem em suas histórias particulares. Um evento pode ser motivo de alegria, se ocorrer em um determinado estágio do ciclo de vida familiar, mas, o mesmo evento, toma dimensão extremamente diferente e particular, caso ocorra em um outro estágio.

Carter & Mc Goldrick (1995) citam estressores verticais e horizontais nas etapas do ciclo de vida familiar. Descrevem situações de tensão familiar em determinados momentos do ciclo da vida do casal, que ocorrem nas passagens de um estágio para outro. Os estressores horizontais previsíveis são as transições naturais do ciclo de vida: os estágios de nascimento, casamento, paternidade, adolescência dos filhos, envelhecimento e morte. Os estressores horizontais imprevisíveis são os eventos como morte precoce, gravidez inesperada, doença crônica ou acidente. Já os estressores verticais são os padrões, mitos, segredos e legados familiares, que irão interferir fortemente nas relações internas e externas do grupo familiar.

Diante das revoluções que estão acontecendo atualmente, os casais estão passando por ciclos de vida diferentes de nossos antepassados. A tecnologia da reprodução, os regimes alimentares destinados a estender o período de vida, as drogas que alteram o humor e a comunicação eletrônica que expande as relações com o mundo externo, estão dando um novo significado as etapas deste ciclo, esclarece Papp (2002).

Cada ciclo representa oportunidades de desenvolvimento, ou estabelece um marco decisivo na deteriorização e até na dissolução do vínculo, explica Rosset (2004). O divórcio e o recasamento são estressores críticos onde são desfeitos os vínculos-afetivos estabelecidos e promove o início de um novo ciclo, com novos namoros e novos casamentos, onde se estabelecem novos vínculos.

2.3 - Questão de gênero.

Outra questão importante para se avaliar é a questão de gênero na relação do casal. Desde criança, homens e mulheres recebem orientações de modo diferente em relação ao corpo, brincadeiras, atitudes, afeto e emoções. Estas formas de comportamento são repassadas e controladas por regras familiares, que mudam de geração para geração, de região e de grupo social.

Atualmente, os livros mais vendidos parecem tornar as diferenças entre os gêneros naturais, pois são geradas por predisposições genéticas imutáveis, argumentam que os casais têm problemas porque os cônjuges vêm de "planetas" diferentes, são mutuamente estranhos e falam línguas distintas. Acreditar nesses argumentos faz com que tanto o homem quanto a mulher sintam-se incompetentes, não conseguindo nos relacionamentos, sentindo-se

constantemente desapontados, à procura daquilo que ambos acreditam estar faltando, conclui Papp (2002).

Os casais continuam a viver seus relacionamentos em termos da divisão tradicional de tarefas de acordo com o gênero. Só que essa divisão dificulta tanto o homem quanto a mulher a desenvolverem novos papéis ao longo da vida. O casal atual vem construindo e revisando seus papéis e suas regras de relação, conforme as necessidades de ambos, num processo acelerado e circular de influência recíproca nos mais diversos aspectos da vida.

Constata-se que, na maior parte das vezes, o homem ainda é criado para proteger e prover a família, afastando-se dos assuntos sentimentais e domésticos. Enquanto espera-se, da mulher, que assuma o cuidado e a educação dos filhos, a organização do lar, as relações afetivo-emocionais de toda a família, comenta Strey (1998).

O trabalho e as questões relacionadas ao sexo são impostos ao homem como referência de comportamento. O gênero masculino é reconhecido por seu potencial, seu conhecimento intelectual, sua condição econômica, seu desempenho do trabalho e sua força física. Estar sempre ocupado em reuniões de negócios ou trabalhando duro lhe dão status e bem-estar psíquico. O não atendimento a estes apelos gera profundo sentimento de mal-estar, fraqueza, desorientação e fracasso. Ao homem é imposto que seja esperto e dominador para que tenha sucesso (Ibidem).

São diferentes os mecanismos utilizados pelo capitalismo acelerado para fazer com que esse homem trabalhe mais, produza mais, acreditando que possa atender, assim, a todas as suas necessidades de consumo e sinta-se emocionalmente realizado. A sociedade, como um todo, pressiona esse homem a seguir um padrão de comportamento, aquele que não o faz sofre terríveis conseqüências.

A pressão que o trabalho exerce sobre o homem faz com que haja um distanciamento de sua vida pessoal, este passa a ter uma visão individual e pessoal somente para a instituição da qual faz parte com exclusividade e dependência, desejando alcançar sucesso, prestígio e dinheiro, para atender as suas necessidades e sonhos não realizados.

O sentido de estar engajado em um emprego faz com que o homem seja valorizado pela sua família, portanto, confere sentimento de auto-estima, e estar desempregado gera nos homens um sentimento de abandono, de falta de referência, que faz com que compulsivamente mantenham com o trabalho uma relação simbiótica (Strey, 1998).

2.4 – Individuação e Diferenciação.

O espaço de crescimento que a relação permite é outro aspecto importante na conjugalidade. A afinidade entre o casal, baseada em suas características individuais, será determinante para a qualidade e a possibilidade da relação. Não há uma correspondência e satisfação completa com o outro, cada indivíduo vê e constrói a sua realidade de maneira diferente. Então, o desafio do casal é ser criativo e estar sempre negociando entre si, conforme cita Rosset (2004).

Com o casamento, cada um dos membros do casal leva, para o novo lar, individualidades e uma conjugalidade. Na individualidade de cada um dos parceiros, estão contidos dois sujeitos com: desejos, percepções de mundo, histórias de vida (massa perceptiva), valores e regras oriundas das leis internas e externas aprendidas na família de origem de cada membro do casal. Entretanto, na conjugalidade, existe algo maior: um desejo em conjunto, uma história e um projeto de vida conjugal. São diferenças e semelhanças que convivem concomitantemente entre si na união do casal.

Rosset (2004) acrescenta que é necessário haver confrontos e balanceamento da cultura familiar, além de reflexão sobre o que cada um dos cônjuges traz para o novo sistema. Conseguir fazer avaliações de como o casal lida com os valores, regras, definições, rotinas que cada um traz, sem competição e desqualificação, poderá integrar as diferenças e semelhanças, para que, com o tempo, se possa formar uma cultura conjugal, mas que preserve a diferenciação de cada um dos membros, sem excluí-las. Se os parceiros puderem se complementar nas diferenças, ao invés de competir, poderão enriquecer o relacionamento com as diversidades.

Carter & McGoldrick (1995) lembram, também, que, muitas vezes, o casamento é visto apenas como um rito de passagem para a solução de problemas como a solidão ou dificuldade com a família de origem. Isso faz com que a pessoa que tem essa visão, não enxergue a individualidade do cônjuge que não se ajusta ao papel idealizado por ela, vivendo a ilusão de que o outro a completará e fará a vida valer a pena. Essa perspectiva impedirá que o parceiro aceite as diferenças do cônjuge.

Uma relação de casal sadia favorece o crescimento de ambos onde cada um tenha momentos de dar e receber, transitando livremente entre o estado de fusão e de diferenciação. Estar diferenciado é poder partilhar seu espaço de crescimento com o outro, sem perder o espaço de singularidade, sem viver em função do mesmo, em uma relação simbiótica.

A fusão é constituída em um espaço de relação mútua, no qual o "eu" e o "tu" ficam, muitas vezes, confusos e encobertos pelo "nós". Quando o foco principal é o "nós", a individualidade fica encoberta. Num primeiro momento da relação, isso pode passar

desapercebido ou até ser alimentado, mas, com o tempo, resulta em ressentimentos individuais e estabelece padrões rígidos de funcionamento, segundo Rosset (2004).

Quando a Individualidade no casal é muito acentuada por um dos membros e não há espaço para a conjugalidade, a solidão pode ser sentida por um dos parceiros como aterrorizante, porque é acompanhada por sentimentos de exclusão, de abandono e menos-valia.

Para Rosset (2004), existem diferenças ligadas a preferências, desejos, hábitos, gostos pessoais, anseios e opiniões, entre homens e mulheres. Não compreendê-las leva ao desgaste do relacionamento, enquanto que, o casal ao entrar em contato com suas diferenças, poderá utilizá-las como estratégia para lidar com elas. É, de suma importância, reconhecer que são biologicamente diferentes, tem formas diferentes de lidar com algumas questões e cada um quer que o outro atenda a suas expectativas.

Conforme Zinker (2001) os indivíduos desejam coisas diferentes, em graus diversificados e expressam o que é importante de modo diferente. Quando as diferenças ficam aparentes, o sistema é caracterizado por uma queda de energia ao contato, se torna condescendente ou resistente em vez de imaginativo e criativo.

O problema atual, na questão da individualidade, dentro dos relacionamentos, se refere ao conflito criado pelo não saber a medida exata de equilíbrio entre manter a singularidade e a conjugalidade, sem que uma não fragilize a outra. Os relacionamentos atuais têm como base o referencial da individualidade muito acentuado, onde o que conta são os valores individuais, a autonomia e a satisfação de cada membro na relação, mas é cobrado, o tempo todo, a existência de laços fortes de dependências entre os parceiros, para que sejam reconhecidos como um casal funcional, segundo Carneiro (1998).

2.5 – Satisfação e Insatisfação conjugal.

De acordo com Coleta (1989), a felicidade no relacionamento está ligada à busca contínua da melhoria da qualidade relacional, ou seja, à satisfação das necessidades e desejos de um parceiro pelo outro, em maior ou menor grau. Essa satisfação é um fenômeno complexo, envolvendo diversas variáveis, tais como: características de personalidade, valores, atitudes e necessidades; sexo, momento do ciclo da vida familiar, presença de filhos, nível de escolaridade, sócio-econômico e cultural, trabalho remunerado e experiência sexual anterior ao casamento.

Casais insatisfeitos não apresentam intimidade afetivo-emocional com seu cônjuge, empobrecem a relação, estabelecendo regras rígidas, não reconhecem o “outro” como

referência da percepção de si mesmo e desempenham papéis que não condizem com suas expectativas, assim como desenvolvem padrões de comunicação inadequados.

Como reação à insatisfação, essas pessoas apresentam vários tipos de interrupções de contato, ou seja, mecanismos de defesa como: engolem inteiro sem mastigar ou sem assimilação (introjeção), seguram aquilo que tem medo de expressar para o outro, não buscam um ao outro (retroflexão), atribuem características indesejadas de si para o outro (projeção), perdem o limite entre o eu e o outro (confluência), o poder é exercido por um dos membros de modo abusivo (egotismo), enquanto o outro se torna deprimido e oculto, descreve ZinKer (2001).

A confluência no relacionamento conjugal acontece quando não há por parte de um dos membros do casal uma diferenciação entre eles, sendo difícil fazer escolhas e tomar decisões próprias, se não tem o apoio e a aprovação do parceiro. Este acha fundamental viver em harmonia na relação, mesmo que para isso tenha que abrir mão de seus próprios interesses. Nesse tipo de relacionamento, a comunicação, as atitudes e os pensamentos devem ser compartilhados em conjunto, caso não o façam, gera o bloqueio do estilo de contato, insatisfação relacional. Do lado oposto, estão os casais que apresentam relacionamentos baseados no egotismo, exacerbação da capacidade de cada um se perceber de forma independente do outro, isso gera o impedimento da entrega espontânea no contato final com o outro por medo de perder os seus próprios limites e desse modo perder a sua liberdade, a sua identidade ou individualidade (Tenório, 2004).

2.6 – Problemas e suas estratégias na conjugalidade.

Diante das diversas mudanças que ocorrem, no contexto mundial, e que se abatem diretamente sobre o casal, resultando em alterações reais ou imaginárias na intimidade relacional, o que antes era seguro torna-se ausente, frágil e repleta de escolhas que representam riscos, perigos e oportunidades ao estabelecimento de novos contatos de intimidade fora do casamento, gerando, assim, medo e ansiedade. Os diferentes problemas que incidem sobre o casal podem apresentar significados e graus diferentes para cada um dos parceiros, representando possibilidade ou risco efetivo.

ZinKer (2001) diz que os problemas vivenciados pelos casais são experiências bloqueadas, distorcidas, que tolhem o processo de criação da relação eu-outro. E que os significados atribuídos a essas interrupções não são apenas cognitivas, são eventos vivos, contínuos, mutáveis que se movem o tempo todo no campo total circunscrito desse sistema íntimo.

A partir da existência de um padrão de funcionalidade, regras e valores que delimitam aquilo que é permitido ou não na relação conjugal, um problema pode ser definido quando se dá o distanciamento ou a quebra desse padrão. As dificuldades vividas em uma relação podem ter causas variadas, como: a projeção ou introjeção de um dos parceiros, a falta de auto-estima, a não diferenciação de um dos parceiros, permeabilidade/ impermeabilidade das fronteiras de contato, idealização de como deveria ser o parceiro, família de origem, distribuição desequilibrada de poder, falta de intimidade, dificuldade de comunicação, exigências profissionais e financeiras, ciclo de vida em que o casal se encontra, inclusão de terceiros e exclusão de um dos pares.

Esses problemas vivenciados pela díade prejudicam a dinâmica relacional do casal e podem resultar na falta de diálogo, queixas, ameaças, cobranças, invasão de privacidade, chantagem emocional, fragilização de um dos parceiros e evasão de contato. São estratégias que minimizarão o conflito e a insatisfação diante do outro, a esperança de que o comportamento indesejado se modifique.

Conforme Calil (1987), dentro do modelo sistêmico, os conflitos maritais aparecem quando as regras que governam a interação não são aceitas por ambos os cônjuges ou quando não existe concordância quanto a quem compete a proposição e obediência às regras ou, ainda, quando as regras ou exigências feitas simultaneamente por parte dos cônjuges são conflitantes ou contraditórias.

Rocha-Coutinho (1994) , consideram estratégias como ações ou posições que se tomam em relação a algo ou alguém e identificam dois tipos delas: as pessoas que se confrontam na busca da resolução do dilema, dando-se um enfrentamento ativo (e, para tal, o casal abre negociação) ou as que fogem do dilema (a questão é camuflada ou racionalizada). O cônjuge insatisfeito vai aprendendo que tipo de estratégia 'funciona' e qual não 'funciona' em cada situação. Estas estratégias seriam, assim, parte da linguagem - verbal ou não - aprendida pelas pessoas, no decorrer de suas vidas, para lidar com situações concretas do seu dia-a-dia.

Zinker (2001) também salienta que as resistências ao contato ou estilos de contato são estratégias aprendidas e mantidas pelos sistemas íntimos (sistema de inter-relacionamento que se constrói entre pessoas com relações marcadas pela continuidade), muitas vezes, provocados por experiências não resolvidas, não assimiladas, que atormentam repetitivamente o casal (*gestalten* incompletas).

Anton (2000) reforça que os casais, por medo da intimidade, encontram dificuldades em conciliarem desejos opostos, como o da liberdade com o comprometimento e o da

individualidade com o vínculo. Embora comprometido, em nível pessoal e profissional, um dos cônjuges prefere diluir o elo, dirigindo suas energias afetivas mais para grupos e tarefas, do que para alguém em especial, eleito para um convívio mais estreito. Outros, mesmo optando por uma relação de casamento, procuram manter controle e distância, por meio de subterfúgios inconscientemente.

Segundo Zinker (2001), que considera dialeticamente a dinâmica do casal, em termos de questões polares da vida (eu e outro, indivíduo e grupo, fusão e autonomia, privacidade e compartilhar, verdade e intimidade, verdade e mágoa), evita a supersimplificação dos processos orgânicos e das escolhas de vida.

Este mesmo autor diz ainda que casais que estão em sofrimento devem agir de forma criativa, diferente, para buscar alternativas que minimizem os estragos feitos por situações ou pessoas que ameacem ou ponham em risco a estabilidade do casal. Essas alternativas levam os indivíduos a ampliarem sua consciência em relação ao que lhes fazem bem e ao modo pelo qual bloqueiam e interrompem seus processos diante do ciclo interativo, e sobre como podem se modificar em função das pessoas envolvidas, conforme o contexto em que estão inseridas.

2.7 - Comunicação entre os parceiros.

Diante do mundo globalizado, as dificuldades de comunicação entre os casais demonstram o quanto à vida diária, as exigências individuais, profissionais e familiares vêm contribuindo para o esfacelamento das relações interpessoais. A vida agitada rouba tempo e energia para se dedicar a si próprio ou a relação com o outro, causando conflitos entre os indivíduos. Neste sentido, o sucesso ou fracasso do matrimônio depende, em grande parte, da comunicação entre os parceiros, da expressão das emoções, assim como da busca de alternativas que atenuem eventuais conflitos vividos na relação.

Desde o nascimento, obedece-se a determinadas regras de comunicação sem que se tenha consciência delas, são automáticas. Algumas são muito abstratas, identificadas e aprendidas por meio da observação direta, de reforços positivos e negativos, e a partir de ensaios e erros. Isto significa que as regras de comunicação definem os padrões de relacionamento, o estilo de comportamento e de alianças que os indivíduos estabelecem entre si (Anton, 2002).

Para Rosset (2004), a comunicação é um processo de dar e receber informação, pode ser verbal e não-verbal, faz parte de um processo de interação entre os indivíduos. Na interação humana, todo comportamento tem valor de mensagem, ou seja, é um tipo de comunicação. Portanto, por mais que um indivíduo se esforce em fazer o contrário, estará

comunicando-se. Atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem, influencia os outros que, por sua vez, não podem deixar de responder a essas comunicações, sejam com palavras ou não-palavras, sejam com atitudes, posturas ou olhares.

Portanto, toda comunicação é modificada por outra comunicação, que a acompanha de modo circular, numa constante troca de energia e reciprocidade. Um afeta o outro, cada indivíduo é afetado pela percepção de si mesmo e pela reação do outro, mesmo quando um deles se abstém. Os dominados (submissos) também participam do relacionamento estabelecido, ou seja, se comunicam, recebem e emitem mensagens às diversas sensações e sentimentos que ameacem sua segurança e bem-estar.

Na relação conjugal, o casal constrói sua comunicação baseada nas tentativas de combinações de mensagens, até conseguir um padrão de comunicação satisfatório que direcione suas ações. Quanto mais íntimo for o casal, mais fácil se dará à interpretação dos significados das variadas expressões.

Indivíduos seguros, quando estabelecem uma comunicação aberta, promovem padrões de relacionamentos seguros que permitem conversação livre sobre assuntos desagradáveis, assim como a expressão de sentimentos que têm como objetivo conseguir respostas de apoio e conforto. Em contrapartida, indivíduos inseguros aprendem, desde cedo, que exprimir suas emoções são ineficientes para obter as respostas necessárias, procurando assim, a inibi-las.

Os casais saudáveis conseguem preservar espaços para que haja um diálogo verdadeiro, onde a comunicação neste sentido se estabelece com clareza, intimidade, com negociação das regras, parceria, respeito pelas diferenças, preocupação com o outro, e tolerância, gerando crescimento pessoal e adaptabilidade a possíveis crises que possam surgir.

A comunicação é de relevante importância no papel na dinâmica conjugal, pois o dito e o não-dito circulam pela relação compondo a história do casal. Aquilo que não está sendo expresso influencia o aumento de estresse no contexto familiar.

Anton (2002) também enfatiza que, como todo comportamento é uma comunicação. Neste sentido, nem sempre se comunica de forma coerente, pois, muitas vezes, a mensagem digital (verbal) não coincide com a analogicamente transmitida (não-verbal: posturas corporais, gestos, tom de voz, etc...). Além de a própria mensagem digital poder apresentar-se cheia de contradições; nem sempre tal comunicação é adequadamente percebida pelo outro; e, muitas vezes, ela é interpretada em moldes distorcidos, provocando o conflito.

As percepções e interpretações dadas ao discurso de alguém estão baseadas em uma série de valores e regras individuais e conjugais que, por sua vez, levam a reações que também se constituem em mensagens.

Cada ser humano está preocupado com o seu mundo próprio, com sentimentos, pensamentos, sensações, desejos e necessidades. O casal quando não aprende a se comunicar, a trocar informações, a mostrar seu próprio mundo para o outro na relação, passam a ser apenas dois indivíduos que vivem no mesmo espaço, que dividem compromissos e obrigações, mas são completamente incógnitos um ao outro.

Diante da dificuldade em se fazer compreender ou em ser compreendido, os casais aprendem a desenvolver defesas para não sofrerem. Essas podem ser: a diminuição da conversa, queixas constantes, explicações sobre o motivo pelo qual não falam, esquivas de conflitos e, dessa forma, a comunicação vai piorando ou deixando de acontecer, salienta Rosset (2004).

Essas defesas são construídas durante a evolução humana, servem para camuflar os não-ditos na comunicação e são evocados como proteção frente à experiências ou situações perturbadoras ou angustiantes. Os não-ditos incluem formas de comportamentos, valores e pensamentos não verbalizados, mas que permeiam a vida do casal e trazem angústia, principalmente porque não são identificados.

No relacionamento desgastado, o casal não identifica ou não conversam sobre as dificuldades da comunicação, os sentimentos vão ficando encobertos e geram uma série de mensagens não-verbais. Muitas vezes, quando as palavras perdem a força, é comum, que se procure outras formas de comunicação. Com isso, o indivíduo passa a utilizar modos de funcionamento e comportamentos que não são percebidos, mas que, embora contenha significações não ditas, constantemente influenciam e muitas vezes incomodam.

Ao focar o tema, Anderson (1997) apud Rasera (2004), ao abordar a questão do não-dito, explica que toda comunicação é fonte de infinitas novas expressões e significados, estando aberta a mudanças evolutivas nestes significados. Nenhuma palavra é clara, completa e inequívoca. Qualquer relato lingüístico contém falas não expressas.

O distanciamento relacional e afetivo entre marido e mulher impede a expressão dos sentimentos e, a comunicação ineficiente e cheia de não-dito leva cada indivíduo a criar fantasias a respeito da atitude do outro. Uma dessas fantasias envolve a sensação de estar sendo punido por algo que fez, mas que não sabe identificar, passando a emitir comportamentos defensivos. Pelo dito, a expressão dos sentimentos, emoções e falas não-expressas ficam claras por meio da comunicação. O pacto silencioso, feito muitas vezes, pela família, pode ser usado como arma para não se confrontarem com os sentimentos indesejáveis, mas este silêncio mostra a solidão de não poder compartilhar sentimentos tão doídos. O não-dito promove um processo de desestabilização em todo sistema familiar,

entendê-lo e desvelá-lo são aspectos fundamentais para que o casal possa encontrar estratégias de ação no resgate de suas potencialidades de comunicação diante da crise ocorrida.

Segundo Imber-Black (2002), os falantes, em qualquer conversa, quer tenham preparado ou não, previamente, suas palavras, estão constantemente realizando opções acerca do que verbalizar e do que não expressar. Cada ato de fala é uma mescla do dito e do não-dito, um processo de seleção no qual um constitui o outro. Este processo de seleção é altamente dependente do contexto da conversação, embora alguns silêncios sejam tão poderosos que podem abranger gerações. Os motivos para optar-se por dizer ou não dizer são múltiplos. Talvez um falante pense que uma idéia não é importante ou suficientemente interessante para ocupar espaço na conversação. Talvez o esforço seja para proteger-se ou proteger a outra pessoa da dor emocional ao encarar a verdade, respeitando a privacidade do outro ou, inversamente, infligindo dor para obter vantagem pelo silêncio da rejeição. É difícil saber quando a decisão de não falar é uma questão de não denunciar as próprias intenções e quando isto se torna um segredo.

Em outras situações, cada membro da díade passa a viver sozinho em seu mundo psíquico, não havendo a comunicação tão importante para o convívio conjugal. Nesse caso, os cônjuges vivem em segredo e cada um investe a sua energia em projetos individuais. Os relacionamentos tornam-se tão superficiais que, muitas vezes, a intimidade é dirigida para situações externas, como as propiciadas pela Internet e o celular, enquanto as áreas de silêncio protegem o par.

CAPÍTULO 3 - TECNOLOGIA E INTIMIDADE CONJUGAL.

3.1 - Aspectos Subjetivos influenciados pela tecnologia de comunicação.

As inúmeras possibilidades oferecidas pelos brinquedinhos tecnológicos do século XXI entraram nos lares e trouxeram novos problemas à boa parte dos casais. São reclamações que vão desde as pessoas viciadas em computadores, videogames, televisão de plasma com 160 canais, telefones celulares, permanecendo tempo demais na frente desses eletrônicos, até aquelas que se envolvem com alguém pela Internet e, ao estabelecerem um vínculo maior, correm o risco de sofrerem prejuízos amorosos. O resultado causado por esses brinquedinhos são pessoas isoladas, imediatistas, que não se permitem construir um relacionamento estável nem aprendem a desenvolver tolerância frente à frustração (Renne, 2006).

Por outro lado, a Internet, por exemplo, trouxe também algumas novas possibilidades aos casais, como quando um dos dois viaja ou mora longe de casa e podem se comunicar via Rede. Cada vez mais, casais têm explorado sua curiosidade juntos na Rede, o ciberespaço está repleto de descobertas prazerosas e dissabores na troca de *e-mails*, em arquivos e na exploração de *sites*, com o propósito de se instrumentar e melhorar a relação.

Portanto, paradoxalmente, a Internet pode dificultar os relacionamentos, e ao mesmo tempo os facilita, é uma fonte de estresse, mas pode também ser um apoio de importância diária, na solução de problemas práticos que afetam a vida do casal.

As modernas tecnologias têm impulsionado os casais a perceberem a triangulação com a tecnologia e com isso pode gerar novas formas de comunicação; pela busca de novos significados e de novas formas de vivenciar seu dia a dia. Suas escolhas de atividades de lazer, seus rituais diários, as fronteiras entre o trabalho e a vida em família, as formas de interagir entre os membros da família e as definições sobre o que é secreto ou privado, tudo isso é influenciado pela tecnologia da comunicação (Pappy, 2002).

Segundo Pappy (2002), muitos casais, ao falarem da tecnologia, a tratam como se fosse uma entidade viva que, de repente, decidiu residir cotidianamente em seus lares, sem que tivessem poder decisório em sua aquisição ou responsabilidade. Esses modernos utensílios domésticos acabam dominando os casais pelo que oferecem de mais novo, mais rápido ou mais moderno.

Os casais do século XXI não estão preparados para lidar com a tecnologia, levando em consideração o impacto que ela tem em suas vidas, ou melhor, observando criticamente o lugar que ela ocupa em seu cotidiano. A menos que tenha se tornado fonte de conflito, a maioria dos casais não inclui, na descrição do seu dia-a-dia, as diversas formas em que essa

tecnologia afeta suas vidas (Pappy, 2002).

De acordo com Black e Roberts (1998) apud Pappy (2002), a vida superocupada, os longos dias de trabalho e os mais variados tipos de tecnologia que invadiram os lares têm precipitado o desaparecimento de alguns rituais cotidianos, podendo exemplificar em que, pelo menos, 65% das famílias americanas não mais se reúnem para jantar. Para estes autores os rituais diários da vida de muitos casais têm sido fortemente afetados pela tecnologia. A participação nesses rituais implica o que cada um significa para o outro e o limite estabelecido na comunicação.

No conjunto de tantas inovações tecnológicas decorrentes das descobertas científicas, o uso dos telefones celulares é mais um recurso, assim como a Internet, incorporado no dia-a-dia dos casais e de algumas famílias, introduzindo vantagens e custos sociais e emocionais, para as novas questões relacionadas aos vínculos amorosos atuais, explica Colombo (2006).

Para essa autora, o telefone celular provoca tensões na vida cotidiana. Cumpre duas funções: de um lado, encurta distâncias, aproxima as pessoas, em relação à família, aos amigos e ao trabalho. De outro lado, divide ou separa o casal. O uso do telefone celular - mais que o fixo - representa a inclusão de um terceiro nas conversações. Atender ao telefone implica em fazer um intervalo com quem estava se conversando anteriormente, outra díade se forma e, naquele momento, passa a ser central. “Quando o telefone toca, alguém se faz presente, alguém fica excluído, a situação triangular se potencializa” (p.200).

Boukaia (2000) apud Colombo (2006), acrescenta que os espaços conjugais - casa, lazer, viagens comuns e outros - transformam-se, momentaneamente, em espaço individualizado, com o uso do telefone celular por aquele que recebe ou faz a chamada, independentemente da presença do parceiro. O telefone projeta, momentaneamente, um dos parceiros para fora da vida conjugal, ao mesmo tempo em que exclui o outro do novo diálogo. Essa situação de exclusão tem sido fonte de sofrimento vincular e pode ser vivida, por um dos parceiros, como uma possível traição.

Bowen (1978) apud Colombo (2006), contribui para o entendimento dessa triangulação ao enfatizar que o sistema emocional que envolve o casal, ao estar sob pressão, pode requerer a inclusão do terceiro como uma forma de aliviar essa tensão.

De forma similar ao uso do celular, a Internet também configura a triangulação, o limite de territórios na vida conjugal, afirma Colombo (2006). Diz ainda que a inclusão do terceiro também se corrobora no âmbito virtual, a idéia de mundo privado, da casa e da intimidade é desconstruída quando o casal se depara com o namoro ou sexo virtual, sem a presença física do outro. Na relação conjugal, faz parte o estabelecimento de espaços físicos

diferenciados, sem a presença de um dos parceiros, assim como o de áreas conjuntas. Mas as novas tecnologias demarcam novos territórios protegidos, por senhas ou códigos, da interferência do parceiro.

O namoro à distância atravessou gerações, não faz muito tempo, coisa de mais ou menos 20 anos, começava-se um relacionamento amoroso, pessoalmente, com a troca de impressões um do outro, trocavam endereços ou número de telefones fixos e combinavam de escrever ou ligar. Era uma eterna viagem à espera do contato, quem escrevia ou telefonava ensaiava o que ia falar, rezava para encontrar o outro em casa, e quem esperava também sonhava com o que seria escrito ou dito. O romance era construído aos poucos, era valorizado em seus mínimos detalhes, a surpresa era fator primordial na descoberta dos gostos, dos sentimentos, pensamentos e atitudes, os sacrifícios eram presentes na relação: para telefonar, chegar até o correio, ver a pessoa amada, os defeitos encontrados no outro eram mais tolerados, talvez por não se ter tão presente à idealização de pessoas perfeitas ou porque os relacionamentos eram feitos para durar.

Sem dúvida que, nesse espaço de tempo, as intervenções tecnológicas relativas à comunicação e ao conhecimento mudaram a vida dos apaixonados de forma estonteante. Todavia, o namoro à distância, emoldurado pela Internet, também ganhou significado próprio. Hoje, existe acesso a uma variedade de candidatos ao mesmo tempo, os contatos são feitos de forma imediata, por meio do *Messenger*, *Chat* ou ao vivo com o *Skype*. Caso você queira, para descobrir algumas características que compõem o perfil do outro (gosto, *hobbies*, pensamentos, atitudes), basta entrar no *site* do *Orkut*, *Blog* ou *Fotolog* que você tem acesso a todas as informações sem se expor. Com isso, os relacionamentos atuais são construídos numa velocidade jamais atingida anteriormente, são baseados na tentativa de ausência de surpresas, de sacrifícios, de tolerância dos defeitos. Há toda uma carga de energia para a procura insaciável do outro idealizado, perfeito, completo e com isso a frustração está presente, onde o relacionamento pode ser descartado pela sua fragilidade, ou melhor, *deletado*.

Silngly (2000) apud Colombo (2006), acrescenta que o telefone e a Internet, integrantes da vida, criaram a relação virtual que concorre com a relação presencial, há uma maior liberdade individual no bojo da vida conjugal. E esse traduz um dos impasses do casamento contemporâneo.

Sempre esteve presente na tendência humana escapar da realidade por meio do cinema, do teatro e da literatura, só que isso acontecia, de vez em quando. Com o advento da Internet, essas fugas estão disponíveis a todo instante aos usuários. É possível entrar em um mundo ideal virtualizado de representações, que é protegido pelo anonimato, em que se

podem encontrar novas pessoas, divertir-se com jogos virtuais, expressar opiniões sem ter de enfrentar a censura e ser quem se quer ser. O computador é o substituto da vida real, acredita Pappy (2002).

3.2- Fragilidade das relações.

A recente análise realizada por Baum (2003) indica que a fragilidade dos relacionamentos humanos se dá pela diluição, ou melhor, pelo rompimento das barreiras da vida social pós-moderna e, diante disso, novas características surgem como a extraterritorialidade e fluidez nos relacionamentos interpessoais contemporâneos.

Baum (opcit) acredita que esses relacionamentos “frenéticos e frívolos” sejam incapazes de gerar introspecção, como faziam os relacionamentos “reais” modernos, pois não apresentam conteúdo, são insatisfatórios, incertos, geram insegurança em relação a sentimentos e desejos conflitantes.

O desejo de pertencer sempre foi um sentimento almejado, mas, nos dias atuais, é dúbio porque, ao mesmo tempo em que se quer aproximar de alguém, estar envolvido, sentir-se seguro ao lado de alguém com quem se possa contar, por outro, se quer também a liberdade desses vínculos, pois a grande oferta de relacionamentos é tentadora, é movida pela sedução do outro, a curiosidade pelo inesperado.

Vive-se em uma era de vulnerabilidades, a fragilidade dos laços afetivos está ameaçada pela subjetivação do homem diante da máquina, a ela é atribuído um poder que leva a promessa de felicidade, liberdade, promessa essa que é uma busca infinita, quanto mais se procura, mais se percebe que não existe a certeza da felicidade, da liberdade, mas, mesmo assim, continua a procura de um sentido (Baum, 2003).

3.3 – Trabalho: tempo e o ritmo na relação do casal.

Como diz Fraenkel (2002) apud Pappy (2002), por causa de certas atitudes e valores da nossa civilização, o tempo tenderá a se tornar cada vez mais escasso e, portanto, mais valioso neste século XXI. Já faz parte do homem atual a freqüente sensação de que há menos tempo para conduzir seu cotidiano.

Ao longo dos últimos 20 anos, o rápido desenvolvimento e a disponibilidade dos meios de comunicação e da tecnologia da informação têm eliminado as barreiras que antes existiam entre o local do trabalho e o lar, o que causa efeitos poderosos sobre o tempo que os casais dispõem (Silverstone, 1993) apud Pappy (2002). Todos os dias são oferecidos atividades estimulantes, por meio da Internet, que acabam distanciando o casal (Kraut, 1998)

apud Pappy (2002).

Le Schor (1994) apud Pappy (2002), também acredita que, nos últimos vinte anos, todas as classes socioeconômicas vivenciaram um aumento no tempo dedicado ao trabalho e, com isso, o grau de exigência, rapidez e de estresse também aumentou mas, em contrapartida, ocorreu uma diminuição no tempo de lazer, o que resultou no "enxugamento do tempo" relacionado aos aspectos temporal da vida íntima. "A maioria dos trabalhadores sente que não passa tempo suficiente com seus cônjuges e seus filhos", cita Galinsky (1996, p. 7) apud Pappy (2000).

Fraenkel (2002) apud Pappy (2002) lista uma série de fatores que privam e afetam a quantidade e a qualidade do tempo disponível para que os casais estejam juntos e mantenham uma certa intimidade: o perturbado ritmo da vida profissional, os complexos horários de trabalhos e os descompassados horários do casal, o tempo de locomoção cada vez maior, as excessivas horas de trabalho que mantêm os casais distantes por período cada vez mais longo e um número maior de viagens de negócios.

A estratégia utilizada por alguns casais é a criação de regras, que limita o tempo entre o trabalho e o lar. Esses limites salientam as divergências existentes entre o casal, porque cada um valoriza de forma diferente a falta de tempo, a importância dada ao trabalho ou ao relacionamento.

Pappy (2002) esclarece que esses limites são frágeis porque, diante de qualquer pressão profissional, é fácil para um dos cônjuges suspender essas barreiras temporais e ligar-se à Internet ou voltar ao trabalho.

Alguns parceiros preferem ficar alienado em relação ao "controle do tempo". É um processo inconsciente, pois torná-lo consciente evocaria a tomada de novas atitudes e isso nem sempre é agradável, causa angústia e insatisfação. Outras vezes, a questão do dinheiro fala mais alto, onde encobrir faz parte das regras implícitas estabelecidas pelos casais e muitos alegam que estão lutando pela independência financeira e, para garantir melhores condições de vida à família, justificam o excesso de trabalho.

Segundo Rosset (2004), as formas de administrar e de encarar o tempo são aprendidas por cada indivíduo na sua história precoce familiar, são aspectos pessoais e inseparáveis do funcionamento de cada pessoa.

3.4 – Tecnologia: limite entre o trabalho e o lar.

O que se observa a partir do crescimento explosivo dos computadores domésticos e dos celulares, que mantêm as pessoas ligadas 24 horas aos escritórios, é que a dinâmica

familiar mudou de maneira radical, o limite que existia entre trabalho e família agora é quase inexistente.

Fraenkel (1998) apud Pappy (2002), afirma que levar o escritório para casa pode acabar com o limite entre lar e escritório, consumindo o tempo do casal ou da família, de modo que, até uma década atrás, era totalmente desconhecido. A mesma autora cita que, na década de 90, exigiam-se longas horas de trabalho no escritório e que agora se exige, além das mesmas longas horas no local de trabalho, algumas horas em casa, e que esta pode ser uma das alternativas encontradas pelo cônjuge que se refugia no escritório, para se refugiar também em casa. O marido defende que a profissão exige quatro horas ao computador, enquanto a esposa acredita que ele está usando o computador para distanciar-se dela.

De acordo com Anton (2000), é estabelecido um conjunto de regras na participação das pessoas em um sistema familiar para melhor funcionalidade da mesma, a adesão a essas regras, em grande parte, são secretas e não-verbais. Diante de um padrão repetitivo de comportamento, que os torna previsíveis e esperados, parecendo absolutamente naturais, os membros da família necessitam de ajustes entre eles e dos demais sistemas da sociedade. Dessas regras, ou dessa organização, fazem parte os diversos papéis e as diversas funções exercidas por cada membro do sistema familiar. Em famílias funcionais, as regras são sempre flexíveis, discutidas e, por vezes, modificadas, apresentando-se de forma clara.

3.5 – Infidelidade virtual – a quebra de confiança no parceiro.

A má administração do tempo e a falta deste podem ser um dos indicadores de que o casamento não vai bem, que precisa ser reestruturado. Acaba por afastar o casal, sendo que um deles pode não suportar a carência e, agregado a isso, tem-se a fragilidade do relacionamento, o imediatismo e as enormes janelas abertas pelos relacionamentos virtuais que, a todo instante, oferecem inúmeras possibilidades.

Diante desse quadro, explica Colombo (2006), constata-se que as intervenções tecnológicas reeditam velhos problemas relacionados à traição, fazendo emergir antigos sentimentos, introduzindo inéditas situações à vida dos casais e, progressivamente, surgindo outras configurações relacionais.

Segundo Farah (2004), o grande fantasma da maioria das relações amorosas é, e sempre foi, a traição. Saber que o parceiro deseja outra pessoa é algo muito doloroso em nossa cultura.

A quebra de confiança e o rompimento de um acordo são caracterizados como infidelidade, para Pittman (1994). Ao iniciarem o relacionamento, os casais estabelecem

cláusulas que visam preservar a relação. A infidelidade decorre do desrespeito a uma das cláusulas estabelecidas. Estes acordos variam de casal para casal e neles estão implícitas as regras do que é e do que não é infidelidade.

O mesmo autor explica que a infidelidade é uma questão moral e algo muito perturbador, porque desorienta o parceiro e, com bastante frequência, é capaz de destruir a relação, sendo a experiência mais temida e devastadora em um casamento. Embora, para o senso comum, a infidelidade esteja ligada ao ato sexual, esclarece que não está tanto no sexo, mas na desonestidade e no segredo que esconde a traição.

A disponibilidade da "infidelidade virtual" tem criado um novo problema para os casais. São possibilidades nascidas nas salas de bate-papos, que iniciam apenas com o interesse de se comunicarem. Encontros fascinantes começam com mensagens, passam a ter encontros diários, segredos são compartilhados, histórias fantasiosas embalam a auto-estima, criando, assim, um vínculo maior entre os que conversam, fazendo surgir desejos, fantasias e a decisão de tornar esse relacionamento amoroso virtual em real começa a se configurar, sem que o cônjuge imagine (Pinheiro, 2006).

Homens e mulheres apresentam diferenças sobre o conceito de traição. Geralmente, os homens acreditam que só se houvesse o contato físico ocorreria à traição mas, para as mulheres, o envolvimento afetivo é traição. Mesmo que não se concretize na vida real, a traição machuca do mesmo jeito, pois há uma intimidade emocional com outra pessoa, que não é o marido ou a esposa.

Com isso, cresce o número de cônjuges inseguros que passam a repetir padrões de comportamento como: espionar mensagens e *Orkut*, vasculhar a vida virtual e real do cônjuge, conferir o celular para anotar as chamadas e, depois, retornar para ver quem ligou, alguns chegam a contratar detetives eletrônicos, os *hackers*, pessoas especializadas em instalar programas de computador que passam a acompanhar a correspondência alheia. A traição descoberta, nesse caso, tem um poder devastador sobre a união do casal, é como se tivesse ocorrido o flagra na vida real (Renne, 2006).

De acordo com Araújo (2004), ocorre uma fuga no plano emocional antes de se efetivar a traição sexual. O processo se inicia com uma crescente inabilidade de comunicação entre os parceiros e culmina na grande dificuldade que têm as pessoas de estabelecerem e respeitarem um compromisso nos dias de hoje porque os casais se sentem confinados na relação.

O clima de desconfiança transforma a vida a dois num inferno. Independente das causas e razões da infidelidade, é inquestionável que sempre envolve o risco de ferir alguém e de ser desleal em algum nível. Seja como for, um contrato foi quebrado e os responsáveis

devem assumir os riscos e as conseqüências.

Tais conseqüências envolvem dor, insegurança, mágoa, vingança e culpa. Por mais que se perdoe, que se tente restabelecer a relação, ser traído pelo parceiro é uma marca que ficará para sempre, mesmo que atenuada, podendo ser comparada a uma tatuagem. A pessoa que traiu também é marcada pela situação e terá que conviver com a culpa, ansiedade e angústia que são desencadeadas.

Em uma pesquisa realizada pela autora dessa monografia na disciplina de Psicologia Social sobre o tema da Infidelidade Conjugal, contatou-se que, ao falarem sobre o *status* da fidelidade nos dias atuais, as mulheres e os homens entrevistados são praticamente unânimes em afirmar que existem ameaças constantes ao relacionamento e as razões são as mais diversas: a maior oportunidade de vida social e independência econômica que as mulheres estão tendo com uma maior exposição ao contato com outros homens e mulheres; uma busca constante da felicidade, tornando as pessoas mais ousadas e sedutoras; a influência da mídia e da Internet; a presença da traição no imaginário social; maior liberdade social; mudanças sociais e, por fim, o casamento moderno que abre a cabeça das pessoas e desmonta o mito do “pecado”.

Como resultado da mesma pesquisa, os fatores psicossociais que levam homens e mulheres a traírem são citados pelos homens como sendo a falta de compromisso de ambos na relação, falta de carinho, atenção, respeito, amor, companheirismo, desejo de vingança e, até mesmo, a procura de um parceiro que complete a pessoa insatisfeita. Alguns dos entrevistados ressaltaram a cultura como um dos fatores que levam à infidelidade, no caso dos homens. Estes são estimulados desde cedo a sair com os amigos, beber e se relacionar com outras mulheres e, por isso, são valorizados no grupo social. Outra opinião interessante, dos homens, é que a traição só no pensamento ocorre porque as pessoas são muito cativantes no dia a dia, sendo quase impossível não se gostar de outro, em algum momento, até pelas qualidades dessa pessoa, pela beleza ou pelo que lhe completa naquele momento.

Muitas vezes, a saída encontrada para se evitar a traição é aproveitar o momento da crise para trocar, ampliar as idéias e refletir sobre as verdadeiras razões que levaram aos desgastes do relacionamento, e a padrões enrijecidos de comportamento podendo, assim, estabelecer novos acordos e estipular novos limites.

CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA DE PESQUISA.

4.1 – Aspectos básicos e objetivos da Pesquisa Qualitativa.

Para a realização da pesquisa, optou-se por uma metodologia qualitativa que tem como objeto de estudo o sujeito interativo, motivado e intencional. Sua investigação requer um processo de comunicação entre pesquisador e pesquisado que envolve um diálogo permanente e que pode tomar diversas formas (González Rey, 2002).

Diversos autores, a partir de uma nova forma de ver a ciência e a produção científica, chegaram à conclusão que é impossível o pesquisador se anular diante do conhecimento produzido, a ponto de não interferir pois, como todo ser humano, também tem suas crenças, inclinações e juízos de valor.

De acordo com González Rey (2002), a pesquisa qualitativa não enfatiza a neutralidade, o pesquisador é sujeito participante; considera que a ciência não é apenas racionalidade, mas também subjetividade. Na epistemologia qualitativa, o pesquisador faz parte ativa desse modelo teórico em construção, onde o saber científico é compreendido como um saber processual, ou seja, em processo de construção. Não se pensa que a ciência só pode ser objetiva e científica quando se elimina qualquer tipo de interferência pessoal, ou seja, acredita-se que o pesquisador jamais poderá suspender suas convicções, pré-noções e preconceitos ao realizar uma pesquisa ou estudo. A visão de mundo dos sujeitos da pesquisa, pesquisador e sujeito pesquisado, implica em todo o processo da pesquisa.

Negar a neutralidade não significa negar o valor da objetividade da ciência, significa apenas compreender que, quando o cientista pensa em fazer pesquisa, está sendo induzido a partir de suas convicções, sejam elas políticas, sociais, ideologias ou religiosas, entre outras. Ou seja, o cientista não pensa em fazer uma pesquisa do nada, pensa em determinado assunto a partir do seu contexto sócio-histórico, do que está acontecendo na sociedade ou no mundo naquele momento e, também, de suas vivências íntimas e particulares. Portanto, pode-se dizer que a produção científica é uma iniciativa humana, por isso está sujeita ao contexto sócio-histórico.

Os grandes e principais protagonistas da pesquisa qualitativa são, segundo González Rey (2002), o pesquisador e o sujeito pesquisado; objetos de estudo que pensam, agem e reagem, pois são atores, protagonistas da mesma história. É por isso que, nesse tipo de pesquisa, não aparece apenas o que se busca; é uma forma de produção científica que favorece o surgimento de elementos que, embora não tenham sido definidos, ou pensados,

pelo pesquisador, se transformam em opções de peso teórico e que, não raro, são relevantes para o estudo.

Já, os instrumentos são apenas coadjuvantes, são recursos importantes mas nunca levam a um resultado, são apenas facilitadores para que o sujeito fale. Na verdade, não se está preocupado com o acúmulo de dados obtidos a partir de técnicas, testes, etc, já que, o mais importante, é a produção de idéias que surge espontaneamente a partir dos indicadores levantados no decorrer da pesquisa. Segundo González Rey (2002), os instrumentos existem com o propósito de estimular a expressão do sujeito pesquisado, são indutores de informações que surgem e que, não necessariamente, definem o sentido final e real das mesmas.

Durante muito tempo, de acordo com o pensamento linear positivista, considerou-se que valorizar a singularidade descaracterizaria ou deslegitimaria o conhecimento científico, mas com o ponto de vista qualitativo, a singularidade é uma realidade diferenciada na constituição subjetiva do sujeito.

Na epistemologia qualitativa, acredita-se que o objetivo do pesquisador deve ser o de produzir conhecimento. O pesquisador qualitativo quer levantar indagações sobre o assunto estudado, favorecer a construção de formas de comunicação e surgimento de informações. Além disso, essa relação pode ter um sentido terapêutico para o entrevistado.

A pesquisa qualitativa tem por objetivo descrever a experiência vivida pelo sujeito, por isso o estudo de caso é privilegiado, pois contém relatos verbais a respeito de percepções de si mesmo e do mundo, que determinam sua maneira de ser, pensar, sentir e agir em seu meio social, uma vez que torna possível a compreensão por parte do pesquisador, enquanto síntese da expressiva subjetividade da pessoa pesquisada. A subjetividade faz parte de um processo singular de constantes mudanças, onde tudo é instável e flutuante, construindo-se a cada nova experiência. Entretanto, cada singularidade própria apresenta semelhanças com particularidades pertencentes a outros indivíduos (Tenório, 2003).

A análise de casos, na pesquisa qualitativa, sempre nos leva a processos únicos de interpretação, os critérios amostrais são substituídos por elementos qualitativos sobre a expressão da amostra em relação ao problema estudado, recorrendo-se a diferentes recursos para garantir o significado da interpretação sobre o estudado (Tenório, 2003).

A epistemologia qualitativa pode ser compreendida, primeiramente, como uma nova forma de produção científica, que se dará a partir de uma compreensão construtivo-interpretativa. Aqui, o pesquisador, que é também sujeito da pesquisa, integra e recupera os diversos indicadores produzidos durante a investigação. A proposta de investigação

qualitativa, defendida por González Rey, é de uma mudança de uma epistemologia preocupada com a resposta para uma epistemologia preocupada com a construção permanente de sentido.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (1993), deve respeitar a complexidade do ser humano e, portanto, deve trabalhar respeitando e valorizando o universo de crenças, motivações, significados, aspirações e valores do sujeito que correspondem aos espaços mais profundos das relações que podem ser apreendidos por meio do cotidiano, das experiências e vivências do sujeito e que não devem ser reduzidos à operacionalização de variável.

Respeitar o indivíduo é, acima de tudo, respeitar o contexto social em que ele se encontra inserido, é compreender que a dicotomia entre objetividade e subjetividade, ciência e filosofia, dificultam a produção de conhecimento; compreender que o objeto das Ciências Sociais é histórico e, portanto, essencialmente qualitativo; compreender que não se pode restringir a realidade social apenas ao que pode ser observado e quantificado.

Minayo (1994) coloca que, a respeito da cientificidade das ciências sociais, existem duas questões importantes a serem estudadas: primeiro, o fato de tratar-se de uma realidade da qual se faz parte, ou seja, as pessoas são agentes e, sendo assim, é impossível se pensar em objetivação ou neutralidade. Segundo, o fato de acreditar-se que os fenômenos e processos sociais têm um profundo sentido subjetivo, o que, insistindo na objetivação, estaria se descaracterizando, uma vez que o essencial nesses fenômenos é a subjetividade.

É, nesse sentido, que a presente pesquisa terá um caráter qualitativo apoiado pelo método interpretativo-constutivo, singular e dialógico característico deste tipo de investigação. Optou-se pela Epistemologia Qualitativa por se considerar indispensável para alcançar os objetivos da pesquisa, que são identificar as percepções e significados produzidos pelos casais, diante das novas transformações tecnológicas da comunicação, do mundo globalizado; compreender como as novas tecnologias da comunicação interferem nos relacionamentos conjugais; identificar o espaço que a tecnologia da comunicação ocupa nas vidas dos casais entrevistados e averiguar como se dá o enfrentamento de possíveis conflitos de comunicação, o posicionamento e a organização do casal, decorrente das transformações da tecnologia da comunicação.

4.2 – Procedimento Metodológico.

4.2.1. Escolha e descrição dos sujeitos.

A escolha dos casais participantes foi feita segundo solicitação dos próprios entrevistados quando exposto o tema da presente monografia, em discussões relacionadas a

escolhas de temas na própria faculdade. Os participantes demonstraram interesse em serem entrevistados por terem experienciado vivências em seus casamentos e foram afetados, de certa forma, pelas tecnologias da comunicação. A entrevista contemplou dois casais de classe média: o primeiro casal na faixa etária de 28 a 31 anos, com 2 anos de relacionamento; o segundo casal entre 39 e 41 anos, com 18 anos de relacionamento. A escolha desses casais foi feita no intuito de haver uma diferenciação de gênero, idade e tempo de relacionamento, para comparar os dados e relacioná-los com o referencial teórico pesquisado.

A seguir, descreve-se cada um dos sujeitos entrevistados:

- Sujeitos do casal A, casados há 2 anos:
 - O sujeito 1, EF, é do sexo masculino, com 29 anos de idade, profissão Documentarista, com nível superior completo.
 - O sujeito 2, POAF, é do sexo feminino, com 31 anos de idade, profissão estudante, com nível superior incompleto.
- Sujeitos do casal B, casados há 18 anos:
 - O sujeito 3, RVF, é do sexo feminino, com 39 anos de idade, profissão Autônomo, com nível superior incompleto.
 - O sujeito 4, RSF, é do sexo masculino, com 41 anos de idade, profissão Empresário, com nível superior completo.

4.2.2 – Coleta dos dados.

O instrumento utilizado foi à entrevista semi-estruturada, que apresenta alguns tópicos que ajudam a direcionar as perguntas, na tentativa de relacioná-las com os conteúdos teóricos, lidos durante o processo de desenvolvimento desta monografia. Este instrumento favorece o diálogo entre o pesquisador e pesquisado (Apêndice III). O diálogo propicia o surgimento de informações expressas pelo próprio sujeito entrevistado, informações que fazem parte do mundo real deste e que o entrevistador não pode sequer imaginar. É, nesse momento, que o surgimento de elementos de sentidos vem à tona.

A entrevista semi-estruturada difere do questionário uma vez que este pressupõe hipóteses que devem ser confirmadas ou refutadas e cujo direcionamento diz respeito às referências do pesquisador. A entrevista semi-estruturada tem outras características: procurando apreender o ponto de vista do sujeito entrevistado, ou seja, do ator social, a entrevista semi-estruturada é mais um roteiro, com poucas questões, com o objetivo de focalizar as questões norteadoras deste estudo. É um facilitador para descrição e

compreensão da experiência vivida pelo casal sobre a interferência dos meios de comunicação no relacionamento conjugal.

Ao realizar a entrevista, foi explicada para os participantes, a metodologia e o objetivo da pesquisa, também deixando claro que se tratava de uma participação voluntária e que, a qualquer momento, poderiam pedir para cessar o encontro. Outro ponto tratado foi o fato de que a pesquisa teria total confiabilidade, ou seja, que tudo que pudesse vir a identificá-los seria omitido, como o nome, profissão, endereço, etc. Além disso, foi pedida autorização para que as entrevistas fossem gravadas.

No encontro, houve a preocupação em estabelecer um vínculo consistente com os participantes, para que, de fato, pudessem se engajar na pesquisa, uma vez que o engajamento é que vai garantir a fidedignidade das respostas.

Ao término das entrevistas, foram feitas as transcrições e os dados foram trabalhados a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin .

4.2.3. Análise do conteúdo das entrevistas semi-estruturadas.

A pesquisa foi realizada com base na técnica de Análise de Conteúdo (AC), método de tratamento dos conteúdos manifestos (presença ou ausência de itens de sentido), nas informações colhidas em um documento, conforme Bardin, em artigo escrito por Ferreira (2000). Este instrumento facilita a organização e análise do material colhido, a formulação de hipóteses e elaboração de categorias que fundamentam a interpretação da pesquisa estudada. O método é dividido em três etapas: a primeira engloba uma leitura atenta para averiguar as questões que se destacam em detrimento do restante dos dados coletados e, a partir

desta leitura, surgem as primeiras hipóteses, explicações antecipadas e provisórias daquilo que se propõe verificar. Feita a leitura flutuante, a segunda etapa privilegia as escolhas das categorias, surgidas dos elementos significativos das mensagens emitidas na fala dos participantes, da repetição de temas ou ausência, a partir da edição das entrevistas transcritas. As categorias são, de forma geral, um conceito, forma de pensamento, reflexo da realidade e, como tal, se modificam constantemente. A categorização permite reunir um maior número de informações à custa de uma esquematização e, assim, correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los. E, na última etapa, se dá o tratamento dos resultados, que serão interpretados segundo significados particulares que cada mensagem permitia dizer a partir do que foi comunicado e de acordo com o referencial teórico pesquisado.

Nesse sentido, a análise do conteúdo dos relatos verbais vividos pelos sujeitos pesquisados, tem por objetivo encontrar dentre as diversas configurações de sua subjetividade a essência individual de cada sujeito participante, aquelas que se apresentam de modo invariável em diferentes momentos de sua vida e em diferentes pontos de sua fala (Tenório, 2003).

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS DA PESQUISA (ANÁLISE DE CONTEÚDO).

5.1 - Sujeito 1 (Casal A).

Nome: **EF.**

Sexo: **Masculino.**

Idade: **29.**

Tempo de casado: **2 anos.**

Profissão: **Documentarista.**

Escolaridade: **Superior**

Casal: **A.**

CATEGORIA 1: INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO (INTERNET E CELULAR).

Definição: Como o sujeito percebe a interferência dos meios de comunicação em sua vida, na sua relação de casal e como se sente.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção da interferência:

A tecnologia o influencia de uma forma positiva porque acha que se tem muito mais acesso a informações. Considera a Internet uma parceira para o dia-a-dia, na área profissional, cultural ou acadêmica. Acredita que faz mais coisas hoje em dia do que fazia antes de ter acesso a Internet. Também o celular como comunicação imediata quando está em trânsito.

Crê não ser relevante à influência da Internet nem do celular na relação conjugal, mas destaca a possibilidade de conversar, via Internet, com a esposa durante o tempo que está no escritório ou viajando a trabalho. A esposa utiliza mais o computador em casa, ele usa quase sempre no trabalho. Em casa, só para ler jornais, ouvir música, baixar arquivos e coisas parecidas, aproveitando o momento quando está sozinho em casa ou quando a esposa está fazendo alguma outra coisa.

Verbalizações:

“A tecnologia, como um todo, me influencia de uma forma positiva, uma vez que, hoje em dia, temos muito mais acesso a informações que antes levariam dias de pesquisas para serem encontradas.... é uma parceira para o dia-a-dia...é uma ferramenta importante de suporte para mim”.

” Uma coisa positiva que posso destacar é a possibilidade de conversar com minha esposa

durante o tempo que estou no escritório ou viajando...é uma coisa interessante que faz com que as pessoas não se distanciem tanto”.

”o celular... para mim, é essencial para o trabalho..”

2. Sentimentos:

Não se sente excluído ou abandonado quando a esposa utiliza a Internet. Não considera que pode haver “ciúmes” de uma máquina.

Verbalizações:

“Não, não me sinto excluído, porque eu também faço parte desse universo. Também utilizo as mesmas ferramentas no dia-a-dia. Não há motivos para que alguém fique com” ciúmes “de um aparato eletrônico... não há porque eu me sentir mal por isso”.

CATEGORIA 2: ACOMPANHAMENTO À EVOLUÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES DA TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.

Definição: Descreve como o sujeito percebe sua responsabilidade e o controle que sofre pelos avanços tecnológicos da comunicação.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção e responsabilidade do homem em relação aos avanços tecnológicos:

Considera como uma primeira percepção que a sociedade moderna acompanha a evolução tecnológica. Mas salienta que, se for analisar mais profundamente a maioria das pessoas no mundo não acompanha a tecnologia e nem sequer sonha que ela existe, fazem uso desta somente as pessoas mais ricas.

Não vê um responsável direto por este avanço tecnológico, considera que é uma questão de oportunidade, de oferta e demanda.

Verbalizações:

“...a maioria das pessoas no mundo não acompanha essa tecnologia e nem sequer sonha que ela existe... mas sim uma fatia abastada que pode comprar e acompanhar tal evolução”.

“Não há um responsável. A todo tempo, tecnologias estão sendo desenvolvidas, colocadas em teste....Quando se viu que a sociedade estava pronta para receber uma tecnologia que encurtasse distância e tempo, ela foi instituída publicamente. Creio que é assim que as coisas funcionam, uma questão de oportunidade, de oferta e demanda”.

2. Controle do homem pela tecnologia da comunicação:

Observa que há tanta tecnologia disponível no mundo que as pessoas não saem do lugar para fazer nada, porque a tecnologia prende as pessoas a ela, entorpece e hipnotiza, tornando outras formas ou fontes de informação obsoletas ou desinteressantes. Mas considera possível que seja utilizada com parcimônia, por meio da educação, do hábito, de saber o que é importante na hora certa.

Verbalizações:

” a comunicação de massa foi feita exatamente para controlar as massas, que são formadas por pessoas de pouca intelectualidade, que não possuem senso crítico e poder de persuasão. O grande problema da comunicação ou da tecnologia é que o meio que antes manipulava apenas pela via da informação, hoje em dia dá show, entorpece e hipnotiza. Há tanta tecnologia disponível no mundo para fazer com que as pessoas não tirem a bunda do sofá nem para levantar para beber água”.

“...as tecnologias da comunicação (que são ferramentas) são muitos e muito atraentes, mas há formas de ignorá-los. É tudo uma questão de educação, de hábito, de saber o que é importante na hora certa”.

CATEGORIA 3: CONSTITUIÇÃO E DIFERENÇAS DE RELACIONAMENTOS.

Definição: Como o sujeito percebe os padrões de relacionamento existentes, antes e depois da tecnologia, reais e virtuais.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Antes da tecnologia da comunicação:

Considera que era um pouco difícil, para não dizer impossível, ampliar as redes de relacionamento antes do advento da Internet.

Verbalizações:

“...acho válida a contribuição para ampliar redes de amizades, o que era um pouco difícil, para não dizer impossível, anteriormente...”.

2. Depois da tecnologia da comunicação:

Acha que a Internet é um meio de conhecer pessoas e fazer novos amigos, pois se pode comunicar com pessoas de qualquer canto do mundo. Em relação aos relacionamentos amorosos ou semelhantes, pensa que estão sofrendo uma grande transformação, as inibições desaparecem e isso facilita a vida de muitas pessoas, mas considera estranha essa forma.

Verbalizações:

“...creio que a Internet, como meio de conhecer pessoas e fazer novos amigos é uma ferramenta interessantíssima, pois hoje em dia você se comunica em tempo real com uma pessoa em qualquer canto do mundo...”.

“Já os relacionamentos amorosos, afetivos, sexuais, seja lá o nome que for, podem estar sofrendo uma grande transformação, um tanto quanto estranha ao meu modo de ver. Há pessoas que namoram anos via Internet sem nunca se encontrarem pessoalmente. Creio que há certa dose de fetiche nisso, porque, pessoalmente, acho que não se faz um relacionamento homem-mulher assim, à distância, sem contato físico. É certo que as inibições desaparecem e isso facilita a vida de muitas pessoas que se escondem atrás de um teclado, mas, por outro lado, não há contato, não há vida a dois. Isso é uma coisa muito estranha”.

3. Relacionamento Real:

Considera que o relacionamento real, construído pessoalmente, com contato físico, proporciona uma relação sólida.

Verbalizações:

“...Considero que o relacionamento real é sólido e o virtual não.”

4. Relacionamento Virtual:

Acredita que um relacionamento virtual pode ser baseado em amizade e em troca de idéias, mas não acha possível que se transforme em um relacionamento amoroso sólido exclusivamente via Internet.

Verbalizações:

“... um relacionamento virtual pode sim ser baseado em amizade e em troca de idéias, mas daí a ter uma migração para um relacionamento amoroso exclusivamente via internet, creio que é uma coisa muito estranha. Sei que isso existe, mas pessoalmente não acredito em relacionamentos sólidos dessa forma”.

CATEGORIA 4: ASPECTOS RELACIONADOS AO CASAL FRENTE À TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.

Definição: Como o sujeito entende alguns aspectos relacionados ao casal frente à interferência da tecnologia da comunicação no relacionamento conjugal.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção do que é ser um casal:

Define como formado por pessoas que pensam num futuro em comum, em dividir uma vida e construir uma nova vida, pessoas que sempre estão dispostas a dar suporte um ao outro.

Verbalizações:

“ Um casal é formado por pessoas que pensam num futuro em comum, em dividir uma vida e construir uma nova. Pessoas que buscam objetivos em comum e sempre estão dispostas a dar suporte um ao outro”.

2. Influência na aproximação ou distanciamento das relações:

Explica que, no caso da relação conjugal dele, não há influência da tecnologia sobre a mesma, só acompanha a velocidade informativa.

Verbalizações:

“Isso varia de casal para casal. No meu caso em particular, não há nenhuma das duas influências. A tecnologia simplesmente está em nossas vidas para agregar os valores de uma sociedade moderna que vive intensamente a velocidade informativa”.

3. Comunicação do casal:

Não acredita que a máquina atrapalhe ou ajude a comunicação do casal.

Verbalizações:

“Creio que no meu caso em particular o “tempo de máquina” é bem dividido. Pois eu trabalho o dia inteiro e, nesse tempo, ela faz o que tem que fazer no computador. Dessa forma, quando estamos juntos, raramente somos separados pelo vilão catódico”.

4. Regras de convivência estabelecidas pelo casal:

Não considera que estabeleceram regras.

Verbalizações:

“Não, não temos regras”.

5. Respeito pelo espaço do outro na relação conjugal:

Considera que o ser humano é egoísta, porque ninguém respeita plenamente a individualidade do outro, mas a intromissão não pode virar desrespeito, senão, significa que alguma coisa está errada e tem que ser corrigida.

Acha que é possível utilizar-se de coisas de modo privado ou escondido, mas que não o faz, mas afirma que sente vontade de invadir a privacidade da esposa e já se sentiu invadido.

Verbalizações:

“O ser humano por sua essência é egoísta. Ninguém respeita plenamente a individualidade de ninguém. Sempre queremos puxar a corda para o nosso lado. Mas o importante é saber até que ponto isso é sadio. A partir do momento que tal intromissão vira desrespeito, alguma coisa está errada e tem que ser corrigida”.

“...Mas no meu caso, não utilizo nada assim, de forma privada ou escondida. Creio que cada um tem seu limite de compartilhamento da individualidade...”.

6. Conflitos e suas soluções relacionadas aos meios de comunicação:

Afirma que já houve conflito relacionado à tecnologia, mas prefere não explicitar o que ocorreu, que ainda não se resolveu muito bem e tentaram conversar o máximo possível e explicar-se mutuamente.

Verbalizações:

“Sim, já tivemos. Prefiro não citar”.

“Ainda não se resolveu muito bem, mas tentamos conversar o máximo possível e tentar nos explicar mutuamente”.

CATEGORIA 5: FACILIDADE DAS RELAÇÕES NA ERA DA INFORMAÇÃO.

Definição: Percepção do sujeito em relação a possível infidelidade devido a facilidades proporcionadas pela tecnologia da comunicação.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Ampliação da rede relacional externa a relação conjugal:

Concorda que a tecnologia ampliou a rede de pessoas que se pode conhecer e a possibilidade de alguém se interessar por outra pessoa. Mas não consegue afirmar que é maior agora do que anteriormente a tecnologia, para ele o que conta é a intenção.

Verbalizações:

“Concordo que isso ampliou a rede de pessoas que você pode conhecer e isso, conseqüentemente, amplia sim a possibilidade de alguém se interessar por outra pessoa. Mas não sei dizer se isso é maior agora. Creio que se colocarmos em termos estatísticos e de probabilidade há sim um aumento, mas o que conta mesmo é a intenção, pois a pessoa só vai ter contatos íntimos extraconjugais se estiver disposta e, para isso, não precisa de Internet, apenas de um bar”.

2. Visão sobre a traição:

Define trair como colocar outra pessoa no lugar daquela que a ocupava anteriormente, fisicamente ou não, via Internet ou não.

Não acha possível ser infiel enquanto acreditar no seu relacionamento.

Não se assusta com a possibilidade de ser traído porque acredita que as pessoas são livres e, se algum dia a felicidade não existir mais, será melhor para o casal seguir caminhos opostos com ou sem o envolvimento de outras pessoas.

Verbalizações:

“Traição é um treco meio complicado de se rotular. Acredito que trair é colocar outra pessoa no lugar daquela que a ocupava anteriormente. Seja fisicamente ou não”.

“...a infidelidade em geral é levada exatamente para suprir deficiências que existem dentro do próprio relacionamento. As pessoas buscam preencher as lacunas com outras”.

3.Confiança no parceiro:

Ele confia na pessoa que está a seu lado dividindo as coisas do dia-a-dia, não se importando o que ela fala no celular ou na Internet. Mas tem ciúmes e considera normal porque acredita que os humanos são egoístas e não gostam de dividir nada, nem palavras.

Verbalizações:

“Confio na pessoa que está ao meu lado dividindo as coisas do dia-a-dia. Não me importa o que ela fala no celular ou na Internet. Não vai ser uma conversa que vai determinar a minha confiança ou não. Mas ciúmes podemos dizer que pode existir, não por falta de confiança, mas porque, como já disse antes, humanos são egoístas e não gostamos de dividir nada, nem palavras”.

CATEGORIA 6: TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS DA COMUNICAÇÃO E A DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO.

Definição: Como o sujeito percebe a substituição do tempo dedicado ao lar pelo trabalho, os conflitos ocasionados e como gostaria que fosse a distribuição do tempo.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Distribuição do tempo

Concorda que existe uma diminuição do tempo dedicado à família, mas tem tempo para intimidade conjugal. Não sabe como deve ser a distribuição do tempo de uma pessoa, mas considera que, entre os 20 e 50 anos, o tempo tem que ser produtivo, tem que estar direcionado aos objetivos de cada um.

Menciona que não consegue tirar férias, mas se estivesse em uma viagem de férias, só utilizaria tecnologia para o trabalho se fosse indispensável, para decisões que a equipe de trabalho não pudesse tomar.

Só leva trabalho para casa quando tem a obrigação de terminá-lo em determinado prazo, mas como adora o que faz, executa-o com prazer.

Verbalizações:

“Concordo plenamente... O segredo é tomar cuidado para não ficar entorpecido pelo trabalho ou pelos estudos, mas isso envolve a consciência e necessidade de cada um”.

“creio que, em uma viagem de férias, só utilizaria os recursos disponíveis se fosse indispensável, pois se eu tiro férias minha equipe continua trabalhando e há decisões que eles não podem tomar, então tenho que intervir”.

5.2 - Sujeito 2.

Nome: **POAF.**

Sexo: **Feminino.**

Idade: **31.**

Tempo de casada: **2 anos.**

Profissão: **estudante.**

Escolaridade: **superior incompleto.**

Casal: **A.**

CATEGORIA 1: INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO (INTERNET E CELULAR).

Definição: Como o sujeito percebe a interferência dos meios de comunicação em sua vida e na sua relação conjugal.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção da interferência:

Ela acha que não consegue mais ficar sem Internet, lê as notícias, mantém contato com amigos em outros estados, realiza pesquisas para a faculdade, conversa pelo MSN. Quando estava namorando o atual marido, eles se falavam muito por e-mail e MSN, mas acha que conversar pelo MSN não é a mesma coisa de conversar pelo telefone e que isto não é muito bom porque acaba se perdendo a proximidade.

Verbalizações:

“Acho que não consigo mais ficar sem Internet. Como normalmente não vejo tv, leio as notícias pela Internet, tenho contato com amigos em outros estados, fora os estudos que tenho que fazer para a faculdade. De uma certa forma sei que isto não é muito bom. A gente acaba perdendo a proximidade”.

“Hoje em dia a Internet não me incomoda tanto como antes. Quando estava namorando meu marido, a gente se falava muito por e-mail e MSN... Eu percebia que ele tinha mais facilidade de se abrir por estes meios. E, no começo, eu achava super-estranho porque não parecia a mesma pessoa que estava comigo pessoalmente. E, muitas vezes, eu não sabia com quem eu estava conversando e, quando ele me encontrava, parecia que nada tinha acontecido. Era como existisse um mundo da Internet e outro pessoalmente”.

“No final de semana, quando a gente está numa festa, cinema ou com os amigos, às vezes, ele tem que atender e ligar para pessoas para resolver assuntos do trabalho. Isto não me incomoda. Sei o tipo de trabalho que ele tem e as suas responsabilidades”.

“...Falei pra ele jogar, que não teria problema. Ele falou não várias vezes, mas no final foi jogar. De 10 em 10 minutos, ele ia lá onde eu estava, me dava um beijo e ficava um pouquinho comigo e voltava para o jogo. Eu achei legal a preocupação dele comigo, de perceber que isto pode afetar o nosso relacionamento”.

2. Sentimentos:

Antes do casamento, ela achava estranho este excesso de Internet, não mexia muito com computador e seu marido conversava muito por este meio, ela tinha muito receio das conversas e pessoas que ele conhecia pelo computador. Sentia-se completamente excluída em relação à sua intimidade no computador. Hoje em dia não é mais assim, passaram por um momento difícil e aprenderam um pouco em relação a estas coisas.

Verbalizações:

“... parecia que o mundo da Internet era diferente do mundo pessoal, tinha muito receio das conversas e pessoas que ele conhecia pelo computador. Não sabia se isto acontecia ou não, mas como ele parecia ser uma pessoa completamente diferente nestes dois locais, não sabia o que acontecia. E me sentia completamente excluída por ele em relação à sua intimidade no computador. Parecia que era um lugar que não poderia invadir, entrar, perguntar. Era como se eu tivesse que respeitá-lo e perguntar sobre este assunto seria invadir demais sua privacidade”.

CATEGORIA 2: ACOMPANHAMENTO À EVOLUÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES

DA TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.

Definição: Descreve como o sujeito percebe sua responsabilidade e o controle que sofre pelos avanços tecnológico da comunicação.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção e responsabilidade do homem em relação aos avanços tecnológicos:

Acha que o homem acompanha e é o próprio responsável pelas evoluções tecnológicas, mas que se deve ficar atento de como isto pode ajudar e atrapalhar a vida, porque se perde muito o contato com o outro.

Verbalizações:

“...acho que temos que ficar atentos como isto pode ajudar e atrapalhar nossas vidas. Perdemos muito o contato com o outro. Já ouvi falar que tem gente fazendo terapia pela Internet! Bom, se fazem sexo pela Internet, tudo é possível”.

“O próprio homem”.

2. Controle do homem pela tecnologia da comunicação:

Considera que não se consegue ficar sem a tecnologia, porque sem a tecnologia da comunicação fica-se fechado no próprio mundo.

Verbalizações:

“A gente não consegue ficar sem a tecnologia, estamos acostumados com ela.”

“Sem a tecnologia da comunicação ficamos fechados no nosso mundo, no canto onde estamos. Isto é em relação a tudo, política, economia ou cultura. Se ignorá-la, ficamos sem contato com o mundo, com coisas que podem alterar nossas vidas”.

CATEGORIA 3: CONSTITUIÇÃO E DIFERENÇAS DE RELACIONAMENTOS.

Definição: Como o sujeito percebe os padrões de relacionamento existentes, antes e depois da tecnologia, reais e virtuais.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Antes da tecnologia da comunicação:

Define que, antes, havia o romantismo da carta, existia mais contato com o outro, tinha que ter a presença física do outro. Era permitido ao outro nos conhecer.

Verbalizações:

“Naquela época tinha mais contato com o outro, tinha que ter a presença do outro”.

“Antes a gente permitia ao outro nos conhecer”.

2. Depois da tecnologia da comunicação:

Entende que hoje se namoram pessoas que nunca se viu e se faz sexo com elas. Acha que quando estas pessoas resolvem se encontrar, não dão certo e terminam o relacionamento. Que, hoje, quem namora na Internet, passa para o outro o que ele gostaria de ser ou que o outro gostaria que ele fosse e que ela não iria conseguir fazer isto, porque precisa do contato físico e visual.

Verbalizações:

“... Hoje se namoram pessoas que a gente nunca viu e ainda faz sexo com ela. E é engraçado, quando estas pessoas resolvem se encontrar, não dão certo e terminam o relacionamento”.

“hoje, com este povo que namora na Internet, passa para o outro o que ele gostaria de ser ou que o outro gostaria que ele fosse...”

3. Relacionamento Real:

Considera que, no real, existem lembranças do cheiro, da pele, do olhar, são usados os sentidos.

Verbalizações:

“No real, temos lembranças do cheiro, da pele, do olhar. Nós usamos nossos sentidos”.

4. Relacionamento Virtual:

Acha que, no virtual, as pessoas não se conhecem bem, não tem o toque, o olhar, a expressão, o dia-a-dia onde acontece o stress, a falta de paciência, o mau humor. E que para terminar um relacionamento virtual é muito mais fácil, é só bloquear a pessoa, pois não se apega da mesma forma, porque no virtual existem palavras tecladas e, no máximo, uma imagem com a ajuda da Webcam.

Verbalizações:

“Ah, com certeza! As pessoas não se conhecem bem, não tem o toque, o olhar, a expressão, o dia-a-dia onde acontece o stress, a falta de paciência, o mau humor. Na Internet a gente só se fala quando está com saudade e não porque brigou no trabalho e está bravo e vai descontar na pessoa que está do outro lado. Para terminar um relacionamento virtual é muito mais fácil, é só bloquear a pessoa”.

CATEGORIA 4: ASPECTOS RELACIONADOS AO CASAL FRENTE À TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.

Definição: Como o sujeito entende alguns aspectos relacionados ao casal frente à interferência da tecnologia da comunicação no relacionamento conjugal.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção do que é ser um casal:

Para ela, ser um casal é estar presente, ter companheirismo, saber que são pessoas diferentes, mas nunca deixar de ser ela ou ele mesmo. Respeitar a vontade do outro e deixar claro que tudo tem um limite, onde começa a vida do casal.

Verbalizações:

“Acho que, no casamento, um tem que dar força para o outro, apoio, ajuda, respeito, muito respeito”.

2. Influência na aproximação ou distanciamento das relações:

Acha que a tecnologia aproxima (quando se está longe permite que se fale mais um com o outro) e distancia (se estão dentro de casa e um está no computador e outro no celular) relações.

Verbalizações:

“Huuuummm, acho que os dois. Por exemplo, como meu marido viaja umas 2 ou 3 vezes por mês, sem a tecnologia nos falaríamos muito menos nesse período, mas se estamos dentro de casa e um está no computador e outro no celular, aí não dá”.

3. Comunicação do casal:

Considera que ela e o marido conversam bem, mas gostaria que ele se abrisse mais, falasse o que pensa em relação às coisas, da vida como casal.

Verbalizações:

“Gostaria que ele se abrisse mais, como falei, ele é muito fechado. Sinto falta de saber o que ele pensa em relação às coisas, até da nossa vida como casal. Mas ele não fala. Às vezes, penso se realmente o conheço”.

4. Respeito pelo espaço do outro na relação conjugal:

Ela gostaria que ele entendesse que são diferentes em alguns aspectos. Não fica feliz com as constantes reclamações dele, pois ele age como se ela não soubesse o que é bom para ela e ele soubesse mais, ela tenta respeitar a individualidade e diferenças deste e que o mesmo mostre do que gosta, do que não gosta e sobre o que pensa em relação a alguns assuntos.

Nenhum deles gosta quando o outro age de modo privado em relação ao uso de celular e da Internet, ela acha que ele, há tempos atrás, tinha acesso aos seus e-mails e MSN e descobriu que o marido configurou o MSN para salvar todas as conversas dela. Também já invadiu a privacidade do marido quando estavam noivos, porque desconfiava muito dele, por causa da Internet e como ele era por traz do computador. Começou, então, a mexer no computador dele e ver seus e-mails.

Verbalizações:

“Às vezes. Gostaria que ele entendesse mais como funciona. Somos diferentes em alguns aspectos e, às vezes, ele reclama. Para falar a verdade, ele reclama de muita coisa. Até ele fala isto, mas eu tento levar na brincadeira, mas tem hora que não fico muito feliz. Eu tento respeitar sua individualidade e diferenças. Sempre fiz questão que ele me mostrasse o que ele gosta, o que não gosta, como pensa em relação a alguns assuntos, deixo sempre este espaço aberto. Ele é uma pessoa fechada, não gosta muito de ficar falando dele, mas eu sempre falei para ele que não tem como eu descobrir o que ele quer e como pensa, ele tem que me falar! A única coisa que eu acho ruim que ele faz é que ele pega no meu pé para fazer o que ele gostaria que eu fizesse. Como se eu não soubesse o que é bom pra mim e ele soubesse mais”.

“ Há um tempo atrás, eu achava que ele tinha acesso aos meus e-mails e MSN, sei lá, como se ele tivesse a senha. Uma vez descobri que ele mexeu no meu MSN e colocou para ficar salvando todas as minhas conversas”.

“Já invadi. Foi na época que estávamos noivos ainda. Eu desconfiava muito dele...por causa da Internet e como ele era por traz do computador. Eu perguntava para ele algumas coisas e ele nunca respondia direito, era sempre um “não sei”, “sei lá”. Achava que ele não era a mesma pessoa que demonstrava para mim. Aí comecei a mexer no computador e ver seus e-mails”.

5. Regras de convivência estabelecidas pelo casal:

Estabeleceu, após um rompimento na época do noivado, que não queria que ele agisse do modo como estava agindo. Que ele teria toda liberdade de fazer o que queria, mas longe dela. Acha que foi de comum acordo o modo de agir, ele aceitou regra que coloquei.

Verbalizações:

“Depois que a gente terminou, deixei bem claro que não queria que ele agisse comigo assim... Bom, acho que foi de comum acordo. Ele falou que aceitou isto e eu que coloquei a regra. Ele tinha a opção de continuar fazendo, só que eu não iria saber lidar com isto e nem estava afim de fazer isto. Ele aceitou!”.

6. Conflitos e suas soluções relacionadas aos meios de comunicação:

Quando existem conflitos, eles falam que não estão satisfeitos e pedem para o outro ficar mais perto, para conversarem. Mas respeitam um ao outro se for algo que deve ser feito naquela hora e esperam o outro terminar.

A esposa conta que eles terminaram um mês antes do casamento, porque descobriu que ele conhecia pessoas que negava dizer que conhecia, tinha relacionamento, pela Internet, com uma ex-namorada com a qual ele falava que não conversava com ela há muito tempo mas, pelos e-mails, descobriu que eles se falavam constantemente.

Ela afirma que nunca foi contra ter amizades com “ex-s”, só se sentiu chateada por ele não confessar e não dividir estas amizades com ela, ele não permitia que a mesma entrasse em seu mundo virtual. Ao conversar com ele, após a descoberta, terminou tudo. Ele lutou por ela e eles voltaram, mas não confiava nele.

Ela psicossomatizou, ficou doente e entrou em depressão. Resolveu fazer terapia, começou a melhorar.

Verbalizações:

“ A gente terminou um mês antes do casamento. Foi uma loucura. Naquela época que eu mexia no e-mail dele, descobri que ele conhecia pessoas que ele se negava em dizer que conhecia, matava a mãe e não falava a verdade. Eu fiquei neurótica! Pensava: como vou casar com um cara que não sei quem é, que não fala a verdade para mim, porque ele tem relacionamento na Internet e não fala comigo”.

“Sempre dei espaço para ele ter amigas, principalmente com ex-namoradas. Eu tenho amizades com os meus “ex” e sempre falei com ele. Tenho vários amigos homens e nunca escondi. Não entendia porque ele não falava para mim. Era como eu não pudesse interferir neste meio. Como se fosse uma individualidade dele que não deveria me intrometer”.

“...não queria mais ficar com ele, principalmente porque ele não era a pessoa que me parecia ser...então resolvi terminar, já que ele não sabia de nada, eu tinha que saber! Ele ficou louco! Junto com a minha família e a dele. Ele procurou minha psicóloga, fez de tudo pra eu não deixá-lo... enfim, casamos.

“ No começo do casamento foi muito difícil para mim. Não confiava nele de jeito nenhum. A gente brigava bastante! Foi horrível! Chorava muito, sofria demais. Com o tempo foi diminuindo. Mas psicossomatizei. Meu corpo reclamou bastante. Fiquei um ano fazendo exames e não dava em nada, resolvi fazer terapia, comecei a melhorar e, ao mesmo tempo, fiquei com depressão! Bom, as brigas, o mal estar no casamento serviu para alguma coisa. Ele

me mostrou que gosta realmente de mim. Ele agüentou tudo com muita compreensão e paciência. Agora ele não está daquela forma. Tudo por causa da Internet!”.

“Mas, olha, eu pirei na época! Acho que não usamos estratégias, tive que confiar de novo e ele sempre tenta me mostrar que não pensa mais daquela forma”.

CATEGORIA 5: FACILIDADE DAS RELAÇÕES NA ERA DA INFORMAÇÃO.

Definição: Percepção do sujeito em relação a possível infidelidade devido a facilidades proporcionadas pela tecnologia da comunicação.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Ampliação da rede relacional externa a relação conjugal:

Acha que o marido se comunicava com as pessoas pelo computador e ficou furiosa quando descobriu. Não sabe como agiria se descobrisse que isto ainda acontece.

Verbalizações:

“ Ele se comunicava com as pessoas e não sei de que forma, pelo computador. Fiquei furiosa quando descobrir. Olha, se eu descobrir que isto ainda acontece, eu não sei não”.

2. Visão sobre a traição:

Acha que traição é falta de respeito com a pessoa com a qual se está, independente se for pela fala ou pelo ato. Não se assusta com a possibilidade de ser traída, mas não gosta porque trazem lembranças ruins, momentos difíceis que passou no relacionamento com o marido.

Não gosta das coisas virtuais, mas acho que a traição virtual ocorreria por ser uma experiência nova, devido à insatisfação no casamento.

Verbalizações:

“Acho que traição é falta de respeito com a pessoa que você está. Independe se for pela fala, pelo ato. A falta de respeito pode acontecer em qualquer lugar”.

“Não me assusta. Só não gosto. Traz lembranças ruins, momentos difíceis que passei no relacionamento com o meu marido”.

3. Confiança no parceiro:

Ela não tinha problema quanto à confiança no parceiro antes de descobrir como ele usava o computador, mas agora, ele fala que não faz nada e ela tenta se esforçar para acreditar, porque não quer ficar pensando, fuçando as coisas, tendo dúvidas em saber o que

ele está fazendo.

Verbalizações:

“Huummm, vou confessar que, antes de descobrir como ele usava o computador, eu não tinha problema nenhum com isto. Nem ligava. Mas agora, ele fala que não faz nada e eu tento e me esforço pra acreditar...”.

CATEGORIA 6: TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS DA COMUNICAÇÃO E A DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO.

Definição: Como o sujeito percebe a substituição do tempo dedicado ao lar pelo trabalho, os conflitos ocasionados e como gostaria que fosse a distribuição do tempo.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Distribuição do tempo

Considera que houve diminuição do tempo em relação ao lar comparado com o tempo dedicado ao trabalho, mas há tempo para intimidade conjugal. Ela não utiliza tecnologia durante as férias para trabalho e acredita que quando eles levam trabalho para casa é por obrigação.

Gostaria que o marido não chegasse muito tarde durante a semana e nem trabalhasse no fim de semana, muito menos falando de trabalho com os amigos quando saem para se divertir.

Verbalizações:

“Com certeza. Eu gostaria que ele não chegasse muito tarde durante a semana e que não precisasse trabalhar durante o fim de semana. Algumas vezes saímos para nos divertir e ele fica falando de trabalho com os amigos dele”.

5.3 - Sujeito 3.

Nome: **RVF.**

Sexo: **feminino.**

Idade: **39 anos.**

Tempo de casado: **18 anos.**

Profissão: **Autônoma.**

Escolaridade: **superior incompleto.**

Casal: **B.**

CATEGORIA 1: INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO (INTERNET E CELULAR).

Definição: Como o sujeito percebe a interferência dos meios de comunicação em sua vida e na sua relação conjugal.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção da interferência:

A Internet faz parte do seu cotidiano, resolve de maneira mais fácil, rápida e com facilidade a comunicação entre amigos e recebimento de informações. Seu trabalho também está vinculado a Internet, tem um site de vendas por isso trabalha em casa, recebe os pedidos, paga as contas, mas percebe que se o tempo não for bem administrado, acaba ficando longe do marido, que trabalha e conversa com amigos também pelo computador. Ela confessa que passa mais tempo no computador que o marido, mas alega que é só pelo trabalho.

Considera o celular indispensável para manter contato em qualquer momento de necessidade, só desliga quando acaba o expediente. Seu marido também utiliza muito o celular durante o dia, mas à noite desliga para não trazer trabalho para casa.

Menciona que continua fazendo tudo que fazia antes de iniciar a utilização da Internet.

Verbalizações:

“No meu dia a dia, a Internet já faz parte do meu cotidiano. Várias coisas tornaram-se mais fáceis de serem resolvidas, ajudando a economizar tempo, facilitando a comunicação com amigos e recebimento de informações”.

“Se não é muito bem administrado, o tempo que ficamos no computador, torna-se uma maneira de ficarmos mais tempo longe um do outro”.

“...celular, para mim é um meio de comunicação indispensável para mantermos contato a qualquer momento de necessidade”.

“Ele está comigo 24 horas, só desligo quando acaba o meu expediente”.

Sentimentos:

Apesar de tentarem fazer uso da Internet e do celular só em horário de trabalho, não dão conta e acabam por usá-los nos momentos que seriam próprios para o casal. Relata que ocorrem sentimentos de exclusão por não haver comunicação. Quando há uso excessivo da Internet seu marido pensa que ela prefere o computador a ele e vice-versa.

Verbalizações:

“Às vezes, temos problemas, pois a noite é o horário que estamos mais tempo juntos, tentamos resolver nossas tarefas o mais rápido possível para que possamos ficar juntos no

resto do tempo. Mesmo sendo pouco o tempo que ficamos conectados na Internet, às vezes, isto gera um certo problema pois não nos comunicamos muito por que ficamos entretidos no computador. Sinto que quando fico mais tempo do que o normal, acabamos discutindo, pois meu marido demonstra que ele sente que eu não quero ficar com ele e sim com o computador. O mesmo ocorre com ele, quando ele passa muitas horas no computador eu reclamo, temos a liberdade de falar um com o outro sobre isto”.

CATEGORIA 2: ACOMPANHAMENTO À EVOLUÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES DA TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.

Definição: Descreve como o sujeito percebe sua responsabilidade e o controle que sofre pelos avanços tecnológicos da comunicação.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção e responsabilidade do homem em relação aos avanços tecnológicos:

Ela acredita que as pessoas estão acompanhando a demanda tecnológica, e as mesmas são as responsáveis pelo avanço, em função do conforto gerado, da facilidade e do aproveitamento do tempo, e são obrigadas pelo trabalho e pela sociedade a utilizá-la.

Verbalizações:

“...hoje em dia, as transformações tecnológicas estão se desenvolvendo de forma muito acelerada e a própria sociedade e trabalho nos obriga a estarmos cada vez mais por dentro desta tecnologia”.

“Acho que a demanda é grande para que as coisas se tornem mais fáceis e praticas, para que tenhamos um certo conforto, por isso acho que os responsáveis somos nós, os consumidores, que tentamos aproveitar melhor o nosso tempo”.

2. Controle do homem pela tecnologia da comunicação:

A tecnologia traz uma segurança e uma facilidade de resolver problemas , por essa razão não é possível ignorá-la.

Verbalizações:

“Nos acostumamos a estar completamente on-line, isso gera uma certa segurança pois, se estamos com algum problema, o celular está na bolsa e resolvemos rapidamente. Sinto que não conseguimos ignorá-lo pois nos trouxe, querendo ou não, conforto para nossa vida”.

CATEGORIA 3: CONSTITUIÇÃO E DIFERENÇAS DE RELACIONAMENTOS.

Definição: Como o sujeito percebe os padrões de relacionamento existentes, antes e depois da tecnologia, reais e virtuais.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Antes da tecnologia da comunicação:

Ressalta que, antes, era necessário tempo e paciência para se comunicar, devido ao telefone fixo e as cartas, isso fazia com que a comunicação fosse menor do que hoje.

Verbalizações:

“Antes, tínhamos que estar em algum local fixo para podermos utilizar o telefone, ou mandar carta que demorava dias para chegar nas mãos de nossos amigos, acho até que a comunicação deveria ser muito menor do que hoje temos”.

2. Depois da tecnologia da comunicação

Devido ao grande número de pessoas com celular, ela acredita que se tornou mais fácil manter contato e, quanto a Internet, pode-se ler notícias e conversar com amigos sem gastar nada.

Verbalizações:

“... hoje, até do carro, conseguimos manter contato com qualquer pessoa, pois quase todo mundo tem um celular. Quanto a Internet, as coisas estão praticamente on-line, lemos notícias, conversamos com amigos, nos vemos por meio da webcam, falamos sem gastar nada com pessoas que estão distantes até mesmo em outros países”.

3. Relacionamento Real:

Ela imagina que exista diferença entre relacionamento virtual e real.

Verbalizações:

“Imagino que sim”

4. Relacionamento Virtual:

Como ela não conversa com ninguém apenas virtualmente, acredita que as pessoas colocam uma máscara e fingem ser algo que não são, tornando-se pessoas perfeitas para que sejam aceitas para aquela pessoa com a qual se relacionam. Sente que não deve ser uma relação sincera.

Verbalizações:

“acredito que as pessoas colocam uma máscara e fingem ser algo que não são, tornando-se

pessoas perfeitas para que sejam bem-vindas para aquela pessoa com a qual se relacionam. Sinto que não deve ser uma relação sincera.”

CATEGORIA 4: ASPECTOS RELACIONADOS AO CASAL FRENTE À TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.

Definição: Como o sujeito entende alguns aspectos relacionados ao casal frente a interferência da tecnologia da comunicação no relacionamento conjugal.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção do que é ser um casal:

Entende que as pessoas devem se amar muito, respeitar as diferenças, não deixar que atrapalhem a relação e fazer, das diferenças, algo que ajude a crescer como pessoa. Também devem ter companheirismo, respeito, carinho, amor e dedicação.

Verbalizações:

“...para sermos um casal temos que nos amar muito, respeitar as diferenças e fazer delas algo que nos ajude a crescer como pessoa, e que estas diferenças não atrapalhem a relação. É sobretudo companheirismo, respeito, carinho, amor e dedicação”.

2. Influência na aproximação ou distanciamento das relações:

Acha que, para algumas pessoas, pode distanciar, mas, no caso dela e do marido, ajudou a aproximá-los, pois se falam mais ao telefone no horário de trabalho, trocam carinhos e recadinhos por e-mail.

Verbalizações:

“Para algumas pessoas pode até distanciar, mas, para nós ajudou a aproximarmos, pois falamos mais vezes ao telefone em nosso horário de trabalho, trocamos carinhos por e-mail, às vezes, mandamos recadinhos pelo e-mail, declarações de amor, combinamos como nos encontrar pelo celular, quando vemos que as coisas não estão boas para um ou para outro, conversamos para que o outro saiba o que está incomodando. Temos limite quanto ao uso do celular, que tentamos diminuir, e do tempo que estamos gastando no computador”.

3. Comunicação do casal:

Ela informa que utilizam, cada um (ela e o marido), um computador e ficam no mesmo ambiente e, às vezes, conversam pelo MSN. Afirma que quando um deles acaba sua obrigação, o outro, geralmente, também desliga o computador se não está mais ocupado ou

com obrigações a fazer.

Verbalizações:

“Nós, quando estamos no computador, ficamos no mesmo ambiente e, geralmente, os dois ao mesmo tempo, por isso, às vezes, ficamos brincando no MSN ou conversando um do lado do outro. Quando o primeiro acaba sua obrigação, o outro, geralmente, também desliga o computador se não está mais ocupado ou com obrigações a fazer”.

4. Regras de convivência estabelecidas pelo casal:

Afirma que desligam o celular quando chegam em casa e procuram ficar o mínimo de tempo no computador quando estão juntos em casa. Quando não estão satisfeitos um com o outro, conversam e falam para o outro o que está acontecendo.

Verbalizações:

“Sim, no caso do celular, nós desligamos quando chegamos em casa. Quanto ao computador, procuramos ficar o mínimo de tempo quando estamos juntos e, quando não estamos satisfeitos, geralmente, conversamos e falamos para o outro o que está acontecendo. Temos usado do nosso bom senso para que o outro não fique se sentindo mal”.

5. Respeito pelo espaço do outro na relação conjugal:

Ela diz que, quando estão entretidos em um determinado assunto e não querem desligar o telefone ou computador, tentam justificar um para o outro o que está acontecendo para que não tenham problemas.

Afirma que confia no marido e por isso não fica bisbilhotando o e-mail, celular e telefone dele, bem com ele em relação a ela. Que se isso acontecer é porque estão com algum problema e tem que conversar.

Verbalizações:

“... cada um é um ser no mundo que tem sua individualidade. Sei que, às vezes, estamos entretidos em um determinado assunto e não seria bom desligar o telefone ou computador, então tentamos sempre justificar um para o outro o que está acontecendo para que não tenhamos problemas”.

“Nos respeitamos, não ficamos bisbilhotando o e-mail, celular “.

6. Conflitos e suas soluções relacionadas aos meios de comunicação:

Para ela, os conflitos surgem pelo uso excessivo, por um dos dois, da Internet ou do celular. Tentam respeitar os limites, mas, às vezes, os ultrapassam e ficam chateados por

terem que esperar o outro. Aquele que ficou insatisfeito fala como se sentiu para o outro no dia seguinte. A conversa é a estratégia que utilizam para que essa situação não aconteça novamente. Ela cita que, quando erra, admite e tenta se explicar.

Verbalizações:

“ Quando não estou satisfeita fico chamando ele para ficar comigo e, às vezes, ele demora para vir e eu acabo dormindo, no dia seguinte aviso como me senti. Ele também fala para mim quando acha que estou muito tempo no computador ou telefone. Tentamos respeitar um ao outro mas, às vezes, ultrapassamos os limites e acabamos ficando chateados, então conversamos”.

“...já brigamos quando eu fico mais tempo no computador ou ele também e o outro está esperando. Também temos problema com telefone, quando fico horas falando no telefone e ele gostaria que eu ficasse com ele.

CATEGORIA 5: FACILIDADE DAS RELAÇÕES NA ERA DA INFORMAÇÃO.

Definição: Percepção do sujeito em relação a possível infidelidade devido a facilidades proporcionadas pela tecnologia da comunicação.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Ampliação da rede relacional externa a relação conjugal:

Entende que, hoje, a ampliação da rede relacional externa ao casal porque é muito fácil conhecer pessoas por meio da Internet.

Verbalizações:

“...hoje em dia é muito fácil conhecermos pessoas através da Internet”.

2. Visão sobre a traição:

Acha que trair no mundo virtual ou no mundo real é a mesma coisa porque ao se manter uma conversa virtual com alguém e não contar para o seu parceiro é porque está havendo algum tipo de traição, tem algum sentimento, mesmo que entre eles não seja sincero. Não imagina o que levaria o marido a traí-la.

Verbalizações:

“...se você está conversando virtualmente com alguma pessoa e não conta para o seu parceiro é porque está havendo algum tipo de traição, se você tem que esconder do seu companheiro alguma coisa ou pessoa é porque tem algum sentimento, nem que seja apenas prazer”.

“Também acho que quando eles se conhecem apenas pelo computador, esta relação entre eles

não é sincera”.

“Como não desconfio do meu marido e não imagino ele me traindo, não me sinto assustada com isso.”

3.Confiança no parceiro:

Confia no marido porque eles têm uma relação muito consistente e sincera.

Verbalizações:

“...temos uma relação muito consistente e sincera, por isso confio no meu marido”.

CATEGORIA 6: TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS DA COMUNICAÇÃO E A DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO.

Definição: Como o sujeito percebe a substituição do tempo dedicado ao lar pelo trabalho, os conflitos ocasionados e como gostaria que fosse a distribuição do tempo.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Distribuição do tempo

Concorda que houve diminuição do tempo dedicado à família. Entende que o ideal seria que quando estivessem em casa, juntos, nenhum dos dois utilizasse o telefone ou Internet. Mas não conseguem fazer isso devido às obrigações que ambos tem, mas ao perceberem que o outro não está satisfeito, diminuem o tempo de uso.

Menciona que seu marido passa mais tempo jogando ou procurando coisas na Internet do que trabalhando e que, quando traz trabalho para casa, é porque não teve tempo durante o dia. Mas sobra tempo para as intimidades conjugais pois, nos finais de semana, colocam limites em casa e saem juntos para se curtirem. Quando viajam de férias, utilizam pouco a Internet e o celular para trabalho, usam mais para se comunicarem com a família.

Verbalizações:

“...o ideal seria que, na hora em que estamos em casa juntos, ninguém ficasse no telefone ou Internet, mas as obrigações são grandes por isso não conseguimos fazer deste o nosso dia-a-dia...”

“...colocamos limites na nossa casa, final de semana é muito raro estarmos no computador. Nosso celular só funciona o particular”.

5.4 - Sujeito 4.

Nome: **RSF.**

Sexo: **masculino**.

Idade: **41**.

Tempo de casado: **18 anos**.

Profissão: **empresário**.

Escolaridade: **superior completo**.

Casal: **B**.

CATEGORIA 1: INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO (INTERNET E CELULAR).

Definição: Como o sujeito percebe a interferência dos meios de comunicação em sua vida e na sua relação conjugal.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção da interferência:

Acha que a Internet veio para auxiliar em muitas coisas, como acesso a informação, transações bancárias, compras diversas e facilitando a comunicação quando se está distante. Mas percebe que pode atrapalhar tanto quanto ajudar, porque pode criar, às vezes, uma desconfiança em relação ao comportamento do outro. A esposa utiliza para trabalho e estudo a Internet em casa, por mais tempo do que ele, assim como o celular. Ele utiliza mais no trabalho, praticamente o tempo todo.

Considera que o celular auxilia muito, permitindo estar em contato com o outro quase o tempo todo, mas também pode se tornar motivo de preocupação quando a outra pessoa não atende. Relata que tem uma dependência grande do celular, tanto para trabalho e como familiar.

Depois da Internet, nunca mais enviou cartas escritas para alguém.

Verbalizações:

“...auxiliar em muitas coisas, como acesso a informação, transações bancárias, compras diversas e outras”.

“Acho que mais pode atrapalhar do que ajudar. Porque cria, às vezes, uma desconfiança em relação ao comportamento do outro”.

2. Sentimentos:

Ele acha que a esposa conversa com outras pessoas, na Internet, sem que ele saiba. Insinua isso para ela, que nega, mas ele não acredita. Imagina que ela também pensa a mesma

coisa sobre ele, mas ela não verbaliza. Não se sente abandonado, porque entende que ela utiliza porque precisa e não porque não quer estar com ele. Mas não gosta de ficar esperando.

Verbalizações:

“Às vezes, acho que ela conversa com outras pessoas sem eu saber ou não quer que eu saiba. Ela fica com raiva quando insinuo isso, diz que ela não conversa com ninguém mas eu sei que sim. Acho que ela também pensa o mesmo a meu respeito, mas não fala nada para mim”.

CATEGORIA 2: ACOMPANHAMENTO À EVOLUÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES DA TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.

Definição: Descreve como o sujeito percebe sua responsabilidade e o controle que sofre pelos avanços tecnológicos da comunicação.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção e responsabilidade do homem em relação aos avanços tecnológicos:

Acha que alguns avanços não se conseguem acompanhar devido o preço ou a falta de informação. Considera que o responsável pelo avanço da tecnologia é o próprio homem, motivado pela busca de tornar tarefas mais fáceis ou procurando mais conforto ou tentando resolver problemas mais rapidamente ou para obter informações.

Verbalizações:

“Acho que o próprio homem, buscando tornar tarefas mais fáceis, querendo mais conforto, tentando resolver problemas mais rapidamente e para obter informações”.

2. Controle do homem pela tecnologia da comunicação:

Ele acredita que se tornou impossível ser um alienado no mundo digital, devido à necessidade de comunicação e onde o telefone ou a Internet aproxima as pessoas que se sentem isoladas. Considera que quase todos têm celulares, querem pagar as contas sem entrar na fila do banco, comprar passagens sem sair de casa e menciona que só se consegue preços mais baratos neste caso se a compra for feita pela Internet, ou seja, existe uma obrigação de utilizar a Internet.

Verbalizações:

“Porque se tornou impossível ser um alienado deste mundo digital, pois todos nós precisamos nos comunicar e, hoje, as pessoas se sentem mais isoladas e o telefone ou a Internet nos aproxima”.

CATEGORIA 3: CONSTITUIÇÃO E DIFERENÇAS DE RELACIONAMENTOS.

Definição: Como o sujeito percebe os padrões de relacionamento existentes, antes e depois da tecnologia, reais e virtuais.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Antes da tecnologia da comunicação:

Ele acha que as pessoas eram mais românticas, mais próximas antes da utilização da Internet.

Verbalizações:

“Eu acho que as pessoas eram mais românticas, mais próximas, antes da utilização maciça da tecnologia”.

2. Depois da tecnologia da comunicação:

Depois, ele acha que as pessoas se tornaram mais superficiais devido a facilidade de se encontrar diversas pessoas na Internet, para relacionamentos fugazes.

Verbalizações:

“Hoje, as pessoas são mais superficiais porque é muito fácil encontrar diversas pessoas na Internet, para relacionamentos fugazes”.

3. Relacionamento Real:

Considera que relacionamentos reais e virtuais podem ter a mesma intensidade e durarem muito, tanto um quanto o outro.

Verbalizações:

“Acho que podem ter a mesma intensidade, não vejo um como mais forte que o outro. Acho, até, que pode durar muito tempo um virtual, tanto quanto o real, dependendo da imaginação dos dois”.

4. Relacionamento Virtual:

Ele acha que um relacionamento virtual pode se transformar em real porque conhece pessoas que já fizeram isto.

Imagina que a dor deve ser menor quando se termina um relacionamento virtual do que um real, porque se pode imaginar que tudo aquilo era fantasia.

Verbalizações:

“Também acho que um virtual pode se transformar em real (já tive amigos que se conheceram

pela Internet e chegaram a se casar)”.

“...a dor é menor quando se termina um relacionamento virtual do que o real, porque aí se pode imaginar que tudo aquilo era fantasia e não realidade”.

CATEGORIA 4: ASPECTOS RELACIONADOS AO CASAL FRENTE À TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.

Definição: Como o sujeito entende alguns aspectos relacionados ao casal frente à interferência da tecnologia da comunicação no relacionamento conjugal.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Percepção do que é ser um casal:

Ele define que um casal é estar junto, ser amigo e companheiro, viver junto com mais momentos de alegria do que tristeza e que brigas ou discussões podem existir, mas devem ser superadas.

Verbalizações:

“É estar junto, ficar junto, serem amigos e companheiros, viver junto com mais momentos de alegria do que tristeza. Brigas ou discussões podem existir, mas devem ser superadas”.

2. Influência na aproximação ou distanciamento das relações:

Acha que a tecnologia pode aproximar as pessoas porque, quando se viaja, torna mais barato comunicar-se. Mas ressalta que pode distanciar o casal se um deles começa a utilizar muito o computador e esquece do outro.

Verbalizações:

“Acho que pode aproximar porque quando se viaja, fica mais barato entrar em contato”. Mas pode distanciar se a pessoa começa a utilizar muito o computador e esquece do outro”.

3. Comunicação do casal:

Ele acha que atividades voltadas à tecnologia podem tomar tempo do casal, mas se souber controlar não atrapalha. Em relação à comunicação do casal, acha que se comunicam bem, mas ressalta que, às vezes, o que atrapalha a comunicação não é a Internet, mas a televisão.

Verbalizações:

“Acho que pode tomar, mas se o casal souber controlar não atrapalha. Acho que nos comunicamos bem. Às vezes o que atrapalha não é a Internet, mas a televisão”.

4. Regras de convivência estabelecidas pelo casal:

Afirma que o casal não determinou regras de convivência, mas evitam perder tempo na Internet quando estão juntos em casa.

Verbalizações:

“Não determinamos regras, mas não ficamos “perdendo tempo” na Internet quando o outro está junto em casa”.

5. Respeito pelo espaço do outro na relação conjugal:

Ele acha que o casal se respeita e que isso é que faz com que eles se dêem tão bem.

Quando ele ou ela utilizam o celular de modo privado ficam chateados um com o outro.

Considera invadida sua privacidade quando ela pergunta “quem é?” neste caso, entende e acha que é ciúmes normal de um casal.

Verbalizações:

“Acho que muitas poucas vezes, quando ela pergunta ”quem é?” quando estou no celular, mas entendo, acho que é o ciúmes normal de casal”.

6. Conflitos e suas soluções relacionadas aos meios de comunicação:

Quando ela utiliza excessivamente a Internet ou o celular, ele acha que ela está utilizando para trabalho e compreende. Quando ela pede para que ele desligue, normalmente, é atendida mas, em algumas ocasiões, quando precisa continuar o trabalho, ela fica chateada por não ter sido atendida.

Houve um conflito entre o casal por causa do Orkut, quando deixaram um recado para ele e ela não gostou. Brigaram e a solução foi que ele cancelou o Orkut.

Verbalizações:

“Quando ela pede para eu desligar, normalmente, atendo o pedido. Em algumas ocasiões preciso continuar o trabalho e ela fica chateada’.

“Eu expliquei que não conhecia quem deixou o recado, mas ela não acreditava, conversamos, brigamos, até que resolvi cancelar. Gosto muito dela, não vou brigar por pouca coisa”.

CATEGORIA 5: FACILIDADE DAS RELAÇÕES NA ERA DA INFORMAÇÃO.

Definição: Percepção do sujeito em relação a possível infidelidade devido a facilidades proporcionadas pela tecnologia da comunicação.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Ampliação da rede relacional externa a relação conjugal:

Ampliou-se a rede relacional externa ao casal, na opinião dele, porque se pode achar diferentes pessoas rapidamente para conversar e até encontrar pessoalmente. Também pode se manter anônimo, escondendo-se atrás de um computador, dizendo que você é quem gostaria de ser.

Verbalizações:

“Acho que sim, porque você pode achar diferentes pessoas rapidamente para conversar e até encontrar. Também pode ficar anônimo, escondido atrás de um computador, sendo quem você gostaria de ser e em contato com pessoas do mundo todo”.

2. Visão sobre a traição:

Considera que traições virtuais e reais são a mesma coisa e que a esposa pensa assim também. Sabe que outras pessoas entendem que, se não tiver contato físico, não é traição. Acha que a traição virtual ocorre quando o casal não está bem em casa, incentivado pela novidade do virtual e o possível anonimato.

Sente-se assustado com a possibilidade de ser traído, mas prefere não imaginar que isto possa acontecer realmente, senão é capaz de ficar paranóico e querer controlar e vigiar o que o outro está fazendo.

Verbalizações:

“Eu considero os dois tipos de traição iguais, mas sei que muita gente acha que se não tiver contato físico não é traição...Traição é traição”.

“Acho que se não estivermos bem em casa, pode ser que a novidade do virtual, a experiência diferente e o possível anonimato possa facilitar sermos infiel”.

“Assusta. Prefiro não pensar como algo que possa acontecer realmente, senão acho que a pessoa pode começar a ficar paranóico em querer controlar e vigiar o que o outro está fazendo”.

3. Confiança no parceiro:

Ela nunca deu motivo para que ele desconfiasse dela mas não acha impossível que algo ocorra e ele nem fique sabendo.

Verbalizações:

“Não acho que posso dar uma resposta direta. Ela nunca me deu motivo para desconfiar, mas

não acho impossível que algo ocorra e eu não fique sabendo”.

CATEGORIA 6: TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS DA COMUNICAÇÃO E A DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO.

Definição: Como o sujeito percebe a substituição do tempo dedicado ao lar pelo trabalho, os conflitos ocasionados e como gostaria que fosse a distribuição do tempo.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados a verbalizações:

1. Distribuição do tempo

Concorda que houve diminuição do tempo dedicado a família porque hoje trabalha-se todo dia, inclusive no fim de semana e a noite. As pessoas ficam preocupadas porque o chefe pode ligar a qualquer hora. Ele gostaria que, após o “expediente” o tempo fosse apenas da família. Mesmo assim declara que sobra tempo para intimidades. Quando leva trabalho para casa é por obrigação, assim como a esposa. Utiliza a tecnologia nas férias para trabalho, mas fica chateado por fazê-lo.

Verbalizações:

“Concordo. Hoje trabalhamos todo dia, inclusive no fim de semana e a noite, porque o “chefe” pode ligar a qualquer hora e temos a preocupação de atender. Queria que, após o “expediente” o tempo fosse nosso apenas”.

CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A interpretação e a análise dos dados foram influenciadas pelas informações colhidas na entrevista semi-estruturada e a teoria bibliográfica levantada no decorrer deste trabalho.

Na categoria, **Influência dos meios de comunicação**, todos os sujeitos afirmam perceber que estes meios ocupam grande parte do seu tempo, mas vêm de forma positiva a interferência da Internet e do celular em suas vidas e na relação conjugal. Acreditam que os auxiliam, no dia-a-dia, em todas as áreas: profissional, cultural e acadêmica. Seja para proporcionar, de forma mais fácil e rápida, o acesso a informações ou a comunicação imediata entre o casal ou amigos; resolver questões relacionadas ao trabalho em outros estados ou no exterior; ajudar na realização de pesquisas; executar transações bancárias; realizar compras diversas; namorar e outras atividades. Consideram estes meios indispensáveis para manter contato com o outro, em viagens ou não, e para atender suas necessidades em qualquer momento.

Porém, os participantes apontam alguns aspectos negativos, como a dependência que os meios de comunicação geram no trabalho e no ambiente familiar. O sujeito 2 ressalta que conversar pelo computador não é a mesma coisa do que conversar pelo telefone e que isto não é bom porque acaba se perdendo a proximidade, o contato com o outro. O sujeito 3 menciona que, se não for muito bem administrado, o tempo que se utiliza o computador, pode tornar-se um modo de se ficar mais tempo longe da outra pessoa. O sujeito 4, também, cita que percebe que a Internet pode tanto atrapalhar quanto ajudar, porque pode criar, às vezes, uma desconfiança em relação ao comportamento do outro, e o celular pode virar motivo de preocupação quando a outra pessoa não atende.

Os quatro participantes citaram que, quem faz mais uso em casa da Internet, são as mulheres, em decorrência de seus trabalhos ou estudo. Os homens utilizam, a maior parte do tempo, estes meios, em seu trabalho e, em casa, aproveitam para o lazer, no momento em que estão sozinhos ou quando a esposa está fazendo alguma outra coisa. Não se pode desconsiderar que os dois casais citam que já tiveram conflitos em seus relacionamentos por causa da Internet e que limites foram estabelecidos, fazendo com que mudassem suas posturas de utilização.

Quanto aos sentimentos gerados em relação a interferência da Internet e do celular, somente o sujeito 1 expressa não se sentir excluído ou abandonado quando a esposa utiliza a Internet, pois considera que não pode haver “ciúmes” de uma máquina. Os outros três participantes expressam algum tipo de sentimento: o sujeito 2 menciona que, antes de casar, se sentia completamente excluída pelo excesso de uso, pelo marido, do computador e em

relação à intimidade que ele tinha. Às vezes, tinha dúvida se realmente o conhecia, sensação de estranheza, mas que, hoje, aprendeu com as experiências que viveram. Mas se percebe, durante o transcorrer da entrevista, que ela ainda se mostra insegura e com dúvidas em relação a utilização atual do computador pelo marido, na categoria Facilidade das Relações na Era da Informação. Outro sentimento, não exposto pelo sujeito 2, é quando expressa que entende o tipo de trabalho e responsabilidade que ele, sujeito 1, tem e não se incomoda quando ele atende ao telefone a trabalho no fim de semana. Por outro lado, na categoria Distribuição do Tempo, expressa que não gosta quando ele fala de trabalho com os amigos no fim de semana. Quando a individualidade no casal é muito acentuada por um dos membros e não há espaço para a conjugalidade, a solidão pode ser sentida por um dos parceiros como aterrorizante, porque é acompanhada por sentimentos de exclusão, de abandono e menos-valia.

O sujeito 3 relata que ocorrem sentimentos de exclusão por não haver comunicação entre o casal quando estes se excedem ao uso excessivo da Internet e, seu marido, pensa que ela prefere ficar no computador a estar com ele e vice-versa. Realmente, é o mesmo sentimento citado em relação a ela pelo marido, sujeito 4, que parece deixar subentendido, que se sente excluído quando expressa a desconfiança de que sua esposa tenha contatos secretos com outras pessoas e que não gosta de ficar esperando enquanto ela usa o computador, mas esconde seus sentimentos quando tenta mostrar que se sente conformado, ao dizer que não se sente abandonado porque entende que ela utiliza porque precisa e não porque não quer ficar com ele, mas que não gosta de esperar.

Levanta-se a hipótese que o casal B mantém uma fusão constituída em um espaço de relação mútua, no qual o "eu" e o "tu" ficam, muitas vezes, confusos e encobertos pelo "nós". Quando o foco principal é o "nós", a individualidade fica encoberta. Num primeiro momento da relação, isso pode passar despercebido ou até ser alimentado, mas, com o tempo, resulta em ressentimentos individuais e estabelece padrões rígidos de funcionamento, segundo Rosset.

Na categoria 2, sobre o **Acompanhamento em relação à evolução das transformações da tecnologia da comunicação**, todos os sujeitos entrevistados mencionam que entendem que o homem consegue acompanhar, no sentido de entender, as evoluções tecnológicas que surgem na sociedade moderna e são os responsáveis pelo seu avanço, em função do conforto gerado, da facilidade para resolver problemas mais rapidamente e do aproveitamento do tempo. Devido à aceleração dessa tecnologia, acham que o homem é obrigado, pelo trabalho e pela sociedade, a utilizá-la. Os sujeitos 1 e 4 ainda complementam que, quando feita uma análise mais profunda, constata-se que a maioria das pessoas no mundo

não consegue ter acesso à tecnologia devido aos altos preços ou a falta de informação. As classes sociais de maior poder aquisitivo, que utilizam a tecnologia de comunicação, acompanham com maior facilidade, pois a demanda parte deles.

Guatarri aponta que as máquinas surgem a partir de características fundamentais do próprio homem no seu modo de se relacionar com o mundo, colocando o homem frente a máquinas que põem em questão espaço, tempo e realidade.

Nesta categoria, ao falarem do controle que o homem sofre pela tecnologia da comunicação, os sujeitos expressam que a comunicação de massa foi feita com o intuito de controle das pessoas que não tem senso crítico e poder de persuasão, e que, hoje, além da informação, há tanta tecnologia disponível no mundo que as pessoas não saem do lugar para fazer nada, porque a tecnologia prende as pessoas, de tal forma, que ficam entorpecidas e hipnotizadas, tornando outras formas ou fontes de informação obsoletas ou desinteressantes, ressalta o sujeito 1. O sujeito 2 comenta que, sem ela, se estaria fechado no próprio mundo, sem contato com coisas que podem alterar suas vidas. A tecnologia traz uma segurança e uma facilidade de resolver problemas, por essa razão não é possível ignorá-la, esclarece o sujeito 3. Tornou impossível, na opinião do sujeito 4, ser um alienado no mundo digital, devido à necessidade de comunicação e onde o telefone ou a Internet aproxima as pessoas que se sentem isoladas. Considera, também, que quase todos têm celulares, querem pagar as contas sem entrar na fila do banco, comprar passagens sem sair de casa e que só se consegue preços mais baratos, neste caso, se a compra for feita pela Internet, ou seja, existe uma obrigação de utilizar a Internet.

Porém, só o sujeito 1 acredita que, apesar desse controle, seja possível utilizar os meios de comunicação com parcimônia, por meio da educação, do hábito, de saber o que é importante na hora certa, em contraposição aos outros participantes, que se sentem atrelados, controlados pelos meios de comunicação.

Lopes menciona que a utilização dos artefatos gerados pela informatização já está mais ou menos implícita na vida cotidiana dos indivíduos e virou rotina. Pouco importa a profissão, escolaridade ou condição sócio-econômico para haver benefício de seus serviços - utensílios eletrodomésticos, brinquedos, transação comercial, pagamentos de serviços - são todos controlados por sistemas digitalizados. Não é fácil dizer que não interessa esse mundo tecnológico, dizer não ao computador, à televisão, ao telefone celular, porque cada um desses aparelhos é um atrativo que comanda o jeito de se estar no mundo urbano. Vive-se em uma era cibernética, onde as tecnologias da comunicação controlam e retroalimentam as relações, produzem uma linguagem que o sujeito não pode ignorar, um mundo que o sujeito não

consegue ficar de fora. É impossível não se comunicar, portanto, não se pode fugir dessa maneira de estar no mundo, que é cibernético.

Na terceira categoria, **Constituição e Diferenças de Relacionamentos**, os sujeitos consideram que a constituição dos relacionamentos antes da tecnologia da comunicação era baseada no romantismo das cartas, existia mais contato com o outro, tinha que ter a presença física do outro, as pessoas eram mais próximas, era permitido se conhecerem, era necessário tempo e paciência para se comunicar e estabelecer o contato. O sujeito 1, ainda, considera que era um pouco difícil, para não dizer impossível, ampliar as redes de relacionamento antes do advento da Internet.

Ao se referirem à constituição dos relacionamentos, após a era da Internet, descrevem que esses relacionamentos amorosos estão sofrendo grandes transformações pelo elevado número de pessoas que possuem celular e Internet, e citam: maior contato com muitas pessoas, as inibições desaparecem e isso facilita a vida de muitos; namoram pessoas que nunca se viu e se faz sexo com elas; acreditam haver uma certa dose de fetiche nesses relacionamentos, muitos dos quais não dão certo entre pessoas que nunca se viram e resolvem se encontrar; a possibilidade que a Internet tem de passar para o outro o que ele gostaria de ser ou que o outro gostaria que ele fosse. O sujeito 4 expressa que, na opinião dele, as pessoas se tornaram mais superficiais devido à facilidade de se encontrar diversas pessoas, na Internet, para relacionamentos fugazes. E o sujeito 1 acrescenta que considera estranha essa forma de relacionamento amoroso, afetivo ou sexual, porque, pessoalmente, acha que não se faz um relacionamento sólido, homem-mulher, assim, à distância, sem contato físico.

Os sujeitos 1, 2 e 3 consideram que existem diferenças entre a constituição do relacionamento real e do virtual, expressando que o real é construído pessoalmente, com contato físico, onde são envolvidos os sentidos (cheiro, pele e olhar) que deixam lembranças, proporcionam uma relação sólida. Já o sujeito 4 é o único que considera que relacionamentos reais e virtuais podem ter a mesma intensidade e durarem muito, tanto um quanto o outro, dependendo da imaginação de cada parceiro.

Bauman menciona a fragilidade dos laços humanos como aspecto da vida social, transformado pela rede de telecomunicação digital e como consequência social da ação da Internet e da telefonia celular sobre os relacionamentos. Apresenta os relacionamentos “reais” modernos como sólidos, profundos e autênticos, distinguindo-se dos relacionamentos “virtuais”, que considera descartáveis, frágeis e superficiais, onde sempre se pode apertar a tecla de *deletar*. Além disso, o mesmo autor aponta características negativas do relacionamento virtual, afirmando que é frívolo, frenético e incapaz de gerar introspecção

como feito no relacionamento real. O autor receia que o modelo “virtual” sirva como exemplo para o relacionamento “real”, tornando-o menos sólido e mais superficial, onde as pessoas são mais solitárias e descartáveis.

De outro lado, para os sujeitos entrevistados, a constituição do relacionamento virtual pode ser baseada em amizade e em troca de idéias, mas não acha possível que se transforme em um relacionamento amoroso sólido, exclusivamente via Internet, cita o sujeito 1. O sujeito 2 acredita que as pessoas não se conhecem bem, pois não se tem o toque, o olhar, a expressão, o dia-a-dia onde acontece o estresse, a falta de paciência, o mau humor e que esses são aspectos importantes, que não existem na relação virtual, para se ter um relacionamento de verdade. Salienta que para terminar um relacionamento virtual é muito mais fácil, é só bloquear a pessoa, pois não existe o apego da mesma forma, porque no virtual existem palavras tecladas e, no máximo, uma imagem com a ajuda da Webcam. O sujeito 3 acredita que as pessoas colocam uma máscara e fingem ser algo que não são, tornando-se pessoas perfeitas para que sejam aceitas para aquela pessoa com a qual se relacionam, sentindo que não deve ser uma relação sincera. Nesta categoria, também, só o sujeito 4 afirma que um relacionamento virtual pode se transformar em real, porque conhece pessoas que já chegaram a se casar após um relacionamento virtual, mas o diferencia quando acrescenta que imagina ser menor a dor de quem termina um relacionamento virtual, porque se pode imaginar que tudo aquilo era fantasia.

O anonimato propiciado pela Internet é uma poderosa ferramenta de indução para quebra de barreiras. A realidade virtual expressa a liberdade de certas resistências apresentadas pelo homem, que permite fluir novas personalidades e experimentar situações inéditas. Nesse novo espaço, o que sou de verdade não importa, máscaras são usadas para aproveitar a liberdade concedida, permitem às pessoas descobrirem facetas novas de sua personalidade e criar novas relações. De outro lado, tais atividades podem levar à ruptura da personalidade, o mundo virtual se tornando mais seguro e mais interessante que o mundo real, cita Medina.

Na categoria quatro, **Aspectos relacionados ao casal frente à tecnologia da comunicação**, os sujeitos definem um casal como formado por pessoas que pensam num futuro em comum, que dividem uma vida e constroem uma nova vida, pessoas que sempre estão presentes, dispostas a dar suporte um ao outro, companheiras, que respeitam a vontade do outro, mas que sabem que são pessoas diferentes, que nunca deixam de ser ela ou ele mesmo, que não deixam que as diferenças atrapalhem a relação e sim, fazem das diferenças algo que as ajude a crescer como pessoa. Devem se amar muito, ser amigo, viver junto com

mais momentos de alegria do que tristeza e que brigas ou discussões podem existir, mas devem ser superadas.

Quanto à influência da tecnologia na aproximação ou distanciamento das relações conjugais, o sujeito 1 coloca que, no caso da relação conjugal dele, não há influência da tecnologia sobre a mesma, só acompanha a velocidade informativa. Já os sujeitos 2, 3 e 4 expressam que tanto pode aproximar como distanciar a relação do casal, sendo que os sujeitos 2 e 4 percebem que a tecnologia aproxima quando se está longe e permite que se fale mais um com o outro, de forma mais econômica, e que se distancia quando estão dentro de casa e um está no computador e outro no celular ou se, um deles, começa a utilizar de forma excessiva o computador e esquece do outro. O sujeito 3 expressa que, no caso dela e do marido, ajudou a aproximá-los, pois se falam mais ao telefone no horário de trabalho, trocam carinhos e recadinhas por e-mail.

Ao expressarem a comunicação do casal, o sujeito 1, mais uma vez, não acredita que a máquina atrapalhe ou ajude a comunicação do casal. O sujeito 2 considera que há um bom diálogo entre o casal, mas gostaria que o marido, sujeito 1, se abrisse mais, falasse o que pensa em relação às coisas, da vida como casal, porque percebe que ele tem mais facilidade para se abrir por meio do computador. O sujeito 3 informa que utiliza, cada um (ela e o marido), um computador, que permanecem no mesmo ambiente e, às vezes, conversam pelo MSN. Afirma que, quando um deles acaba sua obrigação, o outro, geralmente, também desliga o computador se não está mais ocupado ou com obrigações a fazer. O sujeito 4 menciona que atividades voltadas à tecnologia podem tomar tempo do casal, mas se souber controlar não atrapalham. Ressalta que, o casal, se comunica bem, mas, às vezes, o que atrapalha a comunicação não é a Internet, mas a televisão.

Diante do mundo globalizado, as dificuldades de comunicação entre os casais demonstram o quanto a vida diária, as exigências individuais, profissionais e familiares vêm contribuindo para o esfacelamento das relações interpessoais. A vida agitada rouba tempo e energia para se dedicar a si próprio ou a relação com o outro, causando conflitos entre os indivíduos. Neste sentido, o sucesso ou fracasso do matrimônio depende, em grande parte, da comunicação entre os parceiros, da expressão das emoções, assim como da busca de alternativas que atenuem eventuais conflitos vividos na relação. A alternativa encontrada pelos casais entrevistados é o diálogo, pois todos expressam conversar com seus companheiros quando não estão satisfeitos.

Os casais saudáveis conseguem preservar espaços para que haja um diálogo verdadeiro, onde a comunicação neste sentido se estabelece com clareza, intimidade, com

negociação das regras, parceria, respeito pelas diferenças, preocupação com o outro e tolerância, gerando crescimento pessoal e adaptabilidade a possíveis crises que possam surgir.

O sujeito 1 não considera que ele e sua companheira tenham estabelecido regras de convivência, em relação aos meios de comunicação. Em contrapartida, o sujeito 2, sua esposa, menciona que o casal as estabeleceu, após um rompimento na época do noivado, que não queria que ele agisse do modo como estava agindo. Que ele teria toda liberdade de fazer o que queria, mas longe dela. Acha que foi de comum acordo o modo de agir, ele aceitou as regras que foram colocadas por ela. O sujeito 3 afirma que desligam o celular quando chegam em casa e procuram ficar o mínimo de tempo no computador quando estão juntos em casa. Quando não estão satisfeitos um com o outro, conversam e falam para o outro o que está acontecendo. O sujeito 4 menciona que o casal não determinou regras de convivência, mas evitam perder tempo na Internet quando estão juntos em casa. Os dois homens não percebem as regras estabelecidas, mesmo que implícitas, pelo casal, enquanto para as mulheres essas regras são claras.

Pappy (2002) esclarece que esses limites são frágeis porque, diante de qualquer pressão profissional, é fácil, para um dos cônjuges, suspender essas barreiras temporais e ligar-se à Internet ou voltar ao trabalho.

De acordo com Anton (2000), é estabelecido um conjunto de regras na participação das pessoas em um sistema familiar para melhor funcionalidade da mesma, a adesão a essas regras, em grande parte, são secretas e não-verbais. Diante de um padrão repetitivo de comportamento, que os torna previsíveis e esperados, parecendo absolutamente naturais, os membros da família necessitam de ajustes entre eles e dos demais sistemas da sociedade. Dessas regras ou dessa organização fazem parte os diversos papéis e as diversas funções exercidas por cada membro do sistema familiar. Em famílias funcionais, as regras são sempre flexíveis, discutidas e, por vezes, modificadas, apresentando-se de forma clara.

Quando o assunto tratado é o respeito pelo espaço do outro na relação conjugal, o sujeito 1 menciona que sente vontade de invadir a privacidade da esposa e que já se sentiu invadido na sua, considera o ser humano egoísta porque ninguém respeita plenamente a individualidade do outro, mas a intromissão não pode virar desrespeito, senão, significa que alguma coisa está errada e tem que ser corrigida. O sujeito 2 menciona que não se sente respeitado em suas diferenças, gostaria que o marido a respeitasse mais e entendesse que são seres diferentes, que ela sabe o que é melhor para ela. Tenta, apesar de ser difícil por ele não demonstrar o que sente e nem do que gosta, respeitar a individualidade e diferenças dele. Expressa que ambos não gostam quando o outro age de modo privado em relação ao uso de

celular ou da Internet e que já se sentiu invadida em sua privacidade pelo marido, quando desconfiou que ele tinha acesso e gravava os seus e-mails e MSN. Também já invadiu a privacidade do marido quando estavam noivos, porque desconfiava muito dele em relação ao uso da Internet e queria saber como ele era por traz do computador, começou, então, a mexer no computador dele e ver seus e-mails. O sujeito 3 diz que, quando estão entretidos em um determinado assunto, não é bom desligar o telefone ou computador, e tentam justificar um para o outro o que está acontecendo para que não tenham problemas. Afirma que confia no marido e por isso não fica bisbilhotando o e-mail, celular e telefone dele, bem como ele em relação a ela e que, se isso acontecer, é porque estão com algum problema e necessitam conversar. Por último, o sujeito 4 salienta que, como casal, se respeitam e que isso é faz com que eles se dêem tão bem. Quando ele ou ela utiliza o celular de modo privado ficam chateados e se considera invadido em sua privacidade quando ela pergunta “quem é?”, apesar de entender e achar que é sentimento de ciúmes normal de um casal. Percebe-se que o casal A, sujeitos 1 e 2, demonstra vontade de invadir a privacidade um do outro e já se sentiram invadidos e, a esposa, sujeito 2, sente que o marido, sujeito 1, às vezes, não respeita as suas diferenças, enquanto que, o casal B, sujeitos 3 e 4, sente-se respeitado em suas diferenças.

O sujeito 1 expressa, várias vezes, que não vê interferência da tecnologia de comunicação em sua relação conjugal, mas cita as conseqüências em algumas e, em outras, prefere não mencionar essa influência. Para ele, a tecnologia é simplesmente uma máquina que está em nossas vidas para agregar os valores de uma sociedade moderna que vive intensamente a velocidade informativa.

Os quatro sujeitos relatam que já ocorreram conflitos em seus relacionamentos conjugais devido ao uso dos meios de comunicação, em especial a Internet, e a estratégia utilizada foi o diálogo e estabelecer limites. O sujeito 1, na primeira categoria, responde, primeiramente, que não via interferência da Internet na sua relação conjugal, mas, nessa categoria, expressa que houve o conflito, mas que prefere não explicitar o que ocorreu porque este ainda não se resolveu muito bem e que já tentaram conversar o máximo possível e explicar-se mutuamente. O sujeito 2 relata que seu conflito começou um mês antes do seu casamento quando descobriu que o marido tinha relacionamentos com outras pessoas e até com uma ex-namorada e ele negava que os mantinha. Pelos e-mails descobriu que eles se falavam constantemente e resolveu terminar o noivado por ter dúvidas sobre o homem com quem iria casar. Ela afirma que nunca foi contra ter amizades com “ex-s”, só se sentiu chateada por ele não confessar e não dividir estas amizades com ela, que ele não permitia que entrasse em seu mundo virtual. Ao conversar com ele, após a descoberta, terminou tudo. Ele

lutou por ela e eles voltaram, mas não confiava nele, e teve diversos problemas de saúde, inclusive depressão, e faz terapia até hoje. Alega que, quando existem conflitos, eles falam que não estão satisfeitos e pedem para o outro ficar mais perto, para conversarem. Para o sujeito 3, os conflitos surgem pelo uso excessivo, por um dos dois, da Internet ou do celular. Tentam respeitar os limites, mas, às vezes, os ultrapassam e ficam chateados por terem que esperar o outro. Aquele que ficou insatisfeito fala como se sentiu para o outro no dia seguinte. A conversa é a estratégia que utilizam para que essa situação não aconteça novamente. Ela cita que, quando erra, admite e tenta se explicar. O sujeito 4 relata que, quando sua companheira pede para que ele desligue, normalmente, é atendida mas, em algumas ocasiões, quando precisa continuar o trabalho, ela fica chateada por não ter sido atendida. Conta que um dos conflitos entre o casal se deu por causa do Orkut, quando deixaram um recado para ele e ela não gostou. Brigaram e a solução foi que ele cancelou o Orkut.

Na quinta categoria analisada, **Facilidade das relações na era da informação**, todos os sujeitos expressaram que concordam que houve uma ampliação da rede relacional externa a relação conjugal. Acreditam que a tecnologia ampliou e facilitou a rede de pessoas que se pode conhecer e a possibilidade de alguém se interessar por outra pessoa é mais viável, é uma maneira mais rápida de se encontrar diferentes pessoas para conversar virtualmente e até pessoalmente. Além do que, também, os sujeitos podem se manter anônimos, escondendo-se atrás de um computador, dizendo que você é quem gostaria de ser. Mas o sujeito 1 menciona que não consegue afirmar que é maior, agora, o número de relacionamentos do que anteriormente a tecnologia, para ele o que conta é a intenção e não o número maior de pessoas ou local determinado, como a Internet.

Diante desse quadro, explica Colombo, constata-se que as intervenções tecnológicas reeditam velhos problemas relacionados à traição, fazendo emergir antigos sentimentos, introduzindo inéditas situações à vida dos casais e, progressivamente, surgindo outras configurações relacionais.

Dentro dessa categoria, todos os sujeitos concordam que traição real ou virtual é a mesma coisa e, perguntados como definem esse termo, expressaram que: o sujeito 1 afirma que trair seria como colocar outra pessoa no lugar daquela que a ocupava anteriormente, fisicamente ou não, via Internet ou não; para o sujeito 2, traição é falta de respeito com a pessoa com a qual se está, independente se for pela fala ou pelo ato; o sujeito 3 acredita que trair no mundo virtual ou no mundo real é a mesma coisa porque quando se mantém uma conversa virtual com uma pessoa e não conta o que está fazendo ao seu parceiro é porque está havendo algum tipo de traição, tem algum sentimento, mesmo que entre eles não seja sincero;

no caso do sujeito 4, traições virtuais e reais são a mesma coisa, mas menciona que algumas pessoas não consideram a mesma coisa, porque se não tiver contato físico, não é traição.

Os sujeitos 1, 2 e 4 acreditam que a traição virtual ocorre quando o casal não está bem em casa, há insatisfação no casamento, incentivado pela novidade do virtual e o possível anonimato. A infidelidade, em geral, é levada exatamente para suprir deficiências que existem dentro do próprio relacionamento, onde as pessoas buscam preencher as lacunas com outras, cita o sujeito 1.

Os sujeitos 1, 2 e 3 não se assustam com a possibilidade de serem traídos, se sentem seguros e acreditam no relacionamento que estabeleceram com os seus companheiros. Somente o sujeito 4 expressa que não é fácil dar uma resposta direta quanto à confiança em sua parceira, mas confessa que se sente assustado com tal possibilidade, apesar dela nunca ter dado motivo para que ele desconfiasse, mas não acha impossível que algo ocorra e ele nem fique sabendo, preferindo não imaginar que isto possa acontecer realmente, senão pode começar a ficar paranóico e querer controlar e vigiar o que o cônjuge está fazendo, ou seja, ele expressa claramente que não confia na esposa e se sente inseguro.

Pode inferir que o sujeito 2 não se sente seguro com tal afirmação pois, nessa mesma categoria, quando perguntada sobre a definição de traição, menciona como resposta sua história particular de lembranças, que a fazem sofrer, com as quais passou com o marido, quando ele se comunicava com as pessoas pelo computador e ela ficou furiosa quando descobriu, diz que não sabe como agiria se descobrisse que isto ainda acontece e reforça essa insegurança ao expressar que antes de descobrir como o marido usava o computador, ela não tinha problema quanto à confiança no parceiro, mas agora, ele fala que não faz nada e ela tenta se esforçar para acreditar, porque não quer ficar pensando, fuçando as coisas, tendo dúvidas em saber o que ele está fazendo.

A comunicação é de relevante importância no papel na dinâmica conjugal, pois o dito e o não-dito circulam pela relação compondo a história do casal. Aquilo que não está sendo expresso influencia o aumento de estresse no contexto familiar.

Somente os sujeitos 1 e 3 expressam se sentir seguros. O sujeito 1 confia na pessoa que está a seu lado dividindo as coisas do dia-a-dia, não se importando com quem ela fala no celular ou na Internet, mas reconhece que todos têm ciúmes e considera normal porque acredita que os humanos são egoístas e não gostam de dividir nada, nem palavras. O sujeito 3, por ter uma relação consistente e sincera, confia no marido.

Indivíduos seguros, quando estabelecem uma comunicação aberta, promovem padrões de relacionamentos seguros que permitem conversação livre sobre assuntos desagradáveis,

assim como a expressão de sentimentos que têm como objetivo conseguir respostas de apoio e conforto. Em contrapartida, indivíduos inseguros aprendem, desde cedo, que exprimir suas emoções são ineficientes para obter as respostas necessárias, procurando, assim, inibi-las.

Na sexta e última categoria, **Transformações tecnológicas da comunicação e a distribuição do tempo**, os sujeitos concordam que existe uma diminuição do tempo dedicado à família, mas todos relatam ter tempo para intimidade conjugal. Atribuem essa falta de tempo devido às obrigações profissionais que todos estão envolvidos, as decisões indispensáveis que necessitam ser tomadas para que a equipe de trabalho continue, ao aumento de horas diárias de trabalho e a exigência dos chefes para que atenda ao celular. Também mencionam que todos só levam trabalho para casa por obrigação de terminá-lo em determinado prazo, assim como seus companheiros. Durante as férias, todos os sujeitos utilizam, de alguma forma, a Internet e o celular para trabalho. O sujeito 4 coloca que se sente chateado por ter que fazer uso e o sujeito 1 menciona que conseguir tirar férias é que é o problema inicial.

Ainda dentro dessa categoria, o sujeito 2 gostaria que o marido não chegasse muito tarde durante a semana, nem trabalhasse no fim de semana, muito menos falasse de trabalho com os amigos quando saem para se divertir. E o sujeito 4 gostaria que, após o “expediente”, o tempo fosse apenas da família.

A pressão que o trabalho exerce sobre o homem faz com que haja um distanciamento de sua vida pessoal. O sentido de estar engajado em um emprego faz com que o homem seja valorizado pela sua família, portanto, confere sentimento de auto-estima, e, estar desempregado, gera, nos homens, um sentimento de abandono, de falta de referência, que faz com que compulsivamente mantenham com o trabalho uma relação simbiótica, cita Strey.

A estratégia utilizada por alguns casais é a criação de regras que limitam o tempo entre o trabalho e o lar. Esses limites salientam as divergências existentes entre o casal, porque cada um valoriza de forma diferente a falta de tempo, a importância dada ao trabalho ou ao relacionamento.

Como reação à insatisfação vivida em seus relacionamentos, decorrente da tecnologia de comunicação, percebe-se que essas pessoas apresentam tipos de interrupções de contato, ou seja, mecanismos de defesa, como o egotismo e a confluência.

De acordo com Tenório, a confluência no relacionamento conjugal acontece quando não há, por parte de um dos membros do casal, uma diferenciação entre eles, sendo difícil fazer escolhas e tomar decisões próprias, se não tem o apoio e a aprovação do parceiro, o que parecem traços apresentados pelo sujeito 4, na relação do casal. Nesse tipo de relacionamento, a comunicação, as atitudes e os pensamentos devem ser compartilhados em conjunto e, caso

não o façam, gera o bloqueio do estilo de contato, da insatisfação relacional. Do lado oposto, estão os casais que apresentam relacionamentos baseados no egotismo, exacerbação da capacidade de cada um se perceber de forma independente do outro o que gera o impedimento da entrega espontânea no contato final com o outro por medo de perder os seus próprios limites e desse modo perder a sua liberdade, a sua identidade ou individualidade, que são traços identificados no sujeito 1, na relação do casal A.

CONCLUSÃO

A elaboração do trabalho permitiu visualizar como as tecnologias de comunicação, em especial a Internet e o celular, interferem diretamente nos padrões de relacionamento existentes nas vidas dos casais pesquisados, gerando as mais diversas formas de subjetivação e interação de contato humano.

Nota-se que o homem pós-moderno, em consequência da informatização, está se relacionando de outra maneira com o mundo em que vive. Diante das construções e evoluções tecnológicas, os indivíduos constroem novas formas de contato relacional com o intuito de aumentar o bem-estar pessoal.

Os sujeitos entrevistados conseguem distinguir que a mesma tecnologia interfere de maneira positiva e negativa em suas vidas, podendo aproximar ou distanciar o casal. Portanto, salientam que a Internet e o celular podem dificultar os relacionamentos e, ao mesmo tempo, os facilita, é uma fonte de estresse, mas pode também ser um apoio de importância diária, na solução de problemas práticos que afetam a vida do casal. Percebem também que são bombardeados todos os dias com as inovações tecnológicas criadas pela demanda do próprio homem e expressam que se sentem controlados por elas, que não conseguem resistir a seus encantos, praticidade, velocidade e conforto que proporcionam, mesmo sabendo que nem todos têm acesso a essa tecnologia. Mencionam que não se imaginam conseguindo viver sem seus benefícios e alienadas do mundo digital.

Nota-se que a sociedade, produtora de tal tecnologia, praticamente impõe determinados padrões de utilização que são acatados pela maior parte dela, sem maiores questionamentos e reflexões.

Confirma-se que a penetração social dos celulares, por sua vez, se dá de forma mais gradativa e tranqüila. Os entrevistados percebem a sua interferência na relação conjugal, mas não expressam sentimentos desagradáveis ao mencionarem o mesmo. Já, a Internet foi percebida como uma ruptura com as formas tradicionais de trabalhar, viver e relacionarem-se uns com os outros, pela sua inédita possibilidade de qualquer indivíduo ter acesso a qualquer tipo de informação e interagir com todos.

Esses mesmos sujeitos, diante das novidades tecnológicas do meio de comunicação, expressam que já passaram por alguns conflitos em suas relações conjugais e que surgiram sentimentos de exclusão pelo uso excessivo, pela má distribuição de tempo do casal, pela sensação de troca, que geram a falta de comunicação, em função de exigências e obrigações profissionais ou acadêmicas, aos quais são obrigados. Sentimentos de insegurança e

desconfiança também estão presentes entre os entrevistados, geradas pelo desconforto de imaginar quem é a pessoa com quem o companheiro fala, sobre o que conversam e o que pode se tornar real. Apontam que sentem vontade de invadir a privacidade do outro e que já se sentiram invadidos em sua privacidade, mas que tentam respeitar as diferenças existentes entre eles.

Descrevem que os relacionamentos sofreram grandes transformações pelo elevado número de pessoas que utilizam as redes de comunicação. Porém, não acreditam existir um relacionamento sólido, entre um homem e uma mulher, à distância, sem contato físico. Consideram existir diferenças entre o relacionamento real - que apresenta relação sólida pelo contato físico, envolvimento dos sentidos, lembranças, proximidade, tempo para ser construído, estresse e mau humor pelo qual se passa, tempo e paciência para se comunicar e estabelecimento de contato verdadeiro - e o virtual - que consideram não ser sincero, onde as inibições desaparecem, existe o anonimato, em que as pessoas usam máscaras e fingem ser quem quiser ou se transformam em quem o outro quer que ele seja (pessoas perfeitas), e onde as pessoas são superficiais e estão a procura de relacionamentos fugazes.

Dentro da constatação do elevado aumento das possibilidades de relacionamento, enxergam a traição como viável de acontecer e que, traição real ou virtual, com contato físico ou não, é a mesma coisa, demonstrando falta de respeito.

A literatura mostra que se vive um momento histórico, crítico e de muitas transformações, causado pelas intensas inovações tecnológicas, onde vários fatores associados interferem nas relações conjugais da atualidade. Por isso, nas pesquisas bibliográficas realizadas, verificou-se o impacto dessas mudanças que dão forma à vida e aos sistemas íntimos de relacionamentos, ao processo de constituição e manutenção da relação conjugal, assim como alguns posicionamentos dos sujeitos entrevistados, diante dessas questões.

APÊNDICE I - CARTA CONVITE

Prezado(a) Senhor(a),

Gostaria de convidá-lo(a) a participar de um estudo que está sendo realizado com o intuito de subsidiar a produção da minha monografia de conclusão do Curso de Psicologia do Uniceub, orientada pela Professora Doutora Carlene Tenório Dias.

Essa monografia tem por objetivo compreender como a tecnologia da comunicação interfere na relação conjugal. Acredito que o resultado deste trabalho ajudará os profissionais de psicologia a desenvolverem uma forma melhor de ajudar seus clientes a estabelecerem relações interpessoais mais satisfatórias.

Sendo assim, esclareço que as entrevistas serão gravadas e demorarão cerca de uma hora. Esclareço que, em nenhum momento, será citado seu nome ou quaisquer outros dados que venham a identificá-lo(a).

Garanto, ainda, que este trabalho não acarretará nenhum risco para o(a) senhor(a). E informo, também, que, a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá desistir de participar das entrevistas, uma vez que sua participação é absolutamente voluntária.

Desde já agradeço sua atenção e colaboração.

Marinez Silva Mussi

Brasília, 31 de outubro de 2006

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, abaixo assinado, autorizo à pesquisadora Marinez Silva Mussi a utilizar em sua monografia de conclusão do Curso de Psicologia, o conteúdo das entrevistas gravadas, que a ela concedi, desde que não seja a minha identidade revelada.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

APÊNDICE III – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
QUESTÕES PARA O CASAL

Casal: _____

Nome: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Tempo de casado: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

1. Como você percebe a interferência da Internet na sua vida?
2. E na relação conjugal?
3. E a interferência do celular?
4. Você, às vezes, se sente excluída(o) pelo seu(sua) companheiro(a) durante o uso da Internet ou do celular? E como se sente o(a) seu(sua) companheiro(a)?
5. Você acha que o homem do século XXI vem acompanhando a velocidade das transformações na era tecnológica?
6. Na sua opinião, quem é o responsável pelo aceleração tecnológico no qual vivemos?
7. Por que a tecnologia da comunicação comanda o nosso estar no mundo? Por que não conseguimos ignorá-la?
8. Como eram as possibilidades de relacionamento antes da tecnologia de comunicação e as atuais?
9. Qual o espaço que a Internet ocupa na sua vida? E na vida do seu companheiro(a)?
10. E o celular?
11. O que é ser um casal?
12. A tecnologia aproxima ou distancia o casal? Explique.
13. Quando você está insatisfeito com o seu parceiro(a) pelo uso excessivo da Internet ou do telefone, que estratégias você utiliza para lidar com essa situação? Como você age? E como ele(a) age quando não está satisfeito?
14. Você reconhece que seu(sua) companheiro(a) respeita a sua individualidade ou diferenças? E você respeita a dele(a)?
15. Quando você utiliza e-mail, telefone ou celular de modo privado para o seu companheiro(a), como ele age? E quando é o contrário, como você age?
16. Você, alguma vez, já se sentiu invadido em sua privacidade, na Internet ou no celular,

- pelo seu companheiro(a)?
17. E você já invadiu ou sentiu vontade?
 18. Você concorda que houve uma diminuição do tempo dedicado ao lar e um aumento de tempo em relação ao trabalho? Como você gostaria que fosse a distribuição do tempo dele(a)?
 19. Sobra tempo para intimidade conjugal?
 20. Quando você sai de férias faz uso da Internet e do celular para responder ao trabalho?
 21. Em casa, quem usa mais a Internet? Quando? Para quê? E por quanto tempo?
 22. Na sua opinião o seu parceiro(a) traz o trabalho para dentro do lar por obrigação ou também por prazer? E você?
 23. Quanto tempo você gasta lendo ou escrevendo *e-mails* em casa? E seu(sua) companheiro(a)?
 24. Atividades como essas tomam muito do tempo que o casal tem disponível para conversar a sós? Como é a comunicação do casal?
 25. Quanto tempo seu companheiro(a) gasta no celular com o trabalho?
 26. O casal já teve algum conflito diante das tecnologias de comunicação? Poderia citar?
 27. Como você se posicionou? Como foi resolvido? Que estratégias usaram?
 28. Você deixou de fazer alguma coisa que fazia antes da Internet ou do celular? E o seu companheiro?
 29. O casal determinou algum tipo de regras, limites implícitos ou explícitos para o uso da Internet e do celular? Foi de comum acordo?
 30. Você enquanto mulher(homem) fica suspirando e sentindo-se abandonada(o) quando ele(ela) utiliza a Internet ou o celular durante a convivência de vocês?
 31. As transformações tecnológicas (Internet e celular) trouxeram maior perigo e oportunidade constante de novos contatos de intimidade e expressão fora do casamento?
 32. Na sua opinião, existe diferença entre relacionamento real e virtual? Explique.
 33. E, quando não dá certo o relacionamento virtual, como fica o sujeito?
 34. Traição virtual é o mesmo que traição real? Você sabe o que seu(sua) companheiro(a) pensa sobre isso?
 35. Você confia no(a) seu(sua) parceiro(a) quando ele(ela) está no celular? E na Internet?
 36. O que levaria você ou o(a) seu(sua) companheiro(a) a ser infiel virtualmente?
 37. Isso assusta você? Que sentimentos ou temores você tem quando se toca nesse assunto?

APÊNDICE IV – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

SUJEITO 1

Casal: A

Nome: **EF.**

Sexo: **Masculino.**

Idade: **29.**

Tempo de casado: **2 anos.**

Profissão: **Documentarista.**

Escolaridade: **Superior.**

1. Como você percebe a interferência da Internet na sua vida?

R – A tecnologia, como um todo, me influencia de uma forma positiva, uma vez que, hoje em dia, temos muito mais acesso a informações que antes levariam dias de pesquisas para serem encontradas. Sendo assim, a Internet é uma parceira para o dia-a-dia. Seja na área profissional, cultural ou acadêmica, tal tecnologia sempre será uma ferramenta importante de suporte para mim.

2. E na relação conjugal?

R - Se for com relação a influência da Internet na minha relação conjugal, creio que não é muito relevante. Uma coisa positiva que posso destacar é a possibilidade de conversar com minha esposa durante o tempo que estou no escritório ou viajando a trabalho via Internet. Isso é uma coisa interessante que faz com que as pessoas não se distanciem tanto.

3. E a interferência do celular?

R – Bem, não creio que interferência seja a palavra mais correta para utilizar nesse ponto mas, de qualquer forma, o celular é uma outra forma tecnológica que acompanha a velocidade do mundo moderno. Para mim, ele é essencial para o trabalho, para me comunicar de forma imediata quando estou em trânsito. No meu relacionamento conjugal, ele não interfere em absolutamente nada. É apenas um telefone sem fio de longo alcance.

4. Você, às vezes, se sente excluída(o) pelo seu(sua) companheiro(a) durante o uso da

Internet ou do celular? E como se sente o(a) seu(sua) companheiro(a)?

R – Não, não me sinto excluído, porque eu também faço parte desse universo. Também utilizo as mesmas ferramentas no dia-a-dia. Não há motivos para que alguém fique com “ciúmes” de um aparato eletrônico, a não ser quando o seu uso é supérfluo.

5. Você acha que o homem do século XXI vem acompanhando a velocidade das transformações na era tecnológica?

R – Se eu te responder pensando de uma forma medíocre posso dizer que sim, a sociedade moderna acompanha a evolução tecnológica. Pois essa é uma resposta de raciocínio rápido, de um mundo em que estamos inseridos, da velha e boa classe média cega e burra. Mas se pararmos para analisar direitinho, a maioria das pessoas no mundo não acompanha essa tecnologia e nem sequer sonha que ela existe. Pare e pense nas regiões pobres da África, Ásia e mesmo no Brasil. E como há muito mais gente pobre e miserável no mundo, creio que a tecnologia nunca será acompanhada pela sociedade como devia ser, mas sim por uma fatia abastada que pode comprar e acompanhar tal evolução.

6. Na sua opinião, quem é o responsável pelo aceleração tecnológico no qual vivemos?

R – Não há um responsável. A todo tempo, tecnologias estão sendo desenvolvidas, colocadas em teste. Em um determinado momento, seja ele bom comercialmente, ou de uma simples demanda de parcela da sociedade, essa tecnologia é lançada ao público em geral. A própria Internet já existia desde a década de 70 e era utilizada exclusivamente para comunicações militares e muito raramente entre acadêmicos. Quando se viu que a sociedade estava pronta para receber uma tecnologia que encurtasse distância e tempo, ela foi instituída publicamente. Creio que é assim que as coisas funcionam, uma questão de oportunidade, de oferta e demanda.

7. Por que a tecnologia da comunicação comanda o nosso estar no mundo? Por que não conseguimos ignorá-la?

R – Se falamos de meios de comunicação de massa, posso dizer que isso é uma relação histórica. O próprio nome já institui o fato social. Segundo a teoria da comunicação, a comunicação de massa foi feita exatamente para controlar as massas, que são formadas por pessoas de pouca intelectualidade, que não possuem senso crítico e poder de persuasão. Essa é a chamada massa. O grande problema da comunicação ou da

tecnologia é que o meio que antes manipulava apenas pela via da informação, hoje em dia dá show, entorpece e hipnotiza. Há tanta tecnologia disponível no mundo para fazer com que as pessoas não tirem a bunda do sofá nem para levantar para beber água. Creio que o grande problema da tecnologia, da comunicação é fazer com que as pessoas fiquem cada vez mais presas a ela, tornando outras formas ou fontes de informação obsoletas ou desinteressantes.

Mas, como eu disse anteriormente, os meios de comunicação ou as tecnologias da comunicação (que são ferramentas) são muitos e muito atraentes, mas há formas de ignorá-los. É tudo uma questão de educação, de hábito, de saber o que é importante na hora certa. É claro que existem pessoas com discernimento para mudar esse panorama, mas de novo caímos na equação das massas e dos formadores de opinião, dos comandados e dos comandantes. Mas isso sempre existiu desde que o mundo é mundo, pois a bíblia nada mais é do que um livro que comunica a conduta de seus seguidores. Quem o critica, o questiona é chamado de herege e, na idade média, era queimado na fogueira para não disseminar a dúvida, o senso crítico.

8. Como eram as possibilidades de relacionamento antes da tecnologia de comunicação? E as atuais?

R – Bem, creio que a Internet, como meio de conhecer pessoas e fazer novos amigos é uma ferramenta interessantíssima, pois hoje em dia você se comunica em tempo real com uma pessoa em qualquer canto do mundo. Sendo assim, acho válida a contribuição para ampliar redes de amizades, o que era um pouco difícil, para não dizer impossível, anteriormente. Já os relacionamentos amorosos, afetivos, sexuais, seja lá o nome que for, podem estar sofrendo uma grande transformação, um tanto quanto estranha ao meu modo de ver. Há pessoas que namoram anos via Internet sem nunca se encontrarem pessoalmente. Creio que há certa dose de fetiche nisso, porque, pessoalmente, acho que não se faz um relacionamento homem-mulher assim, a distância, sem contato físico. É certo que as inibições desaparecem e isso facilita a vida de muitas pessoas que se escondem atrás de um teclado, mas, por outro lado, não há contato, não há vida a dois. Isso é uma coisa muito estranha.

9. Qual o espaço que a Internet ocupa na sua vida? E na vida do seu companheiro(a)?

R – Para mim, a Internet é fundamental para o trabalho e para pesquisas relacionadas com ele. Há, também, a parte de conhecimento de realidades distantes que são muito

importantes para mim. Em segundo plano, ela é interessante para conversar com pessoas que não tenho a possibilidade de estar em contato freqüente, seja por e-mail ou por mensagens instantâneas. Na vida da minha esposa, creio que não posso responder a essa pergunta.

10. E o celular?

R – É a mesma resposta anterior sobre a Internet.

11. O que é ser um casal?

R – Um casal é formado por pessoas que pensam num futuro em comum, em dividir uma vida e construir uma nova. Pessoas que buscam objetivos em comum e sempre estão dispostas a dar suporte um ao outro.

12. A tecnologia aproxima ou distancia o casal? Explique.

R – Isso varia de casal para casal. No meu caso em particular, não há nenhuma das duas influências. A tecnologia simplesmente está em nossas vidas para agregar os valores de uma sociedade moderna que vive intensamente a velocidade informativa.

13. Quando você está insatisfeito com o seu parceiro(a) pelo uso excessivo da Internet ou do telefone, que estratégias você utiliza para lidar com essa situação? Como você age? E como ele(a) age quando não está satisfeito?

R – Nunca me ocorreu tal situação.

14. Você reconhece que seu(sua) companheiro(a) respeita a sua individualidade ou diferenças? E você respeita a dele(a)?

R – O ser humano por sua essência é egoísta. Ninguém respeita plenamente a individualidade de ninguém. Sempre queremos puxar a corda para o nosso lado. Mas o importante é saber até que ponto isso é sadio. A partir do momento que tal intromissão vira desrespeito, alguma coisa está errada e tem que ser corrigida.

15. Quando você utiliza e-mail, telefone ou celular de modo privado para o seu companheiro(a), como ele age? E quando é o contrário, como você age?

R – Se alguém utilizar alguma coisa de modo privado, a outra pessoa não precisa saber. Mas no meu caso, não utilizo nada assim, de forma privada ou escondida. Creio que

cada um tem seu limite de compartilhamento da individualidade, senão ela não se chamaria mais individualidade se fosse totalmente dividida.

16. Você, alguma vez, já se sentiu invadido em sua privacidade, na Internet ou no celular, pelo seu companheiro(a)?

R – Sim.

17. E você já invadiu ou sentiu vontade?

R – Sim.

18. Você concorda que houve uma diminuição do tempo dedicado ao lar e um aumento de tempo em relação ao trabalho? Como você gostaria que fosse a distribuição do tempo dele(a)?

R – Concordo plenamente. Mas também acho que, em função disso, as pessoas estão em busca de uma formação e preparação intelectuais mais profundas, o que me agrada bastante porque nada melhor que existir um dever de educação, de conhecimento para termos uma sociedade mais decente no futuro. Não tenho uma fórmula de distribuição do tempo de uma pessoa. Acho que, entre os 20 e 50 anos, o seu tempo tem que ser produtivo, tem que estar direcionado aos seus objetivos. O segredo é tomar cuidado para não ficar entorpecido pelo trabalho ou pelos estudos, mas isso envolve a consciência e necessidade de cada um.

19. Sobra tempo para intimidade conjugal?

R – Claro. Se não sobrasse, você não estaria fazendo essa pesquisa comigo, pois estaria solteiro.

20. Quando você sai de férias faz uso da Internet e do celular para responder ao trabalho?

R – O problema não é usar a Internet ou celular para responder o trabalho. O grande problema é eu conseguir tirar férias. Mas creio que, em uma viagem de férias, só utilizaria os recursos disponíveis se fosse indispensável, pois se eu tiro férias minha equipe continua trabalhando e há decisões que eles não podem tomar, então tenho que intervir.

21. Em casa, quem usa mais a Internet? Quando? Para quê? E por quanto tempo?

R – Creio que minha esposa. Os detalhes, eu acho que devem ser perguntados a ela.

22. Na sua opinião o seu parceiro(a) traz o trabalho para dentro do lar por obrigação ou também por prazer? E você?

R – Um pouco dos dois. Eu raramente levo trabalho para casa, mas quando levo é porque tenho um prazo curto para terminá-lo (uma obrigação), mas como eu adoro fazer o que faço, executo com prazer. Então é um sentimento híbrido.

23. Quanto tempo você gasta lendo ou escrevendo *e-mails* em casa? E seu(sua) companheiro(a)?

R - Em casa quase não uso computador. A não ser para coisas urgentes ou para responder pesquisas bem-intencionadas. Se respondo dois e-mails por semana em casa é muito. Logo, uso o computador de casa mais para ler jornais, ouvir musica, baixar arquivos e coisas parecidas. Geralmente faço isso quando estou sozinho em casa ou quando minha esposa está fazendo alguma outra coisa. Já ela, creio que passa a maior parte do dia lendo e escrevendo na frente do computador, mas não vou saber te falar quanto tempo é.

24. Atividades como essas tomam muito do tempo que o casal tem disponível para conversar a sós? Como é a comunicação do casal?

R – Creio que no meu caso em particular o “tempo de máquina” é bem dividido. Pois eu trabalho o dia inteiro e, nesse tempo, ela faz o que tem que fazer no computador. Dessa forma, quando estamos juntos, raramente somos separados pelo vilão catódico.

25. Quanto tempo seu companheiro(a) gasta no celular com o trabalho?

R – Não sei informar.

26. O casal já teve algum conflito diante das tecnologias de comunicação? Poderia citar?

R – Sim, já tivemos. Prefiro não citar.

27. Como você se posicionou? Como foi resolvido? Que estratégias usaram?

R – Ainda não se resolveu muito bem, mas tentamos conversar o máximo possível e tentar nos explicar mutuamente.

28. Você deixou de fazer alguma coisa que fazia antes da Internet ou do celular? E o seu companheiro?

R – Absolutamente não. Creio que faço mais coisas hoje em dia do que fazia antes, pois a Internet me dá mais possibilidade de descobrir o que acontece de bom no mundo.

29. O casal determinou algum tipo de regras, limites implícitos ou explícitos para o uso da Internet e do celular? Foi de comum acordo?

R – Não, não temos regras.

30. Você enquanto mulher(homem) fica suspirando e sentindo-se abandonada(o) quando ele(ela) utiliza a Internet ou o celular durante a convivência de vocês?

R – Isso não acontece de forma alguma. Não suspiraria sem me sentiria um maior abandonado, pois, se o uso desses meios são necessários, não há porque eu me sentir mal por isso. Imagine só que canalhice seria se eu ficasse suspirando, reclamando e a pessoa deixar de fazer o que tem para fazer no trabalho ou faculdade e depois ela perder um projeto ou até mesmo o emprego. Isso não existe. É aquela velha máxima. “Se não agüenta, por que veio?”

31. As transformações tecnológicas (Internet e celular) trouxeram maior perigo e oportunidade constante de novos contatos de intimidade e expressão fora do casamento?

R – Concordo que isso ampliou a rede de pessoas que você pode conhecer e isso, conseqüentemente, amplia sim a possibilidade de alguém se interessar por outra pessoa. Mas não sei dizer se isso é maior agora. Creio que se colocarmos em termos estatísticos e de probabilidade há sim um aumento, mas o que conta mesmo é a intenção, pois a pessoa só vai ter contatos íntimos extraconjugais se estiver disposta e, para isso, não precisa de Internet, apenas de um bar.

32. Na sua opinião, existe diferença entre relacionamento real e virtual? Explique.

R – Creio que já respondi isso anteriormente quando disse que um relacionamento virtual pode sim ser baseado em amizade e em troca de idéias, mas daí a ter uma migração para um relacionamento amoroso exclusivamente via Internet, creio que é uma coisa muito estranha. Sei que isso existe, mas pessoalmente não acredito em relacionamentos sólidos dessa forma. Considero que o relacionamento real é sólido e o virtual não.

33. E, quando não dá certo o relacionamento virtual, como fica o sujeito?

R – Passa pra outra sala de bate-papo. Brincadeira. Não sei te responder isso, nunca tive um relacionamento homem-mulher via Internet.

34. Traição virtual é o mesmo que traição real? Você sabe o que seu(sua) companheiro(a) pensa sobre isso?

R – Traição é um treco meio complicado de se rotular. Acredito que trair é colocar outra pessoa no lugar daquela que a ocupava anteriormente. Seja fisicamente ou não. Se você tem mais carinho com uma outra pessoa do que com aquela que está ao seu lado, seja via Internet ou não, creio que isso seja traição. Mas cada cabeça estabelece sua sentença, é um ponto de vista muito individual que não dá para responder por outros.

35. Você confia no(a) seu(sua) parceiro(a) quando ele(ela) está no celular? E na Internet?

R – Não penso muito nisso na verdade. Eu confio em mim. Confio na pessoa que está ao meu lado dividindo as coisas do dia-a-dia. Não me importa o que ela fala no celular ou na Internet. Não vai ser uma conversa que vai determinar a minha confiança ou não. Mas ciúmes podemos dizer que pode existir, não por falta de confiança, mas porque, como já disse antes, humanos são egoístas e não gostamos de dividir nada, nem palavras.

36. O que levaria você ou o(a) seu(sua) companheiro(a) a ser infiel virtualmente?

R – Não seria infiel enquanto eu acreditasse no meu relacionamento. Mas a infidelidade em geral é levada exatamente para suprir deficiências que existem dentro do próprio relacionamento. As pessoas buscam preencher as lacunas com outras.

37. Isso assusta você? Que sentimentos ou temores você tem quando se toca nesse assunto?

R – Nem um pouco de susto. As pessoas são livres. Somos felizes agora, mas se algum dia a felicidade não existir mais, creio que será melhor para ambos seguir caminhos opostos com ou sem o envolvimento de outras pessoas.

APÊNDICE V – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

SUJEITO 2

Casal: A

Nome: **POAF.**

Sexo: **Feminino.**

Idade: **31.**

Tempo de casada: **2 anos.**

Profissão: **estudante.**

Escolaridade: **superior incompleto.**

1. Como você percebe a interferência da Internet na sua vida?

R – Acho que não consigo mais ficar sem Internet. Como normalmente não vejo tv, leio as notícias pela Internet, tenho contato com amigos em outros estados, fora os estudos que tenho que fazer para a faculdade. Eu também não gosto muito de usar o telefone, não sou daquelas mulheres que ficam horas penduradas no telefone, então prefiro conversar pelo MSN. Mas claro que tem coisa que não dá pra conversar por lá e também depende da pessoa. Como, por exemplo, os meus pais. De uma certa forma sei que isto não é muito bom. A gente acaba perdendo a proximidade. Conversar pelo MSN não é a mesma coisa de conversar pelo telefone.

2. E na relação conjugal?

R – Hoje em dia a Internet não me incomoda tanto como antes. Quando estava namorando meu marido, a gente se falava muito por e-mail e MSN. Mas não deixávamos de nos ver por causa disto. Eu percebia que ele tinha mais facilidade de se abrir por estes meios. Ele tinha um blog onde escrevia seus pensamentos, poesias e o que dava na cabeça dele. E, no começo, eu achava super-estranho porque não parecia a mesma pessoa que estava comigo pessoalmente. Muitas vezes, ficamos madrugadas a fio conversando pelo MSN e ali ele falava o que queria em relação a nós dois, o que pensava, tudo. E, muitas vezes, eu não sabia com quem eu estava conversando e, quando ele me encontrava, parecia que nada tinha acontecido. Era como existisse um mundo da Internet e outro pessoalmente.

3. E a interferência do celular?

R – Como disse, não gosto muito de telefone. Não ligo muito para as pessoas. Só mesmo quando precisa e muitas vezes eu mando mensagem. Às vezes, nem gosto quando ele toca muito. Meu marido não usa tanto o celular, pelo menos perto de mim. Não sei como é no trabalho dele, mas acho que deve tocar muito, ele vive resolvendo os pepinos de lá. No final de semana, quando a gente está numa festa, cinema ou com os amigos, às vezes, ele tem que atender e ligar para pessoas para resolver assuntos do trabalho. Isto não me incomoda. Sei o tipo de trabalho que ele tem e as suas responsabilidades.

4. Você, às vezes, se sente excluída(o) pelo seu(sua) companheiro(a) durante o uso da Internet ou do celular? E como se sente o(a) seu(sua) companheiro(a)?

R – Antes do nosso casamento, eu achava muito estranho este negócio de excesso de Internet. Eu não mexia muito com o computador e ele conversava muito por este meio. Confesso que comecei a usar mais a Internet por causa dele. Como disse antes, parecia que o mundo da Internet era diferente do mundo pessoal, tinha muito receio das conversas e pessoas que ele conhecia pelo computador. Não sabia se isto acontecia ou não, mas como ele parecia ser uma pessoa completamente diferente nestes dois locais, não sabia o que acontecia. E me sentia completamente excluída por ele em relação à sua intimidade no computador. Parecia que era um lugar que não poderia invadir, entrar, perguntar. Era como se eu tivesse que respeitá-lo e perguntar sobre este assunto seria invadir demais sua privacidade. Hoje em dia não é mais assim, passamos por um momento difícil e acho que aprendemos um pouco em relação a estas coisas.

5. Você acha que o homem do século XXI vem acompanhando a velocidade das transformações na era tecnológica?

R – Acho que sim, mas acho que temos que ficar atentos como isto pode ajudar e atrapalhar nossas vidas. Perdemos muito o contato com o outro. Já ouvi falar que tem gente fazendo terapia pela Internet! Bom, se fazem sexo pela Internet, tudo é possível.

6. Na sua opinião, quem é o responsável pelo aceleração tecnológico no qual vivemos?

R – O próprio homem!

7. Por que a tecnologia da comunicação comanda o nosso estar no mundo? Por que não conseguimos ignorá-la?

R – A gente não consegue ficar sem a tecnologia, estamos acostumados com ela. Porque

você vai escrever uma carta e mandá-la pelo correio se você pode mandar um e-mail ou mensagens instantâneas e receber a resposta rapidinho? Carta pelo correio é só conta pra pagar ou cobrança. Como iríamos saber o que acontece do outro lado do mundo? Sem a tecnologia da comunicação ficamos fechados no nosso mundo, no canto onde estamos. Isto é em relação a tudo, política, economia ou cultura. Se ignorá-la, ficamos sem contato com o mundo, com coisas que podem alterar nossas vidas.

8. Como eram as possibilidades de relacionamento antes da tecnologia de comunicação e as atuais?

R – Ah!... era pelo romantismo da carta. Sabe aquelas histórias de filme de guerra que o homem vai para a batalha e sua amada fica esperando suas cartas durante meses? Naquela época tinha mais contato com o outro. Tinha que ter a presença do outro. Hoje se namoram pessoas que a gente nunca viu e ainda faz sexo com ela. E é engraçado, quando estas pessoas resolvem se encontrar, não dão certo e terminam o relacionamento. Antes a gente permitia ao outro nos conhecer, hoje, com este povo que namora na Internet, passa para o outro o que ele gostaria de ser ou que o outro gostaria que ele fosse. Claro que não estou generalizando! Mas eu vejo muito disto por aí. Eu não iria conseguir fazer isto, preciso do contato físico e visual.

9. Qual o espaço que a Internet ocupa na sua vida? E na vida do seu companheiro(a)?

R – Na minha vida é aquilo mesmo que falei. É para me comunicar com meus amigos de outros estágios, trabalhos da faculdade, ver notícias, estas coisas. Quando meu marido não está em casa, acabo ficando mais na Internet, principalmente porque a gente fica se falando no MSN, mas quando ele chega, saio do computador e fico com ele. Meu marido também é assim. Ele só fica no computador quando tem que fazer algo que não dá para fazer depois. Tem uma cena que foi engraçada! Eu brinco com ele falando que lá em casa não vai ter Play Station, porque eu detesto estes joguinhos e acaba com o casamento. Mas ele gosta de jogar um joguinho de computador. Normalmente ele faz isto quando estou dormindo, mas teve um dia que eu sabia que ele queria jogar porque estava passando para uma outra fase no jogo. Falei pra ele jogar, que não teria problema. Ele falou não várias vezes, mas no final foi jogar. De 10 em 10 minutos, ele ia lá onde eu estava, me dava um beijo e ficava um pouquinho comigo e voltava para o jogo. Eu achei legal a preocupação dele comigo, de perceber que isto pode afetar o nosso relacionamento.

10. E o celular?

R – O celular não incomoda muito. Acho que nós dois não gostamos tanto de telefone.

11. O que é ser um casal?

R – Ser um casal para mim é ser presente, ter companheirismo, saber que somos pessoas diferentes com, muitas vezes, gostos diferentes e nunca deixar de ser nós mesmos. Respeitar a vontade do outro e deixar claro que tudo tem um limite e é neste limite que começa a vida do casal, ou melhor, o casal, o “nós”. Não quero que meu marido deixe de ser ele mesmo ou deixe de fazer o que gosta, mas tem que pensar também na outra pessoa, no caso, eu. Fazer e saber até onde ele pode ir. Claro que, se acho que alguma coisa está demais, eu converso com ele e nós somos bem flexíveis em relação a isto. Acho que, no casamento, um tem que dar força para o outro, apoio, ajuda, respeito, muito respeito.

12. A tecnologia aproxima ou distancia o casal? Explique.

R – Huummm, acho que os dois. Por exemplo, como meu marido viaja umas 2 ou 3 vezes por mês, sem a tecnologia nos falaríamos muito menos nesse período, mas se estamos dentro de casa e um está no computador e outro no celular, aí não dá. Daqui a pouco a gente nem vai conversar mais.

13. Quando você está insatisfeito com o seu parceiro(a) pelo uso excessivo da Internet ou do telefone, que estratégias você utiliza para lidar com essa situação? Como você age? E como ele(a) age quando não está satisfeito?

R – A gente fala que não está satisfeito. A gente pede para o outro ficar mais perto, que quer conversar, a gente valoriza muito estar perto do outro. Eu falo para ele que gosto de ficar do lado dele assistindo TV, que não é a mesma coisa que ver sem ele. Por mais que eu durma assistindo Tv, gosto de fazer isto com ele perto. Quando estou no computador, ele vai lá e me chama pra ficar com ele, pergunta se vou demorar, mas quando é algo que a gente tem que fazer naquela hora, a gente respeita e espera terminar. Acho que ele não acha ruim, não, pelo menos nunca me disse que não gosta do jeito que falo com ele em relação a isto

14. Você reconhece que seu(sua) companheiro(a) respeita a sua individualidade ou

diferenças? E você respeita a dele(a)?

R – Às vezes. Gostaria que ele entendesse mais como funciona. Somos diferentes em alguns aspectos e, às vezes, ele reclama. Para falar a verdade, ele reclama de muita coisa. Até ele fala isto, mas eu tento levar na brincadeira, mas tem hora que não fico muito feliz. Eu tento respeitar sua individualidade e diferenças. Sempre fiz questão que ele me mostrasse o que ele gosta, o que não gosta, como pensa em relação a alguns assuntos, deixo sempre este espaço aberto. Ele é uma pessoa fechada, não gosta muito de ficar falando dele, mas eu sempre falei para ele que não tem como eu descobrir o que ele quer e como pensa, ele tem que me falar! A única coisa que eu acho ruim que ele faz é que ele pega no meu pé para fazer o que ele gostaria que eu fizesse. Como se eu não soubesse o que é bom pra mim e ele soubesse mais.

15. Quando você utiliza e-mail, telefone ou celular de modo privado para o seu companheiro(a), como ele age? E quando é o contrário, como você age?

R – Ele não gosta e nem eu. Sempre tem a pergunta: quem era? O que queria?

16. Você, alguma vez, já se sentiu invadido em sua privacidade, na Internet ou no celular, pelo seu companheiro(a)?

R – Já. Há um tempo atrás, eu achava que ele tinha acesso aos meus e-mails e MSN, sei lá, como se ele tivesse a senha. Uma vez descobri que ele mexeu no meu MSN e colocou para ficar salvando todas as minhas conversas.

17. E você já invadiu ou sentiu vontade?

R – Já invadi. Foi na época que estávamos noivos ainda. Eu desconfiava muito dele...por causa da Internet e como ele era por traz do computador. Eu perguntava para ele algumas coisas e ele nunca respondia direito, era sempre um “não sei”, “sei lá”. Achava que ele não era a mesma pessoa que demonstrava para mim. Aí comecei a mexer no computador e ver seus e-mails.

18. Você concorda que houve uma diminuição do tempo dedicado ao lar e um aumento de tempo em relação ao trabalho? Como você gostaria que fosse a distribuição do tempo dele(a)?

R – Com certeza. Eu gostaria que ele não chegasse muito tarde durante a semana e que não precisasse trabalhar durante o fim de semana. Algumas vezes saímos para nos

divertir e ele fica falando de trabalho com os amigos dele.

19. Sobra tempo para intimidade conjugal?

R – Graças a Deus!!

20. Quando você sai de férias faz uso da Internet e do celular para responder ao trabalho?

R – De jeito nenhum.

21. Em casa, quem usa mais a Internet? Quando? Para quê? E por quanto tempo?

R – Hoje estou usando mais por causa da monografia e ele fica na Internet no trabalho, mas ele gosta muito mais do que eu. Uso normalmente quando ele não está em casa, mas, às vezes, preciso usar para fazer a monografia quando ele está em casa também. Bom, fico horas no computador para terminar tudo que tenho que fazer para a faculdade.

22. Na sua opinião o seu parceiro(a) traz o trabalho para dentro do lar por obrigação ou também por prazer? E você?

R – Quando ele traz é por obrigação. Acho que ele não faria se não precisasse. Bom, como não estou trabalhando agora, faço só as coisas referentes à faculdade, mas, quando estava trabalhando, só fazia em casa coisas que não teria como não fazê-las. Mas era por obrigação.

23. Quanto tempo você gasta lendo ou escrevendo *e-mails* em casa? E seu(sua) companheiro(a)?

R – Eu faço isto rapidinho. Quando vejo meus e-mails, apago o que não me interessa e só leio as coisas importantes. Quando estou em casa, meu marido também não demora.

24. Atividades como essas tomam muito do tempo que o casal tem disponível para conversar a sós? Como é a comunicação do casal?

R – A gente conversa bem. Gostaria que ele se abrisse mais, como falei, ele é muito fechado. Sinto falta de saber o que ele pensa em relação às coisas, até da nossa vida como casal. Mas ele não fala. Às vezes, penso se realmente o conheço.

25. Quanto tempo seu companheiro(a) gasta no celular com o trabalho?

R – Não sei! O celular dele deve tocar muito quando ele está trabalhando, mas quando

estou com ele, não toca muito.

26. O casal já teve algum conflito diante das tecnologias de comunicação? Poderia citar?

R – Nossa! Já. A gente terminou um mês antes do casamento. Foi uma loucura. Naquela época que eu mexia no e-mail dele, descobri que ele conhecia pessoas que ele se negava em dizer que conhecia, matava a mãe e não falava a verdade. Eu fiquei neurótica! Pensava: como vou casar com um cara que não sei quem é, que não fala a verdade para mim, porque ele tem relacionamento na Internet e não fala comigo. Até uma ex-namorada que ele falava que não conversava com ela há muito tempo, pelos e-mails descobri que eles se falavam constantemente. Sempre dei espaço para ele ter amigas, principalmente com ex-namoradas. Eu tenho amizades com os meus “ex” e sempre falei com ele. Tenho vários amigos homens e nunca escondi. Não entendia porque ele não falava para mim. Era como eu não pudesse interferir neste meio. Como se fosse uma individualidade dele que não deveria me intrometer. Resolvi conversar com ele na época! Falei que não queria um homem assim comigo, que não ficaria feliz em viver assim. Que ele tinha todo o direito de ser o que ele quisesse, eu é que não tinha como lidar com isto. E que não queria mais ficar com ele, principalmente porque ele não era a pessoa que me parecia ser. Eu perguntava as coisas para ele e ele falava que não sabia, que não entendia, sei lá, isto me dá uma raiva! Bom, então resolvi terminar, já que ele não sabia de nada, eu tinha que saber! Ele ficou louco! Junto com a minha família e a dele. Ele procurou minha psicóloga, fez de tudo pra eu não deixá-lo. Mas eu estava resistente! Mas ele me prometeu que não iria fazer mais isto, que não iria esconder estas coisas de mim, que iria mostrar que me ama. Bom, enfim, casamos. No começo do casamento foi muito difícil para mim. Não confiava nele de jeito nenhum. A gente brigava bastante! Foi horrível! Chorava muito, sofria demais. Com o tempo foi diminuindo. Mas psicossomatizei. Meu corpo reclamou bastante. Fiquei um ano fazendo exames e não dava em nada. Resolvi fazer terapia, comecei a melhorar e, ao mesmo tempo, fiquei com depressão! Bom, as brigas, o mal estar no casamento serviu para alguma coisa. Ele me mostrou que gosta realmente de mim. Ele agüentou tudo com muita compreensão e paciência. Agora ele não está daquela forma. Tudo por causa da Internet!

27. Como você se posicionou? Como foi resolvido? Que estratégias usaram?

R – Acho que acabei respondendo na pergunta anterior. Mas, olha, eu pirei na época!

Acho que não usamos estratégias, tive que confiar de novo e ele sempre tenta me mostrar que não pensa mais daquela forma.

28. Você deixou de fazer alguma coisa que fazia antes da Internet ou do celular? E o seu companheiro?

R – Eu não deixei, mas acho que depois do que aconteceu, ele deixou. Pelo menos espero que sim.

29. O casal determinou algum tipo de regras, limites implícitos ou explícitos para o uso da Internet e do celular? Foi de comum acordo?

R – Depois que a gente terminou, deixei bem claro que não queria que ele agisse comigo assim, que se ele quisesse fazer aquilo de novo, ele teria toda liberdade de fazer, não longe de mim. Eu não ficaria com ele. Bom, acho que foi de comum acordo. Ele falou que aceitou isto e eu que coloquei a regra. Ele tinha a opção de continuar fazendo, só que eu não iria saber lidar com isto e nem estava afim de fazer isto. Ele aceitou!

30. Você enquanto mulher(homem) fica suspirando e sentindo-se abandonada(o) quando ele(ela) utiliza a Internet ou o celular durante a convivência de vocês?

R – Não.

31. As transformações tecnológicas (Internet e celular) trouxeram maior perigo e oportunidade constante de novos contatos de intimidade e expressão fora do casamento?

R – Pois é, ele tinha isto. Ele se comunicava com as pessoas e não sei de que forma, pelo computador. Fiquei furiosa quando descobrir. Olha, se eu descobrir que isto ainda acontece, eu não sei não.

32. Na sua opinião, existe diferença entre relacionamento real e virtual? Explique.

R – Ah, com certeza! As pessoas não se conhecem bem, não tem o toque, o olhar, a expressão, o dia-a-dia onde acontece o stress, a falta de paciência, o mau humor. Na Internet a gente só se fala quando está com saudade e não porque brigou no trabalho e está bravo e vai descontar na pessoa que está do outro lado. Para terminar um relacionamento virtual é muito mais fácil, é só bloquear a pessoa.

33. E, quando não dá certo o relacionamento virtual, como fica o sujeito?

R – Acho que ele fica melhor do que aquele que tem um relacionamento real. Ele não se apega da mesma forma que o outro. No real, temos lembranças do cheiro, da pele, do olhar. Nós usamos nossos sentidos. No virtual temos palavras tecladas e, no máximo, uma imagem com a ajuda da Webcam.

34. Traição virtual é o mesmo que traição real? Você sabe o que seu(sua) companheiro(a) pensa sobre isso?

R – Eu acho que sim. Acho que traição é falta de respeito com a pessoa que você está. Independe se for pela fala, pelo ato. A falta de respeito pode acontecer em qualquer lugar.

35. Você confia no(a) seu(sua) parceiro(a) quando ele(ela) está no celular? E na Internet?

R – Huuummm, vou confessar que, antes de descobrir como ele usava o computador, eu não tinha problema nenhum com isto. Nem ligava. Mas agora, ele fala que não faz nada e eu tento e me esforço pra acreditar. Não quero ficar pensando, fuçando as coisas, com dúvida em saber o que ele está fazendo. Não quero fazer isto com a minha vida e se ele quiser viver daquela forma, é um problema dele.

36. O que levaria você ou o(a) seu(sua) companheiro(a) a ser infiel virtualmente?

R – Eu não gosto destas coisas virtuais, mas acho que seria uma experiência nova, insatisfação no casamento.

37. Isso assusta você? Que sentimentos ou temores você tem quando se toca nesse assunto?

R – Não me assusta. Só não gosto. Traz lembranças ruins, momentos difíceis que passei no relacionamento com o meu marido.

APÊNDICE VI – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

SUJEITO 3

Casal: **B**

Nome: **RVF**.

Sexo: **feminino**.

Idade: **39 anos**.

Tempo de casado: **18 anos**.

Profissão: **Autônoma**.

Escolaridade: **superior incompleto**.

1. Como você percebe a interferência da Internet na sua vida?

R – No meu dia a dia, a Internet já faz parte do meu cotidiano. Várias coisas tornaram-se mais fáceis de serem resolvidas, ajudando a economizar tempo, facilitando a comunicação com amigos e recebimento de informações.

2. E na relação conjugal?

R – Se não é muito bem administrado, o tempo que ficamos no computador, torna-se uma maneira de ficarmos mais tempo longe um do outro.

3. E a interferência do celular?

R – Quanto ao celular, para mim é um meio de comunicação indispensável para mantermos contato a qualquer momento de necessidade, às vezes, quando quero descansar ou não falar com ninguém acho boa a idéia de poder desligá-lo e vermos depois se alguém ligou.

4. Você, às vezes, se sente excluída(o) pelo seu(sua) companheiro(a) durante o uso da Internet ou do celular? E como se sente o(a) seu(sua) companheiro(a)?

R – Sim. Quanto ao uso de celular, realmente tentamos usar quando estamos no nosso horário de trabalho para que, quando chegarmos em casa, não tenhamos a necessidade de deixá-lo ligado. Quanto a internet, no período da manhã e tarde, não ficamos juntos, cada um cuida do que pode neste período. Em nossa casa, costumamos usar a internet no período da noite. Às vezes, temos problemas, pois a noite é o horário que estamos mais tempo juntos, tentamos resolver nossas tarefas o mais rápido possível para que

possamos ficar juntos no resto do tempo. Mesmo sendo pouco o tempo que ficamos conectados na Internet, às vezes, isto gera um certo problema pois não nos comunicamos muito por que ficamos entretidos no computador. Sinto que quando fico mais tempo do que o normal, acabamos discutindo, pois meu marido demonstra que ele sente que eu não quero ficar com ele e sim com o computador. O mesmo ocorre com ele, quando ele passa muitas horas no computador eu reclamo, temos a liberdade de falar um com o outro sobre isto.

5. Você acha que o homem do século XXI vem acompanhando a velocidade das transformações na era tecnológica?

R – Sim, pois, hoje em dia, as transformações tecnológicas estão se desenvolvendo de forma muito acelerada e a própria sociedade e trabalho nos obriga a estarmos cada vez mais por dentro desta tecnologia.

6. Na sua opinião, quem é o responsável pelo aceleração tecnológico no qual vivemos?

R – Acho que a demanda é grande para que as coisas se tornem mais fáceis e praticas, para que tenhamos um certo conforto, por isso acho que os responsáveis somos nós, os consumidores, que tentamos aproveitar melhor o nosso tempo.

7. Por que a tecnologia da comunicação comanda o nosso estar no mundo? Por que não conseguimos ignorá-la?

R – Nos acostumamos a estar completamente on-line, isso gera uma certa segurança pois, se estamos com algum problema, o celular está na bolsa e resolvemos rapidamente. Sinto que não conseguimos ignorá-lo pois nos trouxe, querendo ou não, conforto para nossa vida.

8. Como eram as possibilidades de relacionamento antes da tecnologia de comunicação e as atuais?

R – Antes, tínhamos que estar em algum local fixo para podermos utilizar o telefone, ou mandar carta que demorava dias para chegar nas mãos de nossos amigos, acho até que a comunicação deveria ser muito menor do que hoje temos, hoje, até do carro, conseguimos manter contato com qualquer pessoa, pois quase todo mundo tem um celular. Quanto a Internet, as coisas estão praticamente on-line, lemos notícias, conversamos com amigos, nos vemos através da webcam, falamos sem gastar nada com

peessoas que estao distantes até mesmo em outros países.

9. Qual o espaço que a Internet ocupa na sua vida? E na vida do seu companheiro(a)?

R – Um grande espaço, meu trabalho é adquirido através da Internet, tenho um site de vendas, minhas contas sao controladas pela internet, recebo os pedidos de compras via email, hoje vejo que ela ocupa grande parte do meu dia. Do meu companheiro também, com o trabalho dele e contatos com amigos e diversão.

10. E o celular?

R – Ele está comigo 24 horas, só desligo quando acaba o meu expediente.

11. O que é ser um casal?

R – Para mim, primeiramente, para sermos um casal temos que nos amar muito, respeitar as diferenças e fazer delas algo que nos ajude a crescer como pessoa, e que estas diferenças não atrapalhem a relação. É sobretudo companheirismo, respeito, carinho amor e dedicacao.

12. A tecnologia aproxima ou distancia o casal? Explique.

R – Para algumas pessoas pode até distanciar mas, para nós ajudou a aproximarmos, pois falamos mais vezes ao telefone em nosso horário de trabalho, trocamos carinhos por e-mail, às vezes, mandamos recadinhos pelo e-mail, declarações de amor, combinamos como nos encontrar através do celular, quando vemos que as coisas não estão boas para um ou para outro, conversamos para que o outro saiba o que está incomodando. Temos limite quanto ao uso do celular, que tentamos diminuir, e do tempo que estamos gastando no computador.

13. Quando você está insatisfeito com o seu parceiro(a) pelo uso excessivo da Internet ou do telefone, que estratégias você utiliza para lidar com essa situação? Como você age? E como ele(a) age quando não está satisfeito?

R – Quando não estou satisfeita fico chamando ele para ficar comigo e, às vezes, ele demora para vir e eu acabo dormindo, no dia seguinte aviso como me senti. Ele também fala para mim quando acha que estou muito tempo no computador ou telefone. Tentamos respeitar um ao outro mas, às vezes, ultrapassamos os limites e acabamos ficando chateados, então conversamos.

14. Você reconhece que seu(sua) companheiro(a) respeita a sua individualidade ou diferenças? E você respeita a dele(a)?

R – Sim, cada um é um ser no mundo que tem sua individualidade. Sei que, às vezes, estamos entretidos em um determinado assunto e não seria bom desligar o telefone ou computador, então tentamos sempre justificar um para o outro o que está acontecendo para que não tenhamos problemas.

15. Quando você utiliza e-mail, telefone ou celular de modo privado para o seu companheiro(a), como ele age? E quando é o contrário, como você age?

R – Nos respeitamos, não ficamos bisbilhotando o e-mail, celular e telefone do outro, não somos um casal que desconfiamos um do outro pois se algum dia esta desconfiança começar a acontecer é porque estamos com algum problema e temos que conversar.

16. Você, alguma vez, já se sentiu invadido em sua privacidade, na Internet ou no celular, pelo seu companheiro(a)?

R – Não, quando ele tem que usar alguma coisa minha, ele me pede, como não tenho nada que esconder dele, eu não me preocupo com isso, ele também, mas temos o respeito de avisarmos antes que iremos mexer nas coisas do outro.

17. E você já invadiu ou sentiu vontade?

R – Não, não tenho vontade, confio em meu marido.

18. Você concorda que houve uma diminuição do tempo dedicado ao lar e um aumento de tempo em relação ao trabalho? Como você gostaria que fosse a distribuição do tempo dele(a)?

R – Concordo, o ideal seria que, na hora em que estamos em casa juntos, ninguém ficasse no telefone ou Internet, mas as obrigações são grandes por isso não conseguimos fazer deste o nosso dia-a-dia, mas conversamos bastante e quando um sente que o outro não está satisfeito tenta diminuir as horas de utilização do computador e telefone.

19. Sobra tempo para intimidade conjugal?

R – Sim, colocamos limites na nossa casa, final de semana é muito raro estarmos no computador. Nosso celular só funciona o particular. E, sempre uma vez por semana,

tiramos um dia à noite para sairmos juntos e nos curtirmos.

20. Quando você sai de férias faz uso da Internet e do celular para responder ao trabalho?

R – Ao trabalho muito pouco, só para ver se as coisas estão caminhando bem ou não, costumamos nos comunicar mais com a família.

21. Em casa, quem usa mais a Internet? Quando? Para quê? E por quanto tempo?

R – Eu, pois fico com a internet ligada desde a hora que acordo, porque trabalho em casa. Quando meu marido chega em casa, diminuo o uso. Ficamos um pouco, apenas umas 2 horas depois do jantar e depois desligamos para ficarmos juntos vendo um filme, ou assistindo televisão.

22. Na sua opinião o seu parceiro(a) traz o trabalho para dentro do lar por obrigação ou também por prazer? E você?

R – Quando ele traz algum trabalho é por falta de tempo de realizá-lo no próprio trabalho e ele tem que ser resolvido naquele dia. Ele fica mais tempo ligado na internet futucando novidades e jogando gamão.

23. Quanto tempo você gasta lendo ou escrevendo *e-mails* em casa? E seu(sua) companheiro(a)?

R – Eu gasto cerca de três horas e o meu marido mexe no e-mail dele, raramente, não deve ficar mais que 1 hora.

24. Atividades como essas tomam muito do tempo que o casal tem disponível para conversar a sós? Como é a comunicação do casal?

R – Nós, quando estamos no computador, ficamos no mesmo ambiente e, geralmente, os dois ao mesmo tempo, por isso, às vezes, ficamos brincando no MSN ou conversando um do lado do outro. Quando o primeiro acaba sua obrigação, o outro, geralmente, também desliga o computador se não está mais ocupado ou com obrigações a fazer.

25. Quanto tempo seu companheiro(a) gasta no celular com o trabalho?

R – O celular dele não pára durante o dia e, de noite, quando ele chega em casa, ele desliga o celular para que não traga trabalho para casa.

26. O casal já teve algum conflito diante das tecnologias de comunicação? Poderia citar?

R – Sim, já brigamos quando eu fico mais tempo no computador ou ele também e o outro está esperando. Também temos problema com telefone, quando fico horas falando no telefone e ele gostaria que eu ficasse com ele.

27. Como você se posicionou? Como foi resolvido? Que estratégias usaram?

R – Tudo sempre é resolvido conversando para que não aconteça novamente. Eu, quando estou errada, enxergo e tento explicar porque errei mas, às vezes, não adianta pois eu não estava com problemas e sim apenas conversando.

28. Você deixou de fazer alguma coisa que fazia antes da Internet ou do celular? E o seu companheiro?

R – Não.

29. O casal determinou algum tipo de regras, limites implícitos ou explícitos para o uso da Internet e do celular? Foi de comum acordo?

R – Sim, no caso do celular, nós desligamos quando chegamos em casa. Quanto ao computador, procuramos ficar o mínimo de tempo quando estamos juntos e, quando não estamos satisfeitos, geralmente, conversamos e falamos para o outro o que está acontecendo. Temos usado do nosso bom senso para que o outro não fique se sentindo mal.

30. Você enquanto mulher(homem) fica suspirando e sentindo-se abandonada(o) quando ele(ela) utiliza a Internet ou o celular durante a convivência de vocês?

R – Não, apenas quando ultrapassa muito o tempo e, quando eu peço, ele não desliga.

31. As transformações tecnológicas (Internet e celular) trouxeram maior perigo e oportunidade constante de novos contatos de intimidade e expressão fora do casamento?

R – Sim, hoje em dia é muito fácil conhecermos pessoas através da Internet.

32. Na sua opinião, existe diferença entre relacionamento real e virtual? Explique.

R – Imagino que sim, como eu não tenho nenhuma pessoa que converso apenas virtualmente, eu acredito que as pessoas colocam uma máscara e fingem ser algo que não são, tornando-se pessoas perfeitas para que sejam bem-vindas para aquela pessoa

com a qual se relacionam. Sinto que não deve ser uma relação sincera.

33. E, quando não dá certo o relacionamento virtual, como fica o sujeito?

R – Deve ficar decepcionado.

34. Traição virtual é o mesmo que traição real? Você sabe o que seu(sua) companheiro(a) pensa sobre isso?

R – Acho que sim, pois, se você está conversando virtualmente com alguma pessoa e não conta para o seu parceiro é porque está havendo algum tipo de traição, se você tem que esconder do seu companheiro alguma coisa ou pessoa é porque tem algum sentimento, nem que seja apenas prazer, por exemplo. Também acho que quando eles se conhecem apenas pelo computador, esta relação entre eles não é sincera.

35. Você confia no(a) seu(sua) parceiro(a) quando ele(ela) está no celular? E na Internet?

R – Sim, temos uma relação muito consistente e sincera, por isso confio no meu marido. Se algum dia tiver algum problema acredito que ele será o primeiro a me falar pois conversamos muito e somos muito sinceros um com o outro.

36. O que levaria você ou o(a) seu(sua) companheiro(a) a ser infiel virtualmente?

R – Eu acho que não teria coragem em ser infiel nem que seja através da Internet e, quanto a ele, não imagino o que poderia levá-lo a me trair.

37. Isso assusta você? Que sentimentos ou temores você tem quando se toca nesse assunto?

R – Não me sinto assustada porque não consigo imaginar isto acontecendo.

APÊNDICE VII – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

SUJEITO 4

Casal: **B**

Nome: **RSF**.

Sexo: **masculino**.

Idade: **41**.

Tempo de casado: **18 anos**.

Profissão: **empresário**.

Escolaridade: **superior completo**.

1. Como você percebe a interferência da Internet na sua vida?

R – Acho que veio para auxiliar em muitas coisas, como acesso a informação, transações bancárias, compras diversas e outras.

2. E na relação conjugal?

R – Acho que mais pode atrapalhar do que ajudar. Porque cria, às vezes, uma desconfiança em relação ao comportamento do outro, por exemplo, no caso do orkut, onde a pessoa fica exposta. Mas é bom para facilitar a comunicação quando se está distante.

3. E a interferência do celular?

R – Auxilia muito, permite estar em contato quase o tempo todo, mas também pode ser motivo de preocupação quando não se atende o celular.

4. Você, às vezes, se sente excluída(o) pelo seu(sua) companheiro(a) durante o uso da Internet ou do celular? E como se sente o(a) seu(sua) companheiro(a)?

R – Às vezes, acho que ela conversa com outras pessoas sem eu saber ou não quer que eu saiba. Ela fica com raiva quando insinuo isso, diz que ela não conversa com ninguém mas eu sei que sim. Acho que ela também pensa o mesmo a meu respeito, mas não fala nada para mim.

5. Você acha que o homem do século XXI vem acompanhando a velocidade das transformações na era tecnológica?

R – Acho que alguns avanços não se conseguem acompanhar devido o preço ou falta de informação. Todo dia sai, por exemplo, um computador mais rápido que o anterior, ou um celular com mais acessórios que o anterior.

6. Na sua opinião, quem é o responsável pelo aceleramento tecnológico no qual vivemos?

R – Acho que o próprio homem, buscando tornar tarefas mais fáceis, querendo mais conforto, tentando resolver problemas mais rapidamente e para obter informações.

7. Por que a tecnologia da comunicação comanda o nosso estar no mundo? Por que não conseguimos ignorá-la?

R – Porque se tornou impossível ser um alienado deste mundo digital, pois todos nós precisamos nos comunicar e, hoje, as pessoas se sentem mais isoladas e o telefone ou a Internet nos aproxima. Quase todos têm celulares, queremos pagar nossas contas sem entrar na fila do banco, queremos comprar passagens pela Internet (inclusive, só conseguimos preços mais baratos se comprarmos pela Internet, ou seja, existe uma obrigação de acessarmos).

8. Como eram as possibilidades de relacionamento antes da tecnologia de comunicação e as atuais?

R – Eu acho que as pessoas eram mais românticas, mais próximas, antes da utilização maciça da tecnologia. Hoje, as pessoas são mais superficiais porque é muito fácil encontrar diversas pessoas na Internet, para relacionamentos fugazes.

9. Qual o espaço que a Internet ocupa na sua vida? E na vida do seu companheiro(a)?

R – Muito da minha comunicação com as pessoas é pela Internet. Faço algumas compras. Minha esposa já utiliza menos.

10. E o celular?

R – Tenho uma dependência grande do mesmo, para trabalho e familiar, preocupado onde estão meus filhos e minha esposa. Se não atendem o celular fico preocupado com a segurança deles (se houve um acidente, assalto ou outra coisa do tipo).

11. O que é ser um casal?

R – É estar junto, ficar junto, serem amigos e companheiros, viver junto com mais

momentos de alegria do que tristeza. Brigas ou discussões podem existir, mas devem ser superadas.

12. A tecnologia aproxima ou distancia o casal? Explique.

R – Acho que pode aproximar porque quando se viaja, fica mais barato entrar em contato, por exemplo, utilizando o MSN ou falando pelo Skipe. Mas pode distanciar se a pessoa começa a utilizar muito o computador e esquece do outro.

13. Quando você está insatisfeito com o seu parceiro(a) pelo uso excessivo da Internet ou do telefone, que estratégias você utiliza para lidar com essa situação? Como você age? E como ele(a) age quando não está satisfeito?

R – Normalmente eu acho que ela está utilizando para trabalho e entendo. Quando ela pede para eu desligar, normalmente, atendo o pedido. Em algumas ocasiões preciso continuar o trabalho e ela fica chateada.

14. Você reconhece que seu(sua) companheiro(a) respeita a sua individualidade ou diferenças? E você respeita a dele(a)?

R – Eu acho que nos respeitamos. E isso é que faz com que a gente se dê tão bem.

15. Quando você utiliza e-mail, telefone ou celular de modo privado para o seu companheiro(a), como ele age? E quando é o contrário, como você age?

R – Ela fica chateada. Eu também fico.

16. Você, alguma vez, já se sentiu invadido em sua privacidade, na Internet ou no celular, pelo seu companheiro(a)?

R – Acho que muitas poucas vezes, quando ela pergunta “quem é?” quando estou no celular, mas entendo, acho que é o ciúmes normal de casal.

17. E você já invadiu ou sentiu vontade?

R – Não invadi, mas fico com vontade de saber para quem ela liga no celular ou envia e-mail. Mas prefiro respeitar.

18. Você concorda que houve uma diminuição do tempo dedicado ao lar e um aumento de tempo em relação ao trabalho? Como você gostaria que fosse a distribuição do tempo

dele(a)?

R – Concordo. Hoje trabalhamos todo dia, inclusive no fim de semana e a noite, porque o “chefe” pode ligar a qualquer hora e temos a preocupação de atender. Queria que, após o “expediente” o tempo fosse nosso apenas.

19. Sobra tempo para intimidade conjugal?

R – Sobra. Não vejo problemas nisso.

20. Quando você sai de férias faz uso da Internet e do celular para responder ao trabalho?

R – Faço. E fico chateado comigo mesmo por fazer. Queria sair e esquecer o trabalho.

21. Em casa, quem usa mais a Internet? Quando? Para quê? E por quanto tempo?

R – Minha esposa para trabalhar e estudar. Imagino que cerca de quatro horas por dia. Eu quase não uso em casa, mas no trabalho uso bastante, praticamente o tempo todo.

22. Na sua opinião o seu parceiro(a) traz o trabalho para dentro do lar por obrigação ou também por prazer? E você?

R – Acho que por obrigação. E eu também.

23. Quanto tempo você gasta lendo ou escrevendo *e-mails* em casa? E seu(sua) companheiro(a)?

R – Eu acho que gasto pouco, não dá uma hora por dia e minha esposa também, muito pouco.

24. Atividades como essas tomam muito do tempo que o casal tem disponível para conversar a sós? Como é a comunicação do casal?

R – Acho que pode tomar, mas se o casal souber controlar não atrapalha. Acho que nos comunicamos bem. Às vezes o que atrapalha não é a Internet, mas a televisão.

25. Quanto tempo seu companheiro(a) gasta no celular com o trabalho?

R – Bastante, porque é um meio de comunicação importante no trabalho dela.

26. O casal já teve algum conflito diante das tecnologias de comunicação? Poderia citar?

R – Foi no Orkut. Algum tempo atrás, quando não podiam ser vistas as pessoas que

entravam no orkut, deixaram um recado pra mim do qual ela não gostou, brigamos e eu cancelei o orkut.

27. Como você se posicionou? Como foi resolvido? Que estratégias usaram?

R – Eu expliquei que não conhecia quem deixou o recado, mas ela não acreditava, conversamos, brigamos, até que resolvi cancelar. Gosto muito dela, não vou brigar por pouca coisa.

28. Você deixou de fazer alguma coisa que fazia antes da Internet ou do celular? E o seu companheiro?

R – Acho que nunca mais enviei cartas escritas para alguém.

29. O casal determinou algum tipo de regras, limites implícitos ou explícitos para o uso da Internet e do celular? Foi de comum acordo?

R – Não determinamos regras, mas não ficamos “perdendo tempo” na Internet quando o outro está junto em casa. Nestes momentos só utilizamos para trabalho ou assuntos para a família, como compras, pesquisa de algo que nos interessa.

30. Você enquanto mulher(homem) fica suspirando e sentindo-se abandonada(o) quando ele(ela) utiliza a Internet ou o celular durante a convivência de vocês?

R – Não abandonado, porque entendo que, quando ela está utilizando e eu estou em casa, é porque ela precisa e não é porque não quer ficar comigo. Mas não gosto de ficar esperando.

31. As transformações tecnológicas (Internet e celular) trouxeram maior perigo e oportunidade constante de novos contatos de intimidade e expressão fora do casamento?

R – Acho que sim, porque você pode achar diferentes pessoas rapidamente para conversar e até encontrar. Também pode ficar anônimo, escondido atrás de um computador, sendo quem você gostaria de ser e em contato com pessoas do mundo todo.

32. Na sua opinião, existe diferença entre relacionamento real e virtual? Explique.

R – Acho que podem ter a mesma intensidade, não vejo um como mais forte que o outro. Acho, até, que pode durar muito tempo um virtual, tanto quanto o real, dependendo da imaginação dos dois. Também acho que um virtual pode se transformar em real (já tive

amigos que se conheceram pela Internet e chegaram a se casar).

33. E, quando não dá certo o relacionamento virtual, como fica o sujeito?

R – Acho que na maioria das vezes, a dor é menor quando se termina um relacionamento virtual do que o real, porque aí se pode imaginar que tudo aquilo era fantasia e não realidade.

34. Traição virtual é o mesmo que traição real? Você sabe o que seu(sua) companheiro(a) pensa sobre isso?

R – Eu considero os dois tipos de traição iguais, mas sei que muita gente acha que se não tiver contato físico não é traição. Acho que minha esposa pensa como eu. Traição é traição.

35. Você confia no(a) seu(sua) parceiro(a) quando ele(ela) está no celular? E na Internet?

R – Não acho que posso dar uma resposta direta. Ela nunca me deu motivo para desconfiar, mas não acho impossível que algo ocorra e eu não fique sabendo.

36. O que levaria você ou o(a) seu(sua) companheiro(a) a ser infiel virtualmente?

R – Acho que se não estivermos bem em casa, pode ser que a novidade do virtual, a experiência diferente e o possível anonimato possa facilitar sermos infiel.

37. Isso assusta você? Que sentimentos ou temores você tem quando se toca nesse assunto?

R – Assusta. Prefiro não pensar como algo que possa acontecer realmente, senão acho que a pessoa pode começar a ficar paranóico em querer controlar e vigiar o que o outro está fazendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTON, I. L. C. A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 2000.
- ARAÚJO, A. C. A. <http://7mares.terravista.pt/antoniopsico/portugues/trair/trair.html>, acessado em 12 de setembro de 2004.
- BAUMAN, Z. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 (Trabalho original publicado em 2003).
- CALIL, V. L. L. Terapia familiar e de casal: introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica. São Paulo: Summus, 1987.
- CARNEIRO, T. F. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 Nov 2006.
- CARTER, B. & MC GOLDRICK, M. et al. As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- COLOMBO, S. F. Gritos e sussurros intersecções e ressonâncias: trabalhando com casais. São Paulo: Vetor, 2006.
- DELLA, C. M. F. Lócus de controle e satisfação conjugal. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Brasília, Brasília, 1989.
- FARAH, R. M. & org. Psicologia e informática: o ser humano diante das novas tecnologias. São Paulo: Oficina do Livro Editora, 2004.
- FERREIRA, B. W. Análise de conteúdo. Alethéia, 2000.
- GONZÁLEZ REY, F. L. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Thomson Learning, 2002.
- _____. Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.
- IMBER-BLACK, I. Os segredos na família e na terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- LEITAO, C. F. & NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A Psicologia no novo contexto mundial. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 8, n. 3, 2003. Sítio: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03/Set/2006.
- MEDINA, C. A. O virtual e o real: uma crise de sentido. *Revista Idéias Sistêmica – CEFAI*, janeiro/fevereiro de 2006.

- MINAYO, M. C. de S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde. São Paulo: Hucitec, 1993.
- ____ (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 18, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 03/Set/2006.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. A qual dar crédito? *Estud. psicol. (Natal)*., Natal, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15/Nov/2006.
- PAPP, P. Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- PINHEIRO, D. Trair e teclar, é só começar. Revista Veja, 25 de janeiro de 2006.
- PITTMAN, F. Mentiras privadas – A infidelidade e a traição da intimidade. Tradução de Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- RASERA, E. F. & JAPUR, M. Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. *Estud. psicol. (Natal)*., Natal, v. 9, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15/Nov/2006.
- RENNE, M. Namoros eletrônicos. *Jornal Correio Braziliense*, 23 de abril de 2006.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ROSA, F. Crimes de informática. Campinas: Bookseller, 2005.
- ROSSET, S. M. O casal nosso de cada dia. Curitiba: Sol, 2004.
- SATIR, V. Terapia do grupo familiar. Rio de Janeiro: F. Alves, 1998.
- STREY, M. N. Gênero. In: JACQUES, M. G. (org.) Psicologia social contemporânea. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 181-198.
- TENÓRIO, C. M. D. As tendências para fixação na abertura e no fechamento das fronteiras do self no processo de contato: um estudo teórico – empírico sobre a constituição de tipologias da personalidade numa abordagem gestáltica. Projeto de pesquisa para exame de qualificação de doutorado em psicologia clínica – UnB, 2002.
- ZINKER, J. A busca da elegância em psicoterapia. SP: Summus, 2001.